O Nevoeiro

Stephen King

I. Chega a tempestade

Foi como aconteceu. Na noite em que finalmente cedeu a pior onda de calor da história no norte da Nova Inglaterra-a noite em julho de 19... toda a região oeste do Maine foi devastada pelas mais terríveis tempestades que já testemunhei.

Morávamos em Long Lake e vimos a primeira dessas tempestades abrindo caminho sobre a água, em nossa direção, pouco antes do escurecer. Durante uma hora o ar havia ficado absolutamente parado. A bandeira americana colocada por meu pai em nossa casa de barcos, em 1936, jazia flácida contra seu mastro. Nem mesmo as pontas oscilavam. O calor era como uma coisa sólida, parecendo tão profundo, tão soturno como água de poço. Naquela tarde, nós três tínhamos ido nadar, porém a água não causava alívio, a menos que se fosse bem no fundo. Acontece que, nem eu e nem Steff queríamos ir para o fundo, porque Billy não podia. Billy tem cinco anos.

Tivemos uma refeição fria às cinco e meia, beliscando desanimadamente sanduíches de presunto e salada de batata no passadiço que dá para o lago. Ninguém parecia querer algo mais além de Pepsi, que estava em um balde de aço com cubos de gelo.

Depois que terminamos, Billy voltou a brincar em suas barras de exercícios por algum tempo. Eu e Steffy ficamos sentados, sem falar muito, fumando e espiando o soturno espelho chato do lago até Harrison, no lado oposto ao nosso. Alguns barcoTa motor troavam para lá e para cá. Os pinheiros na margem contrária pareciam empoeirados e murchos. Para oeste, nuvens enormes e purpúreas acumulavam-se lentamente, maciças como um exército. Relâmpagos faiscavam dentro delas. Na casa ao lado, o rádio de Norton, sintonizado para aquela estação de música clássica, transmitida do alto do Monte Washington, soltava uma alta torrente de estática, sempre que brilhava algum

relâmpago. Norton era um advogado de Nova Jersey e aquela casa junto ao Long Lake era apenas uma residência de verão, sem qualquer fornalha ou calefação. Dois anos antes, havíamos tido uma disputa sobre divisas, que acabou indo parar no tribunal do condado. Eu venci. Norton dizia que eu vencera porque ele era um forasteiro. Não havia excessos de amizade entre nós.

Steff suspirou desanimada e abanou o alto dos seios com a barra de sua frente única. Duvidei que aquilo a refrescasse muito, mas o movimento melhorava bastante a vista.

- Não quero assusta-la - falei - mas acho que vem uma tempestade e tanto por ai.

Ela me fitou dubitativamente.

- Já tivemos trovoadas na noite de anteontem e ontem também, David. Não deram em nada.

- Esta noite vai ser diferente.

- Você acha?

- Se a coisa fcar preta, vamos para o andar de baixo.

- Acha mesmo que haverá temporal?

Meu pai tinha sido o primeiro a construir uma moradia que resistisse o ano inteiro, naquele lado do lago. Quando pouco mais do que um garoto, ele e seus irmãos haviam levantado uma casa de verão onde a nossa agora se assentava, mas uma tempestade de verão, em 1938, a derrubara até os alicerces, com paredes de pedra e tudo. Só a casa de barcos escapara. Um ano mais tarde, ele havia começado a casa grande. Agora, as árvores é que sofrem nos temporais fortes. Envelheceram e o vento as derruba. É a maneira da mãe natureza limpar a casa periodicamente.

- Para ser francq, não sei - falei, em tom sincero. Eu tinha apenas ouvido histórias sobre a grande tempestade de trinta e oito. - Contudo, o vento pode soprar do lago como um trem expresso.

Billy apareceu. pouco depois, queixando-se de que não estava divertido brincar nas barras de exercício, porque ele estava "todo suado". Afaguei seus cabelos, desmanchando-os, e lhe dei outra Pepsi. Mais trabalho para o dentista.

As núvens cúmulos, de trovoadas, estavam chegando mais perto, empurrando o azul do céu. Agora não havia mais dúvida sobre a iminência de uma tempestade. Norton desligara seu rádio. Billy sentou-se entre sua mãe e eu, espiando o céu como que fascinado. Os trovões ribombavam, rolando lentamente através do lago, ecoando e voltando a nós. As nuvens se torciam e rolavam, agora encimando todo ó lago, e pude ver uma coifa delicada de chuva que caía delas. Tudo ainda muito distante. Enquanto olhávamos, provavelmente devia estar chovendo em Bolster's Mills, talvez até em Norway.

O ar começou a mover-se, primeiro intermitente, erguendo a bandeira e deixando-a cair de novo. Começou a refrescar e a brisa se firmou, primeiro esfriando a transpiração de nossos corpos, depois parecendo congelá-la.

Foi então que avistei o véu prateado, cruzando o lago. Em segundos, apagou Harrison da vista e veio direto para nós. Os barcos a motor tinham desaparecido do cenário.

Billy levantou-se de sua cadeira, uma réplica em miniatura de nossas cadeiras de diretor, completa com seu nome pintado às costas.

- Papai! Olhe!

- Vamos entrar -falei, levantando-me e passando o braço em torno de seus ombtos.

- Você viu, papai? O que era aquilo?

- Um ciclone de água. Vamos entrar.

Steff lançou um olhar rápido e assustado para meu rosto.

- Vamos, Billy - disse em seguida. - Faça o que seu pai mandou.

Entramos pelas portas deslizantes de vidro que dão para a sala de estar. Fechei as portas, empurrando-asem seus trilhos, depois parei e olhei novamente para fora. O véu prateado já fizera três-quartos do trajeto através do lago. Reduzira-se a uma espécie de xícara de chá girando loucamente entre o céu negro, cada vez mais baixo, e a superfície da água, que ficara cor de chumbo, raiada de branco cromado. O lago começava a oferecer uma fantástica semelhança com o oceano, havia ondas enormes que se quebravam e lançavam espuma acima das docas e quebra-mares. Lá fora, no meio, ondas de crista espumosa jogavam as cabeças para um e outro lado.

Espiar o ciclone líquido era hipnótico. Estava quase sobre nós, quando um relâmpago riscou tudo com tanta luminosidade, que a paisagem permaneceu em negativo nos meus olhos, por trinta segundos depois disso. O telefone fez um assustado ting ! e, quando me virei, vi minha esposa e meu filho, parados bem à frente do janelão que nos dá uma vista panorâmica do lago a noroeste.

Tive uma daquelas terríveis visões - creio que são reservadas exclusivamente para maridos e pais - em que a janela panorâmica se estilhaçava com um som grave de tosse seca, disparando flechas de vidro ao estômago nu de minha esposa, ao rosto e pescoço de meu garoto. Os horrores da Inquisição nada são, comparados às sinas que nossa mente arquiteta para os entes queridos.

Agarrei os dois com firmeza e os puxei dali.

- Diabo, o que estão fazendo? Saiam daí!

Steff deu-me um olhar assustado. Billy apenas olhou para mim como parcialmente despertado de um sono profundo. Guiei-os para a cozinha e apertei o interruptor da luz.

O telefone tilintou novamente.

Então, o vento chegou. Era como se a casa houvesse decolado, imitando um 747. Ouvia-se um assobio arquejante e agudo, às vezes aprofundando-se em um rugido grave antes de glissar para um uivo ululante.

- Vá para baixo! -falei para Steff, agora precisando gritar, a fim de ser ouvido.

Diretamente acima da casa, os trovões estremeciam pranchas gigantescas e Billy encolheu-se, agarrado à minha perna.

- Venha você também! - gritou Steff.

Assenti, fazendo gestos para acalmá-la. Precisei arrancar Billy de minha perna.

- Vá com sua mãe. Preciso apanhar algumas velas, para ocaso da luz faltar.

Ele a seguiu, e eu comecei a abrir armários. Velas são coisas engraçadas, sabem como é. A gente as guarda, todas as primaveras, sabendo que uma tempestade de verão pode interromper a energia elétrica. No entanto, chegado o momento, elas se escondem.

Agora, eu vasculhava o quarto armário, passando pelos quinze gramas de erva que comprara com Steff, quatro anos atrás, mas que ainda não fora inteiramente fumada, passando pelas dentaduras chocalhantes de dar corda, pertencentes a

Billy e compradas na Loja de Novidades de Auburn, passando pelas fotos espalhadas que Steff sempre esquecia de colar em nosso álbum. Olhei debaixo de um catálogo da Sears e atrás de uma boneca Kewpie, de Taiwan, que eu ganhara na Feira de Fryeburg, derrubando garrafas de leite em madeira, com bolas de tênis.

Encontrei as velas atrás da boneca Kewpie, com seus vidrados olhos mortos de ser humano. Ainda estavam embrulhadas no celofane. Quando fechei a mão em torno delas, as luzes apagaram-se e a única eletricidade era a que provinha do céu. A sala de refeições iluminava-se em uma série de flashes rápidos, brancos e purpúreos. Ouvi Billy começando a chorar lá embaixo e o murmúrio sufocado de Steff tentando acalmá-lo.

Eu tinha que dar mais uma espiada na tempestade.

O ciclone líquido já devia ter passado sobre nós ou se dissolvera junto à margem, mas eu não conseguia ver além de vinte metros na superfície do lago. A água estava em absoluto torvelinho. Vi o embarcadouro de alguém - dos Jasser, talvez -arrancado com seus esteios principais, virando-se alternadamente para o céu e enterrando-se na água encapelada.

Desci. Billy correu a agarrar-se em minhas pernas. Levantei-o no colo e o abracei com força. Depois acendi as velas. Sentamo-nos no quarto de hóspedes, abaixo do saguão de meu pequeno estúdio e nos entreolhamos, à tremeluzente claridade amarelada das velas, enquanto ouvíamos a tormenta urrar e sacudir nossa casa. Uns vinte minutos mais tarde, ouvimos um ruído de madeira lascando, depois a queda, quando um dos grandes

pinheiros foi derrubado nas proximidades. Em seguida, houve silêncio.

- Será que já terminou? - perguntou Steff.

- Talvez - respondi. - Talvez, apenas por algum tempo.

Subimos ao andar de cima, cada um carregando uma vela, como monges indo às vésperas. Billy carregava a sua, com cuidado e orgulhosamente. Carregar uma vela, carregar o fogo era uma grande coisa para ele. Ajudava-o a esquecer que tivera medo.

Estava muito escuro, para ver-se quais os danos existentes em volta da casa. Já passara da hora de Billy dormir, mas nenhum de nós sugeriu levá-lo para a cama. Sentados na sala de estar, ouvíamos o vento e olhávamos os relâmpagos.

Cerca de uma hora mais tarde, o temporal voltou. Durante três semanas, a temperatura passara dos trinta e dois graus e, em seis daqueles vinte e um dias, o Serviço Nacional de Meteorologia sediado no aeroporto de Portland, anunciara temperaturas acima de trinta e cinco graus e meio. Tempo esquisito. Além do extenuante inverno que havíamos atravessado e da primavera atrasada, algumas pessoas tinham desencavado aquela velha piada sobre os efeitos retardados dos testes com a bomba A nos anos cinqüenta. Isso é, naturalmente, o fim do mundo. A mais velha piada de todas.

A segunda borrasca não foi tão violenta, mas ouvimos a queda de várias árvores, enfraquecidas pela primeira investida. Quando o vento começou a esmorecer novamente, ouviu-se uma forte pancada no teto, como um punho que caísse sobre

a tampa de um ataúde. Billy deu um salto e olhou apreensivamente para o alto.

- Ele agüenta, campeão - falei.

Billy sorriu nervosamente.

Por volta das dez da noite, chegou a última borrasca. Terrível. O vento ululava quase tão alto como da primeira vez e os relâmpagos pareciam explodirem toda a nossa volta. Mais árvores caíram e ouvimos um ruído de madeira estilhaçada, seguido de uma queda, perto da água. Steff sufocou um grito. Billy acabara dormindo em seu colo.

- O que foi isso, David?

- Acho que foi a casa de barcos.

- Oh! Oh, meu Deus!

- Vamos todos para baixo novamente, Steffy - falei.

Tomei Billy nos braços e levantei-me com ele. Os olhos de Steff estavam arregalados e cheios de medo.

- Será que vamos ficar bem, David?

- Claro.

- Fala sério?

- Naturalmente.

Fomos para baixo. Dez minutos mais tarde, quando a borrasca final atingiu o auge, houve uma barulheira de vidros espatifados no andar de cima-a janela panorâmica. Talvez a minha visão de horas antes não houvesse sido assim tão louca. Steff estivera cochilando e acordou com um pequeno grito agudo, enquanto Billy se remexia inquietamente na cama de hóspedes.

- A chuva entrará em casa - disse ela. - Acabará com os móveis.

- Se entrar, paciência. Está tudo no seguro.

- Isso não torna as coisas melhores -disse ela, em voz perturbada e reprovadora. - A cômoda de sua mãe... nosso sofá novo... a TV colorida...

- Psst - falei. - Durma.

- Não posso - respondeu ela, mas dormia cinco minutos depois.

Fiquei acordado por outra meia hora, tendo uma vela acesa por companhia, ouvindo o temporal caminhar e falar lá fora. Tive a sensação de que, pela manhã, haveria uma porção de residentes das margens do lago ligando para seus agentes de seguro, um bocado de serras zumbindo, enquanto os moradores cortavam as árvores caídas em seus tetos e varado suas janelas, bem como inúmeros caminhões amarelos da companhia de eletricidade rodando nos arredores.

O temporal agora diminuía, sem nenhum sinal de nova borrasca. Subi ao andar de cima, deixando Steff e Billy na cama. Examinei a sala de estar. A porta de vidro deslizante agüentara o rojão. Entretanto, no lugar onde antes houvera a janela panorâmica, agora havia um buraco chanfrado e recheado de folhas de bétula. Era o topo da velha árvore que crescia junto à entrada lateral para o porão, desde que eu podia recordar. Olhando para seu topo, agora visitando nossa sala de estar, podia entender o que Steff quisera dizer, ao falar que o seguro não tornava as coisas melhores. Eu amara aquela árvore. Havia sido uma rude veterana de muitos inver-

nos, a única árvore no lado da casa dando para o lago, que ficara isenta de minha própria serra de cadeia. Enormes estilhaços de vidro em cima do tapete, refletiam e repetiam a claridade de minha vela. Lembrei-me de avisar a Stefie Billy. Teriam que usar seus chinelos ali. Os dois gostavam de perambular descalços pela manhã.

Desci novamente ao andar de baixo. Dormimos os três na cama de hóspedes, com Billy entre nós dois. Sonhei que via Deus caminhando através de Harrison, no lado oposto do lago, um Deus tão gigantesco que, da cintura para cima, ficava perdido em um cristalino céu azul. No sonho, eu podia ouvir o estalo lacerante e o ruído de árvores lascadas se

quebrando, quando Deus pisava forte nos bosques, imprimindo Suas pegadas entre as árvores. Ele circulava o lago, seguia para o lado de Bridgton, em nossa direção. Todos os chalés e casas de verão explodiam em chamas branco-púrpura, como relâmpagos, e logo a fumaça encobria tudo. A fumaça encobria tudo como um nevoeiro.

II. Depois da tempestade. Norton. Viagem à cidade.

- Poxa! - exclamou Billy.

Ele estava em pé junto à cerca divisória entre nossa propriedade e a de Norton, com os olhos cravados em nossa entrada para carros, mais abaixo. Essa entrada de carros segue por uns duzentos e cinqüenta metros até uma estrada rural que, por sua vez, após uns setecentos e cinqüenta mais, emenda-se a uma outra, asfaltada e com duas pistas, chamada Estrada Kansas. Da Estrada Kansas, pode-se ir a qualquer lugar desejado, desde que seja Bridgton.

Vi o que Billy olhava e meu coração gelou.

- Não chegue mais perto, campeão. Onde você está já chega!

Billy não discutiu.

A manhã era brilhante e tão límpida como um toque de sino. O céu que mostrara uma tonalidade suja e obscura durante a onda de calor, recuperara um vívido azul que era quase outonal. Havia uma brisa leve, desenhando alegres manchas mosqueadas de sol na entradade carros e movendo-as de um lado para outro. Não muito longe de onde estava Billy, ouvia-se um permanente ruído sibilante e, sobre a relva, estava o que, à primeira vista, seria tomado por um confuso enrodilhado de serpentes. Os cabos de força que vinham até nossa casa haviam caído emaranhados, a cerca de seis metros de distância, e jaziam sobre um retalho queimado de relva. Os cabos contorciam-se preguiçosamente e cuspiam. Se as árvores e o gramado não estivessem tão encharcados pelas chuvas torrenciais, aquilo poderia significar o fim para a casa. Agora, no entanto, havia apenas aquele retalho negro, onde os fios tinham tocado diretamente.

- Isso pode letocrutar uma pessoa, papai?

- Hã-hã. Pode sim.

- E o que a gente faz com isso?

- Nada. Vamos esperar pela companhia de eletricidade.

- E quando é que eles chegam?

- Não sei. - Garotos de cinco anos têm uma infinidade de perguntas a fazer. - Acho que eles andam muito ocupados esta manhã. Quer dar uma caminhada até o fim da alameda comigo?

Ele começou a andar e então parou, olhando nervosamente para os fios. Um deles se

revirara e caíra de lado preguiçosamente, como que em um aceno.

- Papai, a letricidade pode andar no chão?

Uma pergunta sensata.

- Pode, mas não se preocupe. A eletricidade quer o chão, não você, Billy. Nada lhe acontecerá, se ficar longe dos fios'.

- Ela quer o chão - murmurou Billy, caminhando para mim.

Seguimos pela entrada de carros, de mãos dadas. A coisa havia sido pior do que eu imaginara. Vi árvores caídas sobre a alameda em quatro pontos diferentes, uma delas de pequeno porte, outra médiana e uma vetusta, cujo tronco deveria medir metro e meio. O musgo aderira a ela como um corpete enlameado.

Galhos, alguns quase despidos das folhas, jaziam por toda parte, em desordenada profusão. Eu e Billy fomos até a estrada rural, atirando os ramos menores para o meio do mato, às margens da alameda. Aquilo me recordava certo dia de verão, talvez uns vinte e cinco anos antes; eu talvez não fosse muito mais velho do que Billy agora. Todos os meus tios estavam ali e haviam passado o dia nos bosques, com machados e machadinhas, cortando mato. Já tarde avançada, haviamse acomodado todos em voltada mesa de cavaletes que meus pais usavam para piqueniques e entregaram-se a uma refeição monstro de cachorros-quentes, hamburgers e salada de batata. A cerveja ' Gansett rolara como água, e meu tio Reuben mergulhara no lago inteiramente vestido, inclusive com os sapatos. Naquele tempo, ainda havia alces nos bosques.

- Posso descer até o lago, papai?

Ele já se cansara de atirar galhos, de maneira que a coisa a fazer com um garo

tinho, quando se cansa, é deixá-lo fazer algo diferente.

- Claro - respondi.

Voltamos juntos e então Billy foi para a direita, contornando a casa e mantendo uma grande distancia dos fios caídos. Eu tomei a esquerda e fui à garagem, pegar minha serra McCullough. Como desconfiara, já podia ouvira cantiga desagradável de outras serras, abaixo e acima, na margem do lago.

Completei o tanque, tirei a camisa eia voltar para a alameda, quando Steff saiu. Ela olhou nervosamente para as árvores caídas, atravancando a entrada de carros.

- Está muito difícil?

- Posso dar um jeito - respondi. - E lá dentro?

- Bem, já limpei os vidros partidos, mas você terá que fazer algo com aquela árvore, David. Não podemos ficar com uma árvore na sala de-estar.

- Não - concordei. - Acho que não podemos.

Entreolhamo-nos ao sol da manhã e demos risadinhas sufocadas. Coloquei a serra na área cimentada e beijei Stefi, segurando suas nádegas com firmeza.

- Não faça isso - murmurou ela. - Billy está...

Ele surgiu gritando, enquanto dobrava a esquina da casa.

- Pai! Papai! Você tem que ver o...

Steff vira os fios soltos e gritou para ele tomar cuidado. Ainda a boa distância deles, Billy estacou de súbito e fitou a mãe, como se ela estivesse doida.

- Eu estou legal, mamãe - disse ele, naquele cuidadoso tom de voz que se emprega para acalmar os muito velhos e senis.

Depois caminhou para nós, mostrando o quanto estava bem. Steff começou a tremer em meus braços.

- Está tudo bem - falei em seu ouvido. - Billy sabe sobre esses fios.

- Sim, mas pessoas morrem -respondeu ela. Vêem anúncios na televisão o tempo todo, alertando sobre fios soltos, mas mesmo assim... Billy, quero que vá imediatamente para dentro!

- Oh, mãe, poxa! Quero mostrar a casa de barcos a papai!

Billy tinha os olhos quase esbugalhados de excitamento e desapontamento. Acabara de testemunhar uma amostra retardada do apocalipse e queria partilhá-

- Entre agora mesmo! Aqueles fios são perigosos e...

- Papai disse que eles querem o chão, não a mim...

- Não discuta comigo, Billy!

- Vou descer e dar uma espiada, campeão. Desça você também. - Pude sentir Steff retesar-se contra mim. - Vá pelo outro lado, filho.

- Tá bem! Eu vou!

Billy passou por nós correndo e desceu a escada de pedra que seguia para o oeste da casa, pulando os degraus de dois em dois. Desapareceu de vista com a fralda da camisa esvoaçando ao vento, e uma exclamação pairou no ar -"Uau!" - quando localizou outra peça de destruição.

- Ele já sabe sobre os fios, Steff. - Tomei-a delicadamente pelos ombros. Billy tem

medo deles. Isso é bom. Deixa-o em segurança.

Uma lágrima lhe deslizou pelo rosto.

- Estou com medo, David.

- Ora, vamos! Tudo já terminou.

- Será? No inverno passado... e na primavera retardada... Na cidade, deram o nome de primavera negra... Eles disseram que nunca mais houvera outra, desde 1888...

"Eles", certamente significavam a Sra. Carmody, dona do Antiquário de Bridgton, uiva loja de quinquilharias que Steff gostava de vasculhar de quando em quando. Billy adorava acompanhá-la. Em um dos sombrios e poeirentos aposentos dos fundos, corujas empalhadas com olhos orlados de dourado, estendiam as asas para sempre, enquanto os pés agarravam-se eternamente a troncos envernizados; raccons empalhados formavam um trio à volta de uma "corrente", que não passava de um comprido fragmento de espelho empoeirado, e um lobo comido de traças, espumando serragem em vez de saliva em torno da

queixada, arreganhava a boca em arrepiante e eterno rosnado. A Sra. Carmody garantia que o lobo tinha sido abatido por seu pai, quando bebia no arroio Stevens, em certa tarde de setembro de 1901.

As expedições à loja de antiguidade da Sra. Carmody faziam bem a minha esposa e meu filho. Ela se internava em uma feira cheia de vidros espelhados, enquanto ele via a morte, sob o nome de taxidermia. Contudo, eu ainda achava que a velha exercia uma influência bastante desagradável sobre e mente de Steff que, em outros sentidos, era prática e obstinada. .A Sra. Carmody encontrara o ponto vulnerável de Steff, seu calcanhar de Aquiles mental. Aliás, Steff não era a única na cidade que ficava fascinada com os pronunciamentos góticos da Sra. Carmody e seus remédios populares (sempre prescritos em nome de Deus).

Água com tocos de cigarros é boa para contusões, quando seu marido gosta de usar os punhos, depois de uns três drinques. Pode-se saber que tipo de inverno vai chegar, contando-se os anéis das lagartas em junho ou medindo a espessura dos favos de melem agosto. E agora, que o bom Deus nos proteja e guarde, A PRIMA VERA NEGRA DE 1888 (acrescente tantos pontos de exclamação quantos achar que deva). Eu também ouvira a história. É do tipo que gostam de passar adiante, por aqui - se a primavera for fria o suficiente, o gelo nos lagos eventualmente ficará negro como um dente cariado. É coisa rara, ocorrência que dificilmente acontece em um século. Eles gostam de falar nisso para os outros, mas duvido que com maior convicção do que a Sra. Carmody.

- Tivemos um inverno duro e uma primavera atrasada - falei. - Agora, vamos ter um verão muito quente. Houve esta tempestade furiosa, mas já terminou. Não está agindo com naturalidade, Stephanie.

- Essa não foi uma tempestade comum -disse ela, na mesma voz roufenha.

- Não, não foi. Nisso, concordo com você

Bill Giosti é que me contara a história da Primavera Negra, BUI possuía e dirigia - já há uma temporada - o Giosti's Mobil, em Casco Village. Ele operava a casa com seus três filhos beberrões (e ajuda ocasional dos quatro netos beberrões... quando estes podiam largar um pouco a lanternagem de seus snowmobiles

e bicicletas para estradas de terra). Bill estava com setenta anos, aparentava oitenta e podia beber como se tivesse vinte e três, quando sentia disposição. Eu e Bill havíamos levado o Scout para encher o tanque, no dia seguinte ao de uma tormenta-surpresa em meados de maio, que deixou a região com quase trinta centímetros de neve molhada e compacta, que cobriu a grama e flores recentes. Giosti andara entornando uns copos e estava feliz em passar adiante a história da Primavera Negra, com floreios pessoais. Enfim, às vezes temos neve em maio ela vem e vai embora; dois dias mais tarde. Não é nenhum fenômeno.

Steff voltara a olhar pensativamente para os fios caídos.

- Quando será que o pessoal da companhia de eletricidade virá dar um jeito neles?

- Assim que for possível. Não vai demorar muito. Só quero que não se preocupe com Billy. Ele tem a cabeça no lugar. Esquece de guardar as roupas, mas não irá pisarem cima de um monte de fios caídos. Billy é um garoto vivo, saudável e inteligente. - Toquei um canto de sua boca e a forcei ao começo de um sorriso. - Está melhor agora?

- Você sempre torna as coisas melhores - disse ela, fazendo com que me sentisse bem.

Do lado da casa dando para o lago, Billy gritava para nós irmos lá ver alguma coisa.

- Venha - convidei. - Vamos apreciar os estragos.

Ela resmungou soturnamente.

- Não quero apreciar estrago nenhum. Vou para minha sala de estar e ficar lá sentada.

- Venha - insisti. - Deixará um garotinho feliz.

Descemos a escada de pedra, de mãos dadas. Mal havíamos chegado à primeira curva, quando Billy surgiu correndo da direção contrária, quase se chocando conosco, tal a sua pressa.

- Ei, calma! - disse Steff, franzindo de leve as sobrancelhas.

Em sua mente, talvez o visse escorregando para aquele mortal ninho de fios eletrizados, em vez de contra nós dois.

- Vocês têm que ver! - ofegou Billy. - A casa de barcos está toda rebentada! Tem um cais em cima das pedras... e árvores no abrigo de barcos... Jesus Cristo!

- Billy Drayton! - gritou Steff.

- Desculpe, mãe... mas você tem que... uau! - e ele se foi.

- Depois que solta as notícias, a pitonisa cai fora - falei, e isso fez Steff rir sufocado novamente. - Escute, assim que cortar aquelas árvores da entrada de carros, irei até os escritórios da companhia de eletricidade, em Portland Road. Direi ao pessoal da Central Maine Power o que temos por aqui. Está bem?

- Certo - disse ela, aliviada. - Quando acha que pode ir?

Exceto pela árvore maior - a que tinha o apertado corpete de musgo - eu teria cerca de uma hora de trabalho. Incluindo a grandona, haveria tarefa para até as onze ou coisa assim.

- Bem, então preparo o almoço para você aqui. E quando for, quero que me traga algumas coisas do supermercado... estamos quase sem leite e manteiga. Além disso... hum, acho que terei de fazer uma lista.

Mostrem um desastre a uma mulher e ela começa a querer estocar coisas, como um esquilo. Fiz-lhe um afago e assenti. Contornamos a casa. Bastou-me um olhar e entendi por que Billy ficara atônito.

- Céus! - exclamou Steff, em voz fraca.

De onde estávamos, havia altura suficiente para avistar praticamente uns duzentos e cinqüenta metros de margem do lago - a propriedade dos Bibber à esquerda, depois a nossa e a de Brent Norton à direita.

O velho e gigantesco pinheiro que havia protegido nosso abrigo de barcos, havia sido dividido ao meio, de alto a baixo. O que sobrara parecia um lápis brutalmente afilado. O interior da árvore mostrava um brilhante e indefeso branco, contra a casca escura do tronco, envelhecida pela idade. Com trinta metros de altura ao todo, o velho pinheiro tivera a metade superior parcialmente submergida nas águas rasas de nosso abrigo. Ocorreu-me que havíamos tido muita sorte por nosso pequeno Star-Cruiser não haver afundado sob o pinheiro. Na semana anterior, seu motor andara falhando e o barco continuava na marina de Naples, esperando pacientemente a volta para casa.

Do outro lado de nosso pequeno trecho dando para a água, a casa de barcos que meu pai construíra -a mesma que um dia acolhera um Chris-Craft de 18 metros, quando a fortuna familiar dos Drayton estava mais alta alguns pontos do que nos dias presentes - jazia debaixo de outra árvore enorme. Como vi, era a que se erguia junto à linha divisória de propriedades, no lado de Norton. Aquilo me fez brotar o primeiro jato de raiva. Há cinco anos aquela árvore estava morta e há muito ele devia tê-la derrubado. Fizera três quartos do trajeto da queda, estando escorada por nossa casa de barcos. O teto oferecia uma aparência bêbada, desmantelada. Do buraco produzido pela árvore, o vento espalhara telhas de madeira por toda a ponta de terra onde se erguia a construção. A descrição de Bil ly - "rebentada" - encaixava-se perfeitamente.

- A árvore de Norton! - exclamou Steff.

Sua voz tinha tal fúria indignada, que acabei sorrindo, apesar de meu sofrimento. O mastro da bandeira jazia na água e a 0ld Glory* jazia encharcada a seu lado, em um emaranhado de passadeira. E eu já podia adivinhar a resposta de Norton: Processe-me.

Billy. estava em pé no quebra-mar rochoso, examinando o embarcadouro que fora parar em cima das pedras. Era pintado em joviais listras amarelas e azuis. Olhando para nós por sobre o ombro, ele gritou, jubiloso:

- É o dos Martin, não é?

- Sim, é - respondi. - Quer entrar na água e pescar a bandeira, Grande Bill?

- Claro!

À direita do quebra-mar havia uma pequena praia arenosa. Em 1941, antes que Pear! Harbor ajustasse uma conta de sangue com a Depressão, meu pai contratara um homem para trazer aquela areia fina em seu caminhão - haviam sido seis viagens lotadas -e a espalhasse em uma espessura que me chegava até quase as axilas, cerca de metro e meio, digamos. O homem cobrara oitenta pratas pelo trabalho e a areia nunca se movera dali. Só que, atualmente, ninguém mais pode criar uma praia arenosa em sua própria terra. Agora, com todo o escoamento de esgotos, provenientes da onda industrial de construções, matando a maioria dos peixes e tornando os restantes impróprios para o consumo, o pessoal que zela pela

conservação ambiental proibiu a instalação de praias de areia. Compreende-se, elas podiam alterar a ecologia do lago e, por enquanto, é contra a lei que alguém faça isso, exceto os donos de loteamentos.

Billy foi recolher a bandeira-e então estacou. No mesmo instante, senti Steff retesar-se contra mim, e foi quando também vi. O lado do lago onde ficava Harrison havia desaparecido. Estava sepultado debaixo de um nevoeiro branco-brilhante, como uma nuvem de tempo bom que houvesse caído à terra.

O sonho daquela noite me voltou à cabeça e, quando Steff me perguntou o que era aquilo, a palavra que quase me saltara dos lábios era Deus.

- David?

Não se conseguia avistar o menor trecho de margem naquele lado, mas os muitos anos olhando para Long Lake me fizeram crer que a orla não estivesse tão escondida; talvez apenas metros. A borda do nevoeiro era quase tão reta como uma régua.

- O que é aquilo, papai? - gritou Billy, afundando na água até os joelhos e tentando puxar a bandeira encharcada.

- Um banco de nevoeiro - respondi.

- Em cima do lago? - exclamou Steff, dubitativa.

Pude sentirem seus olhos a influência da Sra. Carmody. Maldita mulher! Meu momento pessoal de inquietação estava passando. Afinal de contas, sonhos são coisas insubstanciais, como o próprio nevoeiro.

- Claro. Você já viu nevoeiro sobre o lago antes.

- Nunca uma coisa assim. Aquilo mais parece uma nuvem.

- É por causa da claridade do sol - falei. - Como nuvens que vemos de um avião, ao voarmos acima delas.

- Como é possível? - insistiu ela. - Só temos nevoeiro no tempo úmido.

- Temos um justamente agora - respondi. - Harrison tem, pelo menos. Alguma sobra da tempestade, nada mais. Encontro de duas frentes. Qualquer coisa nesse sentido.

- Você tem certeza, David?

Dei uma risada e passei o braço por seu pescoço.

- Não. A verdade é que estou dizendo asneiras como um louco. Se tivesse certeza, estaria anunciando o tempo, no noticiário das seis. Ande, vá fazer sua lista de compras.

Ela me lançou outro olhar dubitativo, virou-se para o banco de nevoeiro por um instante, com a mão em pala sobre os olhos, depois meneou a cabeça.

- Esquisito - disse, e começou a andar.

Para Billy, o nevoeiro já havia perdido a novidade. Conseguira pescar da água a bandeira encharcada e um enredado de passadeira. Espalhamos tudo na grama para secar.

- Me disseram que a gente nunca pode deixar a bandeira encostar no chão, papai - disse ele, no tom sério de vamos-resolver-esta-questão.

- É mesmo?

- Hã-hã. Victor McAllister disse que eles letrocutam gente que faz isso.

- Pois diga a Vic que ele está recheado daquilo que faz a grama ficar verde.

- Esterco, certo?

Billy é um garoto vivo, mas curiosamente sério. Para o campeão, tudo tem que ser encarado com seriedade. Espero que viva o bastante para aprender que, neste mundo, essa é uma atitude perigosa.

- Certo, mas não conte para sua mãe que eu disse. Quando a bandeira secar, nós a tiramos daqui. Podemos até dobrá-la em chapéu de bico, e assim ninguém nos acusará de nada.

- Vamos consertar o telhado da casa de barcos e ter um mastro de bandeira novo, papai?

Pela primeira vez, Billy parecia ansioso. Talvez já estivesse visto destruição suficiente em tão pouco tempo. Apertei-lhe o ombro.

- Tudo a seu tempo, campeão.

- Posso ir até a casa dos Bibber e ver o que aconteceu por lá?

- Vá, mas não demore muito. Eles também devem estar limpando tudo e, às vezes, isso deixa as pessoas um pouco zangadas.

Era como, no momento, me sentia em relação a Norton.

- Está bem. Tchau! - e ele saiu correndo.

- Procure não atrapalhar ninguém, campeão. Ei, Billy!

Ele olhou para trás.

- Lembre-se dos fios eletrizados. Se encontrar outros, fique longe deles, entendido?

- Eu fico, papai.

Continuei ali por um momento, primeiro verificando os estragos, depois tornando a observar o nevoeiro. Ele agora parecia mais perto, porém era difícil afirmar com segurança. Se estava mais perto, desafiava todas as leis da natureza, porque o vento - uma brisa muito suave - soprava contra ele. Isso, evidentemente, era de todo impossível. O nevoeiro era de uma alvura surpreendente. A única coisa com que podia compará-lo, seria neve caída de pouco, jazendo em ofuscante contraste contra o brilho azul-forte do céu invernal. Contudo, a neve reflete centenas e centenas de brilhos ao sol, como diamantes, e aquele peculiar banco de nex oiro, embora cintilante e de aparência límpida, não faiscava. A despeito do que havia dito Steff, não é incomum o surgimento de nevoeiro em dias límpidos, mas havendo grande quantidade, a umidade suspensa em geral produz um arco=íris. E ali não havia nenhum arco-íris.

A inquietação voltou, espicaçando-me, mas antes que me concentrasse nela, ouvi um surdo som mecânico - via-via-via! - seguido por um "Merda!" quase inaudível. O som mecânico repetiu-se, agora sem xingamento. Da terceira vez, o som abafado foi seguido por "Porra!", naquele mesmo tom sufocado de estousozinho-mas puto-da-vida.

Vnt-rrlt-rtlt-rilt...

...Silêncio,..

... então: "Filha da mãe".

Comecei a rir. O som se transmite longe por aqui e todo o zumbido das serras de cadeia estava razoavelmente distante. Distante o suficiente para que eu pudesse identificar os tons não-tão-doces de meu vizinho do lado, o prestigioso advogado e residente-do-lago. Brenton Norton.

Cheguei um pouco mais perto da água, simulando caminhar para o cais que servia ao aosso embarcadouro. Agora, podia ver Norton. Estava na clareira ao lado de seu alpendre telado, em pé sobre um tapete de velhas agulhas de pinheiro, vestindo um jeans salpicado de tinta e uma camiseta branca sem mangas. Seus cabelos, cortados a quarenta dólares, estavam em desalinho, o suor lhe pingava do rosto. Abaixando-se sobre um joelho, voltou a trabalhar em sua serra de cadeia. Era muito maior e mais moderna do que a minha, pequena e que me custara 79,95 dólares. De fato, aquela serra parecia ter tudo, menos um botão de partida. Norton puxava um cordel, produzindo os apáticos sons de vrrt-vrrt-vrd, e nada mais. Fiquei profundamente satisfeito, ao ver que uma bétula amarela havia caído em cima de sua mesa de piquenique, partindo-a ao meio.

Norton deu um tremendo puxão no cordel do arranque.

Viu-vut-vutvutvut-VAT!VAT!VAT!... VAT!... Via.

Você conseguiu, por um instante, cara.

Outro hercúleo puxão.

V14-vut-vut.

- Filha da puta --r sussurrou Norton ferozmente, mostrando os dentes para sua moderna serra de cadeia.

Voltei para casa, contornando o prédio, sentindo-me realmente bem pela primeira vez, desde que me levantara. Minha serra começou a funcionar ao primeiro puxão do cordel, e então fui trabalhar.

Por voltadas dez horas, houve um tapinha em meu ombro. Era Billy, com uma lata de cerveja em uma das, mãos e a lista de Steff na outra. Enfiei a lista no bolso de trás de meu jeans e peguei a cerveja, que não estava estupidamente gelada, mas pelo menos gelada. Sorvi quase metade de uma vez - raramente uma cerveja cai tão bem - e ergui a lata, em um cumprimento a Billy.

- Obrigado, campeão.

- Posso beber um pouquinho?

Deixei-o beber um gole. Ele fez uma careta e devolveu-me a lata. Sorvi o restante e surpreendi-me no instante em que ia amassar a lata ao meio. Há mais de três anos estava em vigor a lei sobre devolução de latas e garrafas, mas velhas manias custam a desaparecer.

- Mamãe escreveu uma coisa no fim da lista, mas não entendo a letra dela disse Billy.

Tornei a examinar a lista. "Não consigo pegar a WOXO no rádio," dizia a nota de Steff. "Será que a tempestade tirou a estação do ar?"

WOXO é o nosso automatizado distribuidor local de rock em FM. irradia de

Norway, cerca de trinta quilômetros ao norte, sendo tudo o que nosso velho e fraco rádio FM conseguia pegar.

- Diga a ela que é possível -falei, após lera pergunta para ele. -Pergunte a sua mãe se consegue pegar Portland, na faixa AM.

- Está bem, papai. Posso ir com você, quando for à cidade?

- Claro. E mamãe também, se ela quiser ir.

- Okuy.

Billy correu de volta à casa, levando a lata vazia. Abri meu caminho até a árvore grandalhona. Fiz o primeiro corte, serrei através dele e depois desliguei a serra por alguns momentos, para esfriar - a árvore era realmente muito grossa para ela, mas pensei que tudo daria certo, se fosse com calma. Perguntei-me se a estrada de terra indo até Kansas não estaria livre de árvores tombadas e, justamente então, um caminhão alaranjado da companhia de eletricidade rodou à minha vista, sem dúvida indo para a extremidade mais distante de nossa estradinha. Aquilo dava a entender que tudo estava indo bem. A estrada permanecia livre e, por volta de meio dia, o pessoal da eletricidade estaria ali, a 6m de dar um jeito naqueles fios eletrizados e caídos.

Destaquei uma boa tora da árvore, arrastei-a para um lado da alameda e a deixei cair à margem. O pedaço de madeira rolou pela encosta, desaparecendo entre o matagal que havia crescido, há muito tempo atrás, quando meu pai e meus irmãos - todos eles artistas, porque os Drayton sempre tinham sido uma família de artistas - o haviam desbastado.

Limpei o suor do rosto com o braço e ansiei por outra cerveja; uma única, só serve realmente para preparar a boca. Tornei a empunhar a serra e pensei na WOXO fora do ar. Era daquela direção que tinha vindo o esquisito banco de nevoeiro. Também era aquela a direção em que fica Shaymore (os locais pronunciavam Shammorel. E, em Shaymore sediava-se o Projeto Ponta de Flecha.

Era essa a teoria do velho Bill Giosti sobre a chamada Primavera Negra: o Projeto Ponta de Flecha. Na parte oeste de Shaymore, não muito afastado de onde a cidade se delimita com Stoneham, havia uma pequena reserva do governo, cercada de arame, com sentinelas e câmaras de televisão em circuito fechado, além de só Deus sabe o que mais. Pelo menos, era o que eu tinha ouvido; em realidade, nunca vira o lugar, embora a Estrada Velha de Shaymore passe ao longo do lado leste da terra do governo, por cerca de dóis quilômetros.

Ninguém sabia ao certo de onde surgira o nome Projeto Ponta de Flecha e ninguém poderia dizer, com cem por cento de segurança, se aquele era realmente o nome do projeto - se é que havia algum projeto. Bill Giosti dizia que havia, mas quando se perguntava onde conseguira tal informação, ele ficava evasivo. Alegava que sua sobrinha trabalhava para a Companhia Telefônica Continental e tinha ouvido coisas. E tudo ficava nisso.

- Coisas atômicas - havia dito Bill nesse dia, debruçando-se à janela do Scout e expelindo uma saudável baforada alcoólica em meu rosto. - É nisso que andam envolvidos por lá. Disparando átomos no ar e coisas assim.

- O ar está cheio de átomos, Sr. Giosti -replicara Billy. -Foi o que a Sra. Neary disse. A Sra. Neary disse que tudo está cheio de átomos.

Bill Giosti deu a meu filho um longo olhar injetado de sangue, que finalmente o desinflou.

- Aqueles são átomos difèrente.s, filho.

- Ahnn... - murmurou Billy, entregando os pontos.

Dick Muehler, nosso agente de seguros, afirmava que o Projeto Ponte de Flecha, era uma estação agrícola dirigida pelo governo, nem mais nem menos.

- Tomates maiores, com uma temporada mais prolongada de crescimento acrescentou sabiamente, antes de voltar a explicar-me como ajudar minha família de modo mais eficiente, morrendo jovem.

Jannine Lawless, nossa agente postal, disse que lá havia um trabalho de pesquisa geológica, tendo algo a ver com petróleo de xisto. Tinha certeza do que dizia, porque o marido de seu irmão trabalhara para um homem que havia...

E quanto à Sra. Carmody... ela provavelmente tendia mais para o ponto de vista de Bill Giosti. Não apenas átomos, mas átomos diferentes.

Cortei mais dois bons pedaços da enorme árvore e os larguei a um lado, antes de Billy voltar com uma nova lata de cerveja em uma das mãos e um bilhete de Steff na outra. Se existe alguma coisa que o Grande Bill adore fazer, mais do que entregar mensagens, não imagino o que seja.

- Obrigado - falei, pegando as duas coisas.

- Posso tomar um gole?

- Só um. Você tomou dois da última vez. Não quero ver você andando embriagado por aí, às dez horas da manhã.

- Dez e quinze -disse ele, sorrindo timidamente por sobre abordada lata.

Sorri de volta - não que aquela fosse uma grande piada, convenhamos, mas Billy as faz muito raramente - e então li o bilhete.

"Peguei a JBQ no rádio", escrevera Steff. "Não se embriague antes de ir à cidade. Beba mais uma lata, mas é só, antes do almoço. Acha que nossa estrada está desimpedida?"

Devolvi o bilhete a Billy e peguei minha cerveja.

- Diga a ela que a estrada está livre, porque acabou de passar um caminhão da companhia de eletricidade. Eles estão vendo se chegam até aqui.

- Está bem.

- Campeão?

- O que é, pai?

- Diga a ela que está tudo certo.

Ele tornou a sorrir, talvez primeiro repetindo aquilo para si mesmo.

- Okav - respondeu.

Correu de volta à casa e fiquei vendo-o afastar-se, pernas movimentando-se rapidamente, as solas da sandália aparecendo. Eu o amo. É seu rosto, às vezes a maneira como os olhos se erguem para os meus, que me fazem sentir como se tudo

está realmente certo. Mentira, claro -as coisas não andam certas e nunca andaram - mas meu filho faz-me acreditar na mentira.

Bebi um pouco da cerveja, pousei a lata cuidadosamente em cima de uma pedra e tornei a pegar a serra. Uns vinte minutos mais tarde, senti um leve toque no ombro e me virei, esperando ver Billy outra vez. Não era ele, mas Brent Norton. Desliguei a serra.

Norton não mostrava sua aparência costumeira. Parecia acalorado, cansado e infeliz, além de algo desconcertado.

- Olá, Brent - falei.

Nossas últimas trocas de palavras haviam sido rudes, de maneira que eu me sentia um tanto inseguro quanto à maneira de agir. Tinha um curioso pressentimento de que ele estivera parado atrás de mim pelos últimos cinco minutos, mais ou menos, pigarreando educadamente, sob o rugido agressivo da serra. Naquele verão, eu não o observara muito de perto. Reparei agora que havia perdido peso, mas a diferença não lhe fizera bem. No entanto, deveria, porque ele tivera uns bons dez quilos a mais. Sua esposa falecera no último novembro. Câncer. Aggie Bibber contara a Steff. Aggie era a nossa necróloga local. Cada vizinhança tinha a sua. Em vista da maneira casual de Norton em ser violento com a esposa e depreciá-la (agindo com o desdenhoso à vontade de um

matador veterano, inserindo banderillas no lombo de um touro velho e desconjuntado), eu diria que ele ficara satisfeito em perdê-la. Se interrogado, eu poderia inclusive especular que ele andara se exibindo no último verão com uma moça vinte anos mais nova pelo braço e um sorriso tolo de meu-galo morreu-e-foi-pro-céu, estampado na face. Só que, em vez do sorriso tolo, havia apenas uma nova carga de rugas de velhice, enquanto que o peso perdido se revelava nos lugares errados, deixando pelancas e dobras que contavam sua própria história. Por um fugaz momento, senti vontade apenas de levar Norton até um ponto banhado de sol, sentá-lo ao lado de uma das árvores caídas, com minha lata de cerveja na mão, e fazer um esboço a carvão de sua figura.

- Olá, Dave - disse ele, após um longo momento de desajeitado silêncio um silêncio ainda mais palpável na ausência da barulheira da serra. Ele parou, depois soltou: - Aquela árvore. Aquela maldita árvore. Sinto muito. Você tinha razão.

Dei de ombros.

- Outra árvore caiu em meu carro - acrescentou ele.

- Lamento sab... - comecei, mas então tive uma horrível suspeita. - Não foi em cima do T-Bird, foi?

- Exatamente. Foi.

Norton tinha um Thunderbird 1960, parecendo saído da fábrica, com apenas trinta mil milhas rodadas. Azul meia-noite, por dentro e por fora. Ele só o dirigia nos verões, mesmo assim, raramente. Adorava aquele carro, da maneira como alguns homens adoram trens elétricos, modelos de navios ou pistolas de tiro ao alvo.

- Que merda - falei, e era sincero.

Ele meneou a cabeça lentamente.

- Eu quase não o trazia para cá. Estava para vir com a camionete, você sabe. Depois disse, que diabo! Vim com o carro, e um maldito pinheiro, um enorme pinheiro, caiu em cima dele. O teto ficou todo amassado. Pensei que poderia cortála... a árvore, quero dizer... mas não consegui fazer minha serra funcionar... Paguei duzentos dólares por aquela droga... e... e....

Pensei que poderia cortá-la... a árvore, quero dizer... mas não consegui fazer minha serra funcionar... Paguei duzentos dólares por aquela droga... e... e...

Sua garganta começou a emitir leves sons de estalidos. A boca se movia como se fosse desdentado e mascasse tâmaras. Por um desamparado segundo, pensei que ele ia ficar ali e debulhar-se em lágrimas, como uma criança em um terreno baldio. Então, conseguiu recompor-se a meio, deu de ombros e se virou, como que olhando para as toras de madeira que eu havia cortado.

- Bem - falei - podemos dar uma espiada em sua serra. - Seu carro está no seguro?

- Está - disse ele, - como sua casa de barcos.

Entendi o que Norton queria dizer e recordei novamente o que Steff havia dito sobre seguros.

- Escute, Dave, estive pensando se você não poderia me emprestar seu Saab,para ir até a cidade. Queria comprar pão, alguma coisa fria para comer e cerveja. Bastante cerveja.

- Eu e Billy vamos até lá no Scout-falei. -Se quiser, pode irconosco. Isto é, se me der uma ajuda para puxar este resto de árvore a um lado da estrada.

- Com prazer.

Ele agarrou uma ponta, mas não teve forças para erguê-la. Tive que fazer a maior parte do trabalho. Juntos, conseguimos jogar tudo dentro do mato. Norton respirava fundo e ofegava, as bochechas quase purpúreas. Depois de todos os puxões que ele dera na serra, tentando fazê-la funcionar, fiquei um pouco preocupado com seu coração.

- Tudo bem? -perguntei, e ele assentiu, ainda respirando com dificuldade. - Então, vamos até lá em. casa. Eu lhe arranjo uma cerveja.

- Obrigado - disse ele. - Como vai Stephanie?

Norton começava a readquirir parte da antiga e untuosa pomposidade que me desagradava.

- Muito nem, obrigado.

- E seu filbo?

- Também está ótimo.

- Fico satisfeito em saber.

Steff saiu, e um momento de surpresa passou por seu rosto, ao ver quem vinha comigo. Norton sorriu, os olhos rastejando pela apertada camiseta que ela usava. Bem, afinal ele não mudara tanto assim.

- Olá, Brent - disse ela, cautelosamente.

Billy assomou com a cabeça, por sob o braço dela.

- Olá, Stephanie. Olá Billy.

- O T-Bird de Brent levou uma pancada e tanto na tempestade - contei a ela. - Em cima do teto, foi o que ele disse.

- Oh, não!

Norton repetiu a história, enquanto bebia uma de nossas cervejas. Eu bebericava uma terceira, que em nada me afetava; aparentemente, havia transpirado as anteriores tão depressa quanto as bebera.

-.Ele vai à cidade comigo e Billy.

- Bem, acho que vão demorar um pouco. Terão que ir ao Compre-e-Poupe em Norway.

- É mesmo? Por quê?

- Bem, se em Bridgton não há energia...

- Mamãe disse que todas as registradoras e outras coisas só funcionam com eletricidade - acrescentou Billy.

Era um bom motivo.

- Você ainda tem a lista?

Bati no bolso de trás da calça. Steff se virou para Norton.

- Sinto muito sobre Carla, Brent. Todos nós sentimos.

- Obrigado - disse ele. - Muito obrigado.

Houve um novo momento de constrangido silêncio, quebrado por Billy.

- Já podemos ir, papai?

Reparei que agora vestia jeans e calçava tênis.

- Sim, acho que podemos. Está pronto, Brent?

- Dê-me mais uma cerveja para a estrada, e estarei.

Steff franziu as sobrancelhas. Ela nunca aprovara aquela filosofia de uma-para-a-estrada ou de homens que dirigem com uma lata de cerveja descansando entre as pernas. Assenti de leve e ela deu de ombros. Não era minha intenção tornar a criar um caso com Norton agora. Steff trouxe-lhe a cerveja.

- Obrigado - disse ele, não realmente agradecendo, mas apenas dizendo uma palavra. Era como a gente agradece a uma garçonete, em um restaurante. Depois se virou para mim: - Em frente, Macduff.

- Vamos indo - falei, e passamos para a sala de estar.

Norton me seguiu, soltou exclamações sobre a galharia da bétula, mas eu não estava interessado naquilo e, até então, pouco pensara no preço para recolocar os vidros quebrados. Olhava para o lago, através da porta deslizante envidraçada que dava para

nosso passadiço. A brisa refrescara um pouco e a temperatura aumentara uns cincos graus, enquanto eu serrava a árvore. Achei que o singular nevoeiro observado pela manhã já devia ter-se esfumado, porém lá estava ele. Mais próximo, também. Já chegara à metade do lago.

- Reparei nisso mais cedo - disse Norton, em tom de entendido. - Deve ser alguma inversão de temperatura, creio eu.

Eu não estava gostando daquilo. Tinha a firme convicção de que jamais vira

nevoeiro semelhante. Uma parte de minha inquietação era devido àquela enervante borda reta frontal. Na natureza nada é tão certinho; o homem é que inventou margens retas. Parte do nevoeiro era de uma brancura ofuscante. sem nenhuma variação, mas tampouco sem as cintilações provocadas pela umidade. Deveria estar a um meio quilômetro de distância agora, sendo mais incongruente do que nunca o contraste de sua alvura com os tons de azul do céu e do lago.

- Vamos, papai! -disse Billy, puxando-me pela calça.

Voltamos todos à cozinha. Brent Norton dedicou um olhar derradeiro à árvore que tombara em nossa sala de estar.

- Pena que não fosse uma macieira, heim? - comentou Billy, inteligentemente. - Foi o que minha mãe disse. É engraçado, não acha?

- Sua mãe sabe mesmo dizer coisas engraçadas, Billy.

Enquanto falava, Norton desmanchou-lhe os cabelos em um gesto negligente e seus olhos tornaram a se voltar para a frente da camiseta de Steff novamente. Sim, aquele era um homem com quem eu jamais simpatizaria.

- Ouça, por que não vem conosco, Steff? - perguntei.

Sem nenhum motivo concreto, de repente eu a queria comigo.

- Não. Acho que vou ficar aqui e arrancar algumas ervas daninhas do jardim - respondeu ela. Seus olhos pousaram em Norton e se voltaram para mim. Esta manhã, creio ser a única coisa por aqui que funciona sem eletricidade.

Norton riu, demasiado caloroso. Captei a mensagem de Steff, mas tentei de novo.

- Tem certeza?

- Absoluta. O velho abaixa-e-levanta me fará bem.

- Está certo. Não tome sol demais.

- Porei meu chapéu de palha. Comeremos sanduíches quando você voltar.

- Ótimo.

Ela ergueu a face para que a beijasse.

- Tome cuidado. Talvez haja coisas tombadas na Estrada Kansas também, sabe como é.

Serei cauteloso.

- Você também, Billy, tome cuidado - recomendou ela, beijando-lhe a bochecha.

- Certo, mãe.

Ele disparou pela porta de tela, que se fechou com estrondo às suas costas. Eu e Norton saímos em seguida.

- Podíamos ir até sua casa e cortara árvore que caiu em cima do Bird - sugeri.

De repente, eu conseguia pensarem um monte de razões que adiassem aquela ida à cidade.

- Só olho novamente para aquela árvore depois que almoçar e tiver mais algumas destas - disse ele, erguendo a lata de cerveja. - O estrago está feito. Dave, meu chapa.

Também não gostei dele me chamando de "chapa". Acomodamo-nos os três no banco dianteiro do Scout (no canto mais distante da garagem, meu castigado limpa-neve Fisher cintilava amarelado, como o fantasma do Natal por vir) ë dei marcha à ré, esmagando punhados de gravetos e galhos ali atirados pela tempestade. Steff estava na trilha de cimento que leva à parte da horta, no fim da extremidade oeste de nossa propriedade. Segurava a tesoura em uma das mãos enluvadas e, na outra, a pinça de arrancar ervas daninhas. Enfiara na cabeça seu velho e frouxo chapéu de sol, cuja aba lançava uma faixa de sombra em seu rosto. Buzinei duas vezes, levemente. Ela ergueu á mão ségurando a tesoura, em resposta. Começamos a rodar. Nunca mais vi minha esposa depois disto.

Tivemos que parar uma vez, no trajeto para a Estrada Kansas. Depois que o caminhão da companhia de eletricidade passara, um pinheiro de tamanho razoável caíra atravessado na alameda. Eu e Norton descemos e o movemos o suficiente para o Scout esgueirar-se. Ficamos com as mãos inteiramente sujas de betume no processo. Billy queria ajudar, mas acenei para que ficasse quieto, i eceando que pudesse ser atingido nos olhos. Velhas árvores sempre me faziam recordar os Ents, na maravilhosa saga Rings, de Tolkien, só que os Ents tinham ficado maus. Árvores velhas querem machucá-lo. Pouco importa se você está usando calçados próprios para a neve, esquiando em corrida através das matas ou apenas dando um passeio na floresta. Árvores velhas querem machucá-lo e, se pudessem, creio que o matariam.

Em si, a Estrada Kansas aparecia desimpedida, mas vimos a fiação caída, em vários lugares. Uns duzentos e cinqüenta metros após o Acampamento VickiLinn, um poste de energia caíra ao comprido no acostamento, os fios grossos enovelados em volta do topo, como cabeleira em desalinho.

- Uma tempestade e tanto!

Norton empregava sua voz melíflua e treinada dos tribunais, só que agora não bancava o entendido, estava apenas solene.

- Se foi!

- Veja, papai!

Billy apontava para o que havia sobrado do celeiro dos Ellitch. Durante doze anos, ele permanecera descambando cansadamente para o campo dos fundos na propriedade de Tommy Ellitch, as pernas escondidas por girassóis, virga-áureas e Lolly-venha-me-ver. A cada outono, eu pensava que ele não agüentaria outro inverno, mas na primavera continuava lá. Só que agora não estava mais. Restara apenas um destroço estilhaçado e um teto que fora despido da maioria das telhas. Chegara a sua vez. E, por algum motivo, aquilo ecoou solenemente, até ominosamente dentro de mim. A tempestade chegara e o tinha arrasado.

Norton esgotou sua cerveja, amassou a lata na mão e a deixou cair indiferentemente no piso do Scout. Billy abriu a boca para dizer algo, mas tornou a fechá-la - bom garoto. Norton era de Nova Jersey, onde não havia nenhuma lei garrafae-lata; acho que podia ser perdoado por amassar o meu níquel, quando eu próprio mal me lembrava de deixar as minhas latas intatas.

Billy começou a mexer nos botões do rádio e eu lhe pedi para verse a WOXO estava de volta. Ele girou até FM 92, conseguindo apenas um zumbido apático. Olhou para mim e encolheu os ombros. Refleti por um momento. Que outras estações mais estariam do outro lado daquele peculiar front de nevoeiro?

- Tente a WBLM - falei.

Ele girou o ponteiro até a outra extremidade, passando sobre a WJBQ-FM e a WIGY-FM, enquanto isso. Estavam em atividade, como sempre... mas a WBLM, a mais importante estação de rock do Maine, estava fora do ar.

- Esquisito - falei.

- O quê? - perguntou Norton.

- Nada. Só pensei em voz alta.

Billy voltara para o cereal-musical da WJBQ. Em pouco, chegávamos à cidade.

No centro-comercial, a Lavanderia Norge estava fechada, sendo impossível -a uma lavanderia automática funcionar sem eletricidade, mas a Farmácia Bridgton e o Supermercado Federal de Alimentos estavam abertos. O pátio de estacionamento se achava lotado e, como sempre acontecia no meio do verão, havia um bocado de carros com chapas de outros estados. Vi grupinhos de pessoas aqui e ali ao sol, comentando a

tempestade, mulheres com mulheres, homens com homens.

Avistei a Sra. Carmody, aquela dos animais empalhados e da história da água com tocos de cigarro. Fazia sua entrada imponente no supermercado, vestindo um assombroso terninho amarelo-canário. De um braço seu, pendia uma bolsa do tamanho de uma pequena mala de mão. Então, um idiota pilotando uma Yamaha rugiu ao meu lado, deixando de baterem meu pára-choque dianteiro por escassos centímetros. Usava um blusão jeans, óculos escuros espelhados e não tinha capacete.

- Veja só esse imbecil! - rosnou Norton.

Circulei o pátio de estacionamento uma vez, à procura de uma boa vaga. Não havia nenhuma. Já me resignava a uma longa caminhada desde o extremo oposto, quando tive sorte. Um Cadillac verde-limão, do tamanho da cabine de um pequeno cruzador, esgueirava-se de uma vaga, na faixa mais próxima das portas do supermercado. Assim que ele saiu, encaixei-me na vaga.

Entreguei a Billy a lista de compra de Steff. Ele tinha cinco anos, mas sabia ler letras impressas.

- Pegue um carrinho e vá começando. Quero ligar para sua mãe: O Sr. Norton o ajudará. Não vou demorar.

Saímos, e Billy imediatamente agarrou a mão do Sr. Norton. Fora ensinado a não cruzar o pátio de estacionamento sem segurar a mão de um adulto, quando pequenino e, ao crescer mais, não perdera o hábito. Norton pareceu surpreso por um momento, depois sorriu de leve. Quase o perdoei por haver apalpado Steff com os olhos. Os dois entraram no supermercado.

Caminhei para a cabine telefônica, que ficava na parede entre a lavanderia e o drugstore. Uma suada mulher, em um conjunto de blusa e short púrpura, sacole-

java o gancho do telefone, para baixo e para cima. Postei-me atrás dela, de mãos nos bolsos, perguntando-me por que estava tão inquieto sobre Steffe por que a inquietação se misturava àquela linha de nevoeiro branquicento, mas sem brilho, às estações de rádio fora do ar... e ao Projeto Ponta de Flecha.

A mulher do conjunto púrpura tinha os ombros gordos queimados de sol e cobertos de sardas. Parecia um suado bebê alaranjado. Bateu com o fone no gancho, virou-se para o drugstore e então me viu.

- Poupe sua moeda - disse. - Aí só dá zumbido - acrescentou, afastando-se com ar rabugento.

Quase dei um tapa na testa. Claro que as linhas estavam interrompidas em algum ponto. Algumas eram subterrâneas, mas apenas uma minoria. Mesmo assim, tentei o telefone. Naquela área, os telefones públicos são o que Steffchama de Telefones Públicos Paranóicos. Ao invés de colocar-se logo a moeda, primeiro é preciso ouvir-se o toque de chamada e então se disca o número. Quando alguém atende, há uma interrupção

automática e tem-se que colocara moeda, antes que a outra pessoa desligue. São chamadas irritantes mas, nesse dia, pouparam minha moeda. Não havia ruído de discar. Como haviadito a senhora, só ouvi zumbidos.

Desliguei e caminhei para o supermercado em passos lentos, com terhpo exato para apreciar um pequeno incidente. Um casal de idade encaminhava-se para aporta ENTRADA, tagarelando um com o outro. E, enquanto tagarelavam, colidiram em cheio com a porta. Pararam de falar subitamente e a mulher esganiçou sua surpresa. Os dois entreolharam-se, de maneira cômica, depois deram risadas. Então, o velho abriu a porta para a esposa, com algum esforço -essas portas fotelétricas são pesadas-e eles entraram. Quando a eletricidade desaparece, somos surpreendidos de cem modos diferentes.

Empurrei a porta para entrar e a primeira coisa que percebi foi a falta do ar condicionado. No verão, em geral eles o ligam no ponto mais alto, suficiente para congelar o consumidor que fique lá dentro por mais de uma hora seguida.

Como a maioria dos modernos supermercados, o Federal havia sido construído corno uma caixa de Skinner - as técnicas modernas de marketing transformam todos os consumidores em ratos brancos. Tudo aquilo de que realmente precisamos, os produtos de consumo básicos, como pão, leite, carne, cerveja e refeições congeladas, fica no lado mais distante do estabelecimento. Para chegar lá, tem-se que passar ao lado dos itens de impulso, conhecidos do homem moderno - tudo, desde isqueiros Cricket a ossos de borracha para cães.

Além das portas de entrada, está o corredor de frutas-e-vegetais. Ergui os olhos, examinando até o final, mas não havia sinal de Norton ou de meu filho. A velha que colidira contra a porta examinava grapefruits. Seu marido segurava uma sacola-rede, para acondicionar as compras.

Caminhei pelo córredor acima e dobrei para a esquerda. Encontrei-os no terceiro corredor, com Billy meditando diante das prateleiras com caixas de gelatina e pudins instantâneos. Norton estava diretamente atrás dele, examinando a lista de Steff. Tive que sorrir, ante sua expressão de perplexidade.

Caminhei para eles, passando por carrinhos de compras meio lotados (aparentemente, Steff não fora a única tomada pelo impulso armazenador dos esquilos) e clientes que estavam ali apenas bisbilhotando os artigos. Norton apanhou duas]atas de recheio de torta, na prateleira mais alta, e as colocou no carrinho.

- Como está se saindo? - perguntei, e ele olhou para mim. com indisfarçável alívio.

- Muito bem, não é mesmo, Billy?

- Claro -respondeu Billy, mas não resistiu e acrescentou, em tom algo presunçoso: -Só que tem muita coisa que o Sr. Norton também não pode ler, papai.

- Deixe-me ver isto - falei, apanhando a lista.

Norton havia feito um visível e ordenado sinal ao lado de cada artigo que ele e Billy já

haviam posto no carrinho - uma meia dúzia deles, incluindo-se o leite e um engradado com seis Cocas. Havia ainda mais umas dez coisas que ela queria.

- Temos que voltar às frutas e vegetais -falei. - Steff quer tomates e pepinos.

Billy começou a manobrar o carrinho para irmos e Norton comentou:

- Devia dar uma espiada na fila de pagar, Dave.

Fui até lá e olhei. Era o tipo de coisa que às vezes vemos em fotos no jornal , em um noticiário enfadonho, com uma legenda humorística em baixo. Havia apenas duas caixas funcionando e a fila dupla de pessoas esperando para pagar suas compras, estirava-se além da maioria dos quase vazios balcões de pão, depois virava para a direita e se perdia de vista na direção dos frigoríficos de alimentos congelados. Todas as novíssimas máquinas registradoras computorizadas estavam cobertas com capas. Em cada uma das filas em funcionamento, uma apoquentada jovem calculava os preços em uma calculadora de bolso movida a pilha. Junto a cada uma delas, postava-se um dos dois gerentes do Federal, Bud Brown e Ollie Weeks. Eu simpatizava com Ollie, mas bem menos com Bud Brown, que parecia imaginar-se o Charles de Gaulle do mundo dos supermercados.

Quando cada jovem terminava de calcular uma batelada de compras, Bud ou Ollie pregavam um clipe no dinheiro ou cheque do cliente e o jogavam na caixa que usavam como depósito de dinheiro. Todos pareciam cansados e suados.

- Espero que tenha trazido um bom livro - disse Norton, juntando-se a mim. - Vamos ficar um bocado de tempo na fila.

Tornei a pensarem Steff, sozinha em casa, e tive outro acesso de inquietude.

- Vá pegar suas compras -falei. - Eu e Billy damos contado resto disto.

- Quer que traga mais algumas cervejas para você também?

Eu já pensara nisso, mas a despeito da reaproximação, não queria passar a tarde com Brent Norton, embriagando-me. Não com a confusão em que estavam as coisas, em volta da casa.

- Sinto muito - respondi. - Vai ter que ficar para outra vez, Brent.

Achei que seu rosto ficara algo tenso.

- Está bem - disse ele apenas.

Afastou-se e eu o segui com os olhos, mas então Billy me puxou pela camisa.

- Você falou com mamãe?

- Negativo. O telefone não estava funcionando. Acho que a tempestade derrubou

também os fios telefônicos.

- Está preocupado com ela?

- Não -menti. Estava preocupado, claro, mas não imaginava por que deveria estar. - Não, claro que não estou. E você?

- T-também... n-não...

Billy estava preocupado. Seu rosto tinha uma expressão ansiosa. Devíamos ter voltado nessa hora. Contudo, mesmo então talvez já fosse tarde demais.

111. Chega o nevoeiro

Conseguimos chegar até as frutas e vegetais como salmões, abrindo caminho corrente acima. Vi alguns rostos familiares - Mike Hatlen, um dos nossos conselheiros municipais, a Sra. Reppler, da escola primária (ela, que aterrorizara gerações de crianças do terceiro grau, no momento escarnecia dos cantalupos), a Sra, Truman, que às vezes tomava conta de Billy, quando eu e Steff saíamos -porém a maioria se compunha de veranistas, comprando artigos que dispensavam cozimento e brincando entre si sobre "aquela vida dura". Os frios sortidos haviam desaparecido, tão completamente como as novelas de dez centavos nos bazares de caridade; nada sobrara, exceto algumas embalagens de salsichão, de massa de macarrão e uma solitária, fálica lingüiça.

Apanhei os tomates, pepinos e um pote de maionese. Ela também queria bacon, mas todo o bacon já se fora. Levei algumas embalagens de salsichão como substituto, embora jamais houvesse conseguido comer aquilo com o menor entusiasmo legítimo, desde que o FDA (Administração de Alimentos e Medicamentos) informara que cada embalagem continha uma pequena dose de sujeira de insetos - um pequeno extra por seu dinheiro.

- Veja - disse Billy, ao contornarmos a esquina para o quarto corredor. Homens do exército.

Eram dois, seus uniformes pardacentos contrastando com o fundo muito mais vivo das roupas de verão e esportivas. Estávamos acostumados a ver raramente o pessoal do exército ligado ao Projeto Ponta de Flecha e somente a quarenta ou mais quilômetros de distância. Aqueles dois mal pareciam com idade suficiente para fazer a barba.

Tornei a olhar para a lista de Steff e vi que tínhamos tudo no carrinho... não, quase tudo. No fim da lista, como uma idéia de última hora, ela rabiscara: Garrafa de Lancers? Aquilo soava bom para mim. Uns dois copos de vinho aquela noite, depois de Billy ir para a cama e depois, talvez um longo e lento período fazendo amor, antes de dormirmos.

Larguei o carrinho e abri caminho até o vinho. Apanhei uma garrafa e, quando

voltava, passando diante das grandes portas duplas que conduziam à área de estocagem, ouvi o firme rugido de um gerador de bom tamanho.

Decidi que provavelmente seria grande o bastante para manter as embalagens frias, mas não o suficiente para fazer funcionar as portas, caixas registradoras e o equipamento elétrico restante. Parecia o barulho de uma motocicleta, atrás daquelas portas.

Norton apareceu justamente quando entramos na fila, equilibrando duas embalagens de seis Schtitz Light, um pão e a lingüíça que eu localizara minutos antes. Entrou na fila comigo e 13fly. Estava muito quente no supermercado, com o ar condicionado fora de funcionamento, e perguntei-me por que nenhum dos rapazes que embalavam as compras, pelo menos não escancarara as portas. Eu tinha visto Buddy Eagleton dois corredores atrás, com seu avental vermelho, sem fazer nada além de empilhar artigos. O gerador rugiu monotonamente. Eu tinha uma dor de cabeça em início.

- Coloque suas coisas aqui, antes que deixe cair alguma - falei.

- Obrigado.

As filas agora chegavam aos alimentos congelados; havia pessoas cortando-a a todo instante, entre muitos "com licença" e "por favor".

- Isto vai ser uma merda - disse Norton morosamente.

Franzi a testa de leve. Esse tipo de linguagem é rude demais para cair nos ouvidos de Billy, em minha opinião.

O barulho do gerador amorteceu-se um pouco, quando a fila avançou alguns metros. Eu e Norton mantínhamos uma conversa incoerente, evitando a feia disputa entre propriedades que nos levara ao tribunal distrital e preferindo temas como as chances do Red Sox e o tempo. Por fim, exaurido o nosso pequeno estoque de conversa fada, ficamos calados. Billy estava irrequieto ao meu lado. A fila arrastava-se. Agora, tínhamos refeições congeladas à direita e, à esquerda, os vinhos e champanhas mais caros. À medida que a fila avançou para os vinhos mais baratos, brinquei ligeiramente com a idéia de pegar uma garrafa de Ripple, o vinho de minha flamante juventude. Não a peguei. Afinal, minha juventude não fora assim tão flamante.

- Poxa, por que eles não andam mais depressa, papai? - perguntou Billy.

Meu filho continuava comaquela expressão ansiosa no rosto. De súbito, brevemente, a névoa de inquietação que me invadira abriu uma brecha e algo terrível espiou do outro lado - a face brilhante e metálica do terror. Então, passou.

- Fique calmo, campeão - falei.

Tínhamos chegado às gôndolas do pão - ao ponto em que a fila dupla dobrava para a esquerda. Agora, eu podia ver os corredores para as caixas registradoras, as duas em funcionamento e as outras quatro, abandonadas, cada uma com um pequeno aviso sobre a esteira-rolante imóvel, avisos dizendo POR FAVOR, ESCOLHA OUTRA CAIXA e WINSTON. Além das caixas, ficavam as enormes paredes envidraçadas, dando para o pátio de estacionamento e o cruzamento das Rotas 117 e 302, mais além. A vista era

parcialmente obscurecida pelas

costas dos avisos em cartolina branca, anunciando artigos em promoção e a última cortesia da casa, um conjunto de livros com o título Enciclopédia da Mãe Natureza. Estávamos na fila que, eventualmente, nos levaria à caixa presidida por Bud Brown. Havia ainda umas trinta pessoas à nossa frente. A mais identificável era a Sra. Carmody, com seu terninho amarelo-berrante. Ela parecia um anúncio de febre amarela.

De repente, um barulho agudo começou na distância, aumentando rapidamente até transformar-se no louco ulular de uma sirene policial. Soou uma buzinada no cruzamento, houve um chiado de freios e borracha queimada. Eu não podia ver-o ângulo não permitia-mas a sirene chegou ao auge quando se aproximou do supermercado, começando a diminuir à medida que a viatura policial se afastava. Algumas pessoas saíram da fila para espiar, mas não muitas. Já haviam esperado demais, para perder seus lugares.

Norton !;aiu; suas compras estavam em meu carrinho. Apos alguns momentos, retornou e voltou para a fila outra vez.

- Confusão local - disse.

Então, o apito de incêndios da cidade começou a gemer, lentamente passando para um guincho todo próprio, caindo e tornando a subir. Billy tomou minha mão - aferrou-a.

- O que é, papai? - perguntou, acrescentando imediatamente: - Mamãe está bem?

- Deve ser algum incêndio na Estrada Kansas -disse Norton. - Aqueles malditos fios derrubados pela tempestade... Os carros de bombeiros passarão daqui a pouco.

Aquilo deu algo para a minha inquietação concentrar-se. Havia fios eletrizados caídos em nosso terreno.

Bud Brown disse algo à moça da caixa que ele supervisionava; ela estivera se virando, para ver o que ocorria. A moça enrubesceu e voltou a digitar sua calculadora.

Eu não queria estar naquela fila. De repente, eu não queria estar ali, de maneira alguma. Contudo, ela recomeçava a mover-se e parecia tolice deixá-la agora. Passamos juntos aos mostruários de cigarros.

Alguém passou pela porta ENTRE, um adolescente. Achei que era o rapazola que quase havíamos atingido, o da Yamaha, sem capacete.

- O nevoeiro! -gritou ele. - Vocês deviam ver o nevoeiro! Está vindo pela Estrada Kansas!

As pessoas se viraram para fitá-lo. Ele ofegava, como se houvesse corrido uma longa distância. Ninguém disse nada.

- Bem, vocês deviam ver - repetiu ele, agora soando defensivo.

Algumas pessoas olharam para ele, outras moveram os pés, mas ninguém queria perder o lugar na fila. Aquelas que ainda não estavam em fila, abandonaram seus carrinhos e passaram pelos corredores vazios das caixas desativadas, para ver se descobriam sobre o que ele falava. Um sujeito grandalhão, com um chapéu

de verão exibindo uma faixa estampada (do tipo que a gente raramente vê, exceto em comerciais de cerveja, tendo churrascos ao fundo para compor o cenário), escancarou a porta SAÍ DA e várias pessoas -dez, talvez uma dúzia - saíram com ele. O rapazinho os acompanhou.

- Não deixem todo o ar condicionado escapar - disse um dos garotos do exército, com típica voz de falsete.

Houve algumas risadinhas. Eu não ri. Tinha visto o nevoeiro cruzando o lago.

- Por que não vai dar uma espiada, Billy? - sugeriu Norton.

- Não - falei de imediato, sem qualquer razão concreta.

A fila tornou a avançar. As pessoas espichavam o pescoço, querendo ver o nevoeiro que o rapazinho mencionara, porém nada havia à vista, exceto o céu azul-vivo. Ouvi alguém dizer que ele devia estar brincando. Alguém mais respondeu que tinha visto uma linha esquisita de nevoeiro sobre o Long Lake, cerca de uma hora atrás. O primeiro apito ululou e gritou. Não gostei daquilo. Dava a sensação de um Dia do Juízo em grande escala, soando daquela maneira.

Mais pessoas saíram. Algumas chegaram a abandonar seu lugar na fila, o que acelerou um pouco nossa avançada. Então, o encanecido velho John Lee Frovin, que trabalha como mecânico no posto Texaco, entrou encurvado e gritou:

- Ei! Alguém aí tem uma máquina de retratos?

Olhou em torno, depois tornou a sair com sua espinha encurvada. Aquilo causou certo rebuliço. Se a coisa valia a pena uma foto, também valia a pena ver o que era. Foi quando a Sra. Carmody gritou, com sua voz enferrujada, mas potente:

- Não saiam!

As pessoas se viraram para olhá-la. A forma ordenada das filas desorganizara-se inteiramente, com gente que saía para espiar o nevoeiro, que se afastava da Sra. Carmody ou que andava de um lado para outro, procurando os amigos. Uma mulher nova e bonita, com uma blusa de malha de algodão própria para atletismo e calça comprida verde-escura, olhava para a Sra. Carmody de maneira pensativa e avaliadora. Alguns oportunistas aproveitavam-se da confusão furavam a fila, avançando uma ou duas vagas. A caixa ao lado de Bud Brown virou a cabeça novamente para olhar e ele lhe bateu um dedo comprido no ombro.

- Preste atenção ao que está fazendo, Sally.

- Não saiam! -gritou a Sra. Carmody. - É a morte! Sinto que a morte está lá fora!

Bud e Ollie Weeks, que a conheciam, pareceram impacientes e irritados, mas alguns veranistas à volta dela afastaram-se alguns passos, pouco ligando para seus lugares na fila. Nas cidades grandes, as bag-ladies* parecem ter o mesmo efeito sobre os demais, como se fossem portadores de alguma doença contagiosa. Quem sabe? Talvez sejam mesmo.

Então, as coisas começaram a acontecer em ritmo acelerado e confuso. Um

homem entrou aos tropeções no supermercado, empurrando a porta ENTRE até o fim. Seu nariz sangrava.

- Há alguma coisa naquele nevoeiro! - gritou.

Billy encolheu-se contra mim -fosse por causado nariz sangrento do homem ou pelo que ele dizia, eu não sei.

- Há alguma coisa naquele nevoeiro! - repetiu ele. - Alguma coisa no nevoeiro agarrou John Lee! Alguma coisa... - Ele tropeçou de costas em uma amostra de adubo para jardim, amontoada junto às vidraças e sentou-se ali. -AIgnma coisa no nevoeiro pegou John Lee e eu o ouvi gritando!

A situação mudou. Já nervosas pela tempestade, pela sirene policial e o apito de incêndios, pelo sutil deslocamento que qualquer interrupção da força elétrica provoca na psique americana e pelo ambiente de cada vez maior inquietude quando as coisas, de algum modo... alguma forma, se transformam (não sei como expressá-lo melhor do que isto), as pessoas começaram a mover-se como um todo.

Não saíram correndo. Se eu dissesse isso, estaria dando uma impressão absolutamente errônea. Não foi exatamente um pânico. Elas não correram-ou, pelo menos, a maioria não correu. Andaram. Algumas chegaram às enormes paredes envidraçadas, no ponto mais afastado das caixas, e olharam para fora. Outras saíram pela porta ENTRE, algumas ainda carregando os artigos escolhidos para compra. Inquieto e diligente, Bud Brown começou a gritar:

- Ei! Vocês ainda não pagaram! Ei, você! Volte aqui com esses pães para cachorro-quente!

Alguém riu dele, um som louco e guinchado, que provocou sorrisos dos demais. Contudo, mesmo enquanto sorriam, aquelas pessoas estavam perplexas, confusas e nervosas. Então, alguém mais deu uma risada e Brown ficou vermel::o. Arrancou uma caixa de cogumelos de uma senhora que passava a seu lado, para espiar na vidraça - os segmentos de vidro estavam agora tomados por filas de pessoas, eram como aquelas que vemos espiando através de furos, nos tapumes dos locais em construção - e a mulher gritou:

- Devolva meus cogumelinhos!

O bizarro termo afetivo fez com que dois homens nas proximidades estourassem em louco acesso de riso - e agora havia em tudo aquilo algo do velho manicômio inglês. A Sra. Carmody trovejou novamente para que ninguém saísse. O apto de incêndio ululou ofegante, como uma velha que houvesse levado um susto, com um gatuno dentro de casa. Billy prorrompeu em pranto.

- O que é aquele homem cheio de sangue, papai? O que é?

- Está tudo bem, Grande Bill. É só o nariz dele. Ele está bem.

- O que ele quis dizer, com alguma coisa no nevoeiro?-perguntou Norton.

Vi que ele franzia a testa inteiramente, sem dúvida a sua maneira de parecer confuso.

- Estou com medo, papai - disse Billy, através de lágrimas. - Será que a gente não podia ir para casa?

Alguém passou a meu lado, dando-me um encontrão que me fez perder ligeiramente o equilíbrio. Tomei Billy nos braços. Eu também estava ficando assustado. A confusão aumentava. Sally, a caixa supervisionada por Bud Brown, começou a afastar-se, mas ele a agarrou pela gola de sua bata vermelha e a trouxe de volta. O tecido rasgou-se. Sally avançou para ele, pronta a desferir-lhe uma bofetada, o rosto contorcido de fúria.

- Tire essas mãos sujas de cima de mim! - gritou ela.

- Oh, cale a boca, sua cretina! - exclamou Brown, parecendo absolutamente espantado.

Tornou a estender a mão para agarrá-la, mas Ollie Weeks disse com rispidez:

- Bud! Esfrie, cara!

Alguém mais gritou. Não houvera pânico ainda- não de todo -mas ia haver logo. As pessoas disparavam para o exterior, por ambas as portas. Houve um barulho de vidro quebrado e garrafas de Coca rolaram pelo chão subitamente, esguichando o conteúdo.

- Cristo, o que está acontecendo? - exclamou Norton.

Foi quando começou a escurecer... oh, não, não foi bem isso. No momento, não pensei que estivesse anoitecendo, mas sim que as luzes do supermercado se tivessem apagado. Ergui os olhos para as luzes fluorescentes, em um rápido ato reflexo, e não fui o único. A princípio, até recordara interrupção da energia elétrica, pareceu-me que a luz se apagara, que isso é que modificara a qualidade da iluminação. Então, recordei que havíamos ficado sem energia o tempo todo, desde nossa chegada ao supermercado, mas que as coisas antes não pareciam escuras. Então adivinhei, ainda antes que as pessoas espremidas contra as janelas envidraçadas começassem a gritar e apontar.

O nevoeiro estava chegando.

Vinha da entrada da Estrada Kansas para o pátio de estacionamento e, apesar daquela proximidade, não parecia diferente de quando o percebêramos pela primeira vez, na margem oposta do lago. Era branco e brilhante, mas sem reflexos. Movia-se depressa, tendo eclipsado a maioria do sol. Onde o sol estivera, havia agora uma moeda de prata no céu, como uma lua cheia no inverno, vista através de uma fina camada de nuvens.

O nevoeiro chegou com indolente rapidez. Vê-lo, fazia-me recordar algo da chuva torrencial daquela noite. Na natureza há forças poderosas que dificilmente vemos - terremetos, ciclones, furacões - eu não chegara a ver todos eles, mas tinha visto o suficiente para intuir que se moviam com aquela preguiçosa, hipnotizante velocidade. São coisas que nos mantêm abismados, como Billy e Steff haviam estado, diante da janela panorâmica, a última noite.

Ele rolava imparcialmente pela estrada negra de duas pistas, apagando-a de vista. A residência dos McKeon, belamente restaurada em colonial holandês, foi engolida por inteiro. Durante um momento, o segundo pavimento do arruinado prédio de apartamentos ao lado, conseguiu destacar - se naquela brancura, porém desapareceu também. 0 aviso MANTENHA A DIREITA, nos pontos de

entrada e saída do pátio de estacionamento do Federal, sumiu de vista, enquanto as letras negras pareciam flutuar por um instante no limpo, depois que o fundo branco-sujo do cartão desapareceu. Em seguida, foi a vez de os carros no pátio de estacionamento começaram também a esfumar-se.

- Cristo, o que está acontecendo? - repetiu Norton, nervoso.

O nevoeiro chegou, comendo o céu azul e a recente pintura negra no piso do estacionamento. Mesmo estando e seis metros de distância, a linha de demarcação era absolutamente nítida. Fiquei com a idiota sensação de estar assistindo a uma peça extraordinariamente boa de efeitos visuais, algo fantasiado por Willys O'Brien ou Douglas Trumbull. Aconteceu depressa demais. O céu azul pareceu ter sido abocanhado, transformando-se em faixa, depois em um fino risco de lápis: Então, desapareceu de todo. O branco opaco pressionou-se contra o vidro da enorme vitrine. O máximo que eu conseguia ver era até o barril para papéis usados, talvez a metro e meio de distância, porém não muito mais além. O único que distinguia era o pára-choque dianteiro de meu Scout, mas foi tudo.

Uma mulher deu um grito, muito alto e prolongado. Billy apertou-se mais contra mim. Seu corpo tremia conto um monte frouxo de fios, percorridos por alta voltagem.

Um homem gritou também e atirou-se por um dos corredores vazios de caixa, em direção à porta. Acho que isso finalmente desencadeou o estouro. As pessoas precipitaram-se para o nevoeiro.

- Ei! - rugiu Brown. Não sei se estava irritado, assustado, ou as duas cóisas. Seu rosto ficara quase púrpura e as veias salientavam-se no pescoço, quase tão grossas como cabos de bateria. -Ei, vocês aí, não podem levar essa mercadoria! Voltem aqui com a mercadoria, isso é roubo!

Todos continuaram correndo para fora, mas alguns largaram as mercadorias que levavam. Uns poucos riam, excitados. Penetraram todos no nevoeiro e, entre os que ficaram para trás, ninguém mais tornou a vê-los. Pela porta aberta infiltrava-se um cheiro vagamente acre. As pessoas começaram a amontoar-se diante dela, entre empurrões e encontrões. Meus ombros doíam por segurar Billy, um garoto de bom tamanho. Steff às vezes o chamava de seu bezerrinho.

Norton começou a afastar-se, com ar preocupado, estupidificado. Dirigia-se para a porta. Passei Billy para o outro braço, a fim de agarrar o de Norton, antes que ele me fugisse do alcance.

- Nada disso, cara, não deve ir - falei.

Ele se virou para mim.

- O quê?

- É melhor esperar para ver.

- Ver o quê?

- Sei lá - respondi.

- Não está pensando que...

Um guincho saído do nevoeiro o interrompeu. Norton calou a boca. O apertado amontoado junto à porta SAÍDA afrouxou-se. 0 burburinho de excitadas

conversas, gritos e chamados, amainou. O rosto das pessoas junto à porta pareceu subitamente achatado e pálido, bidimensíonal.

O guincho estendeu-se, prolongadamente, competindo com o apito de incêndio. Parecia impossível que qualquer par de pulmões humanos contivesse ar suficiente para agüentar semelhante uivo.

- Oh, meu Deus -murmurou Norton, passando as mãos através dos cabelos.

O guincho terminou subitamente. Não foi diminuindo; estancou de repente. Um outro homem saiu, um sujeito corpulento, em calças de trabalho de brim. Creio que pretendia resgatar quem guinchara. Por um momento, ele surgiu lá fora, visível através do vidro e do nevoeiro, como uma figura discernida através do leite em um copo. Então (e, que me conste, fui o único a ver isto) algo além dele pareceu mover-se, uma sombra cinzenta em toda aquela brancura. Tive a impressão de que, ao invés de penetrar no nevoeiro, o homem das calças de brim foi puxado para seu interior, as mãos debatendo-se no alto, como que surpreso.

Por um instante, houve silêncio total no supermercado.

Uma constelação de luas brilhou subitamente no exterior. As luzes de sódio do pátio de

estacionamento, sem dúvida supridas por cabos elétricos subterrâneos, tinham sido acesas naquele momento.

- Não vão lá fora! - disse a Sra. Carmody, em sua melhor voz de corvo agourento. - Será a morte para quem sair!

Imediatamente, ninguern parecia disposto a discutir ou rir.

Outro grito brotou do exterior, este abafado e soando algo distante. Bify retesou-se contra mim.

- David, o que está acontecendo? - perguntou Ollie Weeks. Havia deixado o posto junto à caixa e mostrava grandes gotas de suor no rosto redondo e liso. O que é isto? - Não faço a menor idéia - respondi.

Ollie parecia francamente assustado. Era solteiro, morava em uma aconhegante casinha perto de Highland Lake e gostava de beber no bar em Pleasant Mountain. No rechonchudo mindinho de sua mão esquerda, ostentava um anel com uma estrela de safiras. No último fevereiro, ele ganhara algum dinheiro na loteria estadual e então comprara o anel. Eu sempre tivera a impressão de que Ollie sentia certo medo de garotas.

- E eu não entendo nada - disse ele.

- Não dá para entender-falei. -Ouça, Billy, tenho que pôr você no chão. Ficarei segurando sua mão, mas você está quebrando meus braços, compreende?

- Mamãe - sussurrou ele.

- Ela está bem - respondi, pois tinha que dizer alguma coisa.

O velhote que tem uma loja de artigos usados, perto do Restaurante Jon's, passou por nós, enfiado na velha suéter com as letras da universidade, que não tirava do corpo o ano inteiro. Disse, em voz alta:

- Deve ser uma daquelas nuvens de poluição. As fábricas em Rumford e South Paris. Produtos químicos.

Enquanto falava, embrenhou-se no corredor 4, além das gôndolas de medicamentos e papel sanitário.

- Vamos sair daqui, David - disse Norton, sem a menor convicção. - O que acha de nós...?

Houve um baque surdo. Um baque estranho, estremecido, que senti principalmente nos pés, como se todo o edifício houvesse subitamente afundado um metro no chão. Várias pessoas gritaram, de medo e surpresa. Ouviu-se utrjingle musical de garrafas caindo das prateleiras e estilhaçando-se no piso ladrilhado. Um pedaço de vidro em forma de cunha caiu de um dos segmentos da ampla vitrine frontal e vi as molduras de madeira

sacudindo as pesadas seções envidraçadas, que saltaram e racharam em alguns pontos.

O apito de incêndio cessou abruptamente.

O silêncio que se seguiu foi a quietude expectante de gente esperando algo mais, qualquer outra coisa. Eu estava chocado e entorpecido. Minha mente executou uma estranha conexão cruzada com o passado. Recuou até quando Bridgton era pouco mais do que um cruzamento de estradas e meu pai me levava com ele, enquanto conversava junto ao balcão e eu espiava, através do vidro, para os doces de um penny e a goma de mascar a dois centavos. Era o degelo de janeiro. Não havia outro som, além da água derretida que pingava, caindo das calhas de estanho galvanizado nas barricas para águas pluviais, a cada lado da loja. Eu, olhando para os pés-de-moleque, botões e cataventos. Os místicos globos amarelos de luz no alto, mostrando projetadas sombras monstruosas do batalhão de moscas mortas no último verão. Um garotinho chamado David Drayton e seu pai, o famoso artista Andrew Drayton, cuja pintura Christine Solitária estava na Casa Branca. Um garotinho chamado David Drayton, olhando para os doces e cartões da goma-demascar Davy Crockett, sentindo uma vaga vontade de urinar. E, lá fora, pressionante, o encapelado nevoeiro amarelo do degelo de janeiro.

A recordação enfumaçou-se, mas muito devagar.

- Ei, vocês todos! - bradou Norton. - Todos vocês, ouçam-me!

As pessoas olharam em torno. Norton erguia as duas mãos, os dedos estendidos em ângulo, como um candidato político acolhendo saudações.

- Pode ser perigoso alguém ir lá fora! - gritou ele.

- Por quê? - gritou uma mulher de volta. - Meus filhos ficaram em casa! Preciso voltar para junto deles!

- Quem sair daqui morrerá! - repetiu agudamente a Sra. Carmody.

Estava em pé junto aos sacos de doze quilos com fertilizantes, empilhados abaixo da janela envidraçada, e seu rosto parecia projetar-se para diante de algum modo, como se ela estivesse inchando.

Um adolescente a empurrou com rudeza e ela caiu sentada em cima dos sacos, com um grunhido de surpresa.

- Pare de ficar falando assim, velha maluca! Pare de dizer besteiras!

- Por favor! - gritou Norton. - Se apenas esperarmos alguns momentos, até tudo se acalmar, então veremos...

Uma confusão de gritos conflitantes acolheu suas palavras.

- Ele tem razão! -gritei, procurando fazer-me ouvir acima do barulho. Temos que ficar de cabeça fria!

- Acho que foi um terremoto -disse um homem de óculos. Tinha voz suave. Em uma das mãos segurava um pacote de hamburgers e um saco de pãezinhos. Na outra, prendia a de uma menininha, talvez um ano mais nova do que Billy. Sinceramente, acho que foi um terremoto.

Houve um em Naples, há cerca de quatro anos -disse um gordo residente

local.

- Aquilo foi em Casco - contradisse imediatamente sua esposa, empregando os tons indisfarçáveis de veterana contestadora.

- Naples - insistiu o gordo, porém com menos segurança.

- Casco! - declarou a mulher com firmeza, e ele desistiu.

Em algum lugar, uma lata que fora atirada até a borda da prateleira, pelo baque, terremoto ou fosse o que fosse, caiu finalmente, com atrasado clangor. Bílly prorrompeu em choro.

- Quero ir para casa! Quero a minha MÃE!

- Não pode fazer esse garoto se calar? - perguntou Bud Brown, com os olhos indo rapidamente, mas sem destino, de um lado para outro.

- Quer que lhe dê um tiro nos dentes, boca de matraca? - falei.

- Vamos, Dave, isso não resolve nada - disse Norton, aturdido.

- Sinto muito - falou a mulher que gritara antes. - Sinto muito, mas não posso ficar aqui. Preciso ir para casa e ver meus filhos.

Olhou em torno para nós, uma mulher loura, de rosto bonito e fatigado.

- Wanda ficou cuidando do pequeno Victor, compreendam. Ela só tem oito anos e, às vezes, esquece... esquece que deveria... bem, tomar conta dele, sabem como é. E o pequeno Victor... ele gosta de ligar os bicos de gás do fogão, para ver aparecer a luzinha vermelha... ele gosta daquela luzinha... e às vezes puxa as tomadas da parede... o pequeno Victor faz isso... e Wanda fica... entediada de cuidar dele, após algum tempo... ela só tem oito anos... - A mulher interrompeu-se e ficou olhando para nós. Imagino que lhe tenhamos parecido apenas um bando de olhos impiedosos que a verrumavam, não seres humanos, em absoluto, apenas olhos. -Será que ninguém vai me ajudar? -gritou ela. Seus lábios começaram a tremer. - Ninguém aqui... ninguém leva uma senhora em casa?

Não houve resposta. As pessoas arrastaram os pés. Ela olhou rosto por rosto, com suas feições compungidas. O gordo residente local ensaiou um meio passo à frente, mas a esposa o puxou de volta, com um gesto rápido, a mão se fechando no punho dele como

uma algema.

- Você? -perguntou a loura a Ollie. Ele abanou a cabeça. - E você? -ela se virou para Bud. Ele pousou a mão na calculadora Texas Instruments sobre o balcão e nada disse. - Você? - perguntou ela a Norton.

Norton começou a dizer algo, em sua voz pomposa de advogado, algo sobre

ninguém ser louco para sair dali e... e ela então o ignorou, permitindo que ele se afastasse.

- Você? - perguntou a mim.

Tornei a colocar Billy no colo e o mantive nos braços, como um escudo a proteger-me daquela terrível face descomposta.

- Espero que todos vocês apodreçam no inferno - disse ela.

Não gritou. Sua voz estava apática pelo cansaço. Caminhou para a porta SA Í DA e a empurrou, usando as duas mãos. Eu quis dizer-lhe algo, chamá-la de volta, mas tinha a boca demasiado seca.

- Ei, dona, escute... - começou o adolescente que gritara para a Sra. Carmody.

Ele lhe segurou o braço. A mulher loura baixou os olhos para aquela mão que a prendia e o rapazinho a soltou, envergonhado. Ela deslizou para dentro do nevoeiro. Nós a vimos ir e ninguém disse nada. Vimos o nevoeiro abraçá-la, torná-la insubstancial, não mais um ser humano, porém o desenho a tinta de um ser humano, feito no papel mais branco do mundo, e ninguém disse nada. Por um momento, foi como as letras do aviso MANTENHA A DIREITA, que tinha parecido flutuar no nada; seus braços, pernas e o pálido cabelo louro desapareceram, permanecendo apenas os enevoados remanescentes de seu vestido vermelho de verão, como se dançassem em um limbo alvacento. Então, o vestido também desapareceu e ninguém disse nada.

IV. A área de estocagem. Problemas com os geradores. O que aconteceu ao rapaz embalador

Billy começou a agir histericamente e com malcriação, gritando pela mãe de maneira rouca e exigente através das lágrimas, instantaneamente regredindo à idade de dois anos. Seu lábio superior estava coberto de ranho. Levei-o dali, descendo por um dos corredores centrais, com o braço em torno de seus ombros, tentando acalmá-lo. Caminhei com ele ao longo do comprido gabinete branco para carnes, que ocupava toda a largura do supermercado, na parte dos fundos. O açougueiro, Sr. Mc Vey, ainda estava lá. Cumprimentamo-nos com um aceno de cabeça, o melhor que podíamos fazer, em vista das circunstâncias.

Sentando-me no chão, coloquei Billy no colo e mantive seu rosto contra meu peito, embalando-o e falando com ele. Contei-lhe todas as mentiras que os pais reservam para as situações difíceis, aquelas que soam infernalmente plausíveis para uma criança, e as

contei em um tom de absoluta convicção.

- Aquele não é um nevoeiro igual aos outros - disse Billy. Ergueu o rosto para mim, os olhos circundados de sombras e marejados de lágrimas. - Não é igual, não, papai?

- Não, não é igual - falei, não querendo mentir sobre aquilo.

Crianças não lidam com o choque à maneira dos adultos; elas harmonizam-se com ele, talvez por viverem em semipermanente estado de choque até cerca dos treze anos. Billy começou a cochilar. Eu o mantive nos braços, achando que fosse acordar de novo, mas seu sono aprofundou-se, ficou pesado. Talvez houvesse ficado desperto parte da noite anterior, ao dormir-mos os três em uma só cama, pela primeira vez, desde que ele era bebê. E talvez - senti algo como uma lâmina fria me varando ao pensar nisso - talvez ele houvesse pressentido algo que estava para ocorrer.

Quando fiquei certo de que ele dormia profundamente, depositei-o no chão e saí em busca de algo com que cobri-]o. Em sua maioria, as pessoas continuavam na parte interna e fronteira do supermercado, espiando o espesso lençol do nevoeiro. Norton reunira um pequeno grupo de ouvintes e ocupava-se em fasciná-los com sua palavra eloqüente - ou, pelo menos, tentava. Bud Brown permanecia rigidamente em seu posto, mas Ollie Weeks já abandonara o seu.

Havia umas poucas pessoas pelos corredores, perambulando como fantasmas, os rostos sebosos pelo choque. Entrei na área de estocagem, através das grandes portas duplas entre o gabinete de carnes e o refrigerador de cerveja.

O gerador rugia com firmeza, através de sua divisória de compensado, mas havia algo errado. Pude sentir cheiro dos vapores de diesel e eram muito fortes. Caminhei para a divisória, poupando a respiração. Por fim, desabotoando a camisa, tapei a boca e o nariz com parte dela.

A área de estocagem era comprida e estreita, fracamente iluminada por dois conjuntos de luzes de emergência. Havia caixas de papelão amontoadas por toda parte -alvejantes a um lado, caixas de refrigerantes no lado mais distante da divisória, caixotes de Beefaroni e catchup empilhados. Um destes havia caído e o papelão parecia sangrar.

Abria porta que dava para o compartimento do gerador e entrei. A máquina estava obscurecida por nuvens densas e oleosas de fumaça azul. O tubo de exaustão passava por um buraco na parede. Algo devia ter bloqueado a saída externado tubo. Havia um interruptor simples, liga/desliga, e eu o acionei. O gerador estremeceu, arrotou, tossiu e morreu. Depois emitiu uma série de pequenos estouros, cada vez mais sufocados, recordando-me a obstinada serra de cadeia de Norton.

As luzes de emergência apagaram-se e me vi na escuridão. Fiquei logo assustado e perdia orientação. Minha respiração parecia um vento rasteiro, agitando palha. Bati com o nariz na fina porta de compensado e meu coração cambaleou. Havia vidraças nas portas duplas mas, por algum motivo, tinham sido pintadas de preto, de modo que a escuridão era quase total. Desorientado, colidi com uma pilha de caixas de alvejantes. As caixas de papelão oscilaram e caíram. Uma passou rente à minha cabeça, fazendo-

me recuar um passo e tropeçarem outra, que caíra às minhas costas. Caí sentado, levando uma forte pancada na cabeça, que me fez ver estrelas brilhando no escuro. Um bom espetáculo.

Fiquei ali, xingando-me e esfregando a cabeça, dizendo a mim mesmo para ficar calmo e sair daquele lugar, voltar para Billy. convencendo-me de que nada

macio e escorregadio se fecharia em volta de meu tornozelo ou me prenderia a mão. Falei-me para não perder o controle ou terminaria dando voltas ali dentro, em pãnico, colidindo com coisas e criando uma louca pista de obstáculos para mim próprio.

Levantei-me com cautela, procurando alguma réstia de luz entre as portas duplas. Encontrei-a, um fraco mas indiscutível risco de claridade na escuridão. Caminhei para ela, mas então parei.

Houve um som. Um som suave, deslizante. Parou, depois recomeçou, com um furtivo baquezinho. Tudo dentro de mim ficou bambo. Como por mágica, recuei aos quatro anos de idade. Aquele som não provinha do supermercado, mas de trás de mim. Do exterior. Onde estava o nevoeiro. Alguma coisa deslizava e deslizava, rastejando sobre os blocos de concreto. E, talvez, procurando um jeito de entrar.

Aliás, talvez já houvesse entrado e procurasse por mim. Em mais um momento, eu poderia estar sentindo sobre meu sapato o que quer que emitia aquele som. Ou em meu pescoço.

O som repetiu-se. Agora, eu tinha certeza, era do lado de fora. Isso, contudo, não tornou nada melhor. Ordenei a minhas pernas que se movessem e elas recusaram a ordem. Então, a qualidade do ruído mudou. Alguma coisa arranhou em meio à escuridão. Meu coração saltou no peito e eu dei um salto de mergulho para aquela fina linha de luz vertical. Bati contra as portas com os braços estirados e irrompi no supermercado.

Três ou quatro pessoas estavam bem junto às portas duplas - Ollie Weeks era uma delas - e elas saltaram para trás, surpresas. Ollie aferrou o peito.

- David! - disse, em voz agoniada. - Meu Deus, você quer me tirar dez anos de... - Parou ao ver meu rosto. - O que há com você?

- Vocês ouviram? - perguntei. Minha voz soava estranha a meus próprios ouvidos, aguda e estridente. - Algum de vocês ouviu?

Eles nada tinham ouvido, claro. Estavam vindo para saber por que o gerador parara de trabalhar. Quando Olhe me disse isso, um dos rapazes que embalavam mercadorias, junto à caixa, surgiu carregando um monte de lanternas de pilha. Olhou de Ollie para mim, curiosamente.

- Eu desliguei o gerador - falei, explicando por quê.

- O que foi que ouviu? - um homem perguntou. Trabalhava no departamento rodoviário da cidade, seu nome era Jim qualquer coisa.

- Não sei. Era um ruído rastejante. Gosmento. Não quero tornar mais a ouvi-lo.

- Foram seus nervos - disse o outro sujeito com Ollie.

- Não. Não foram meus nervos.

- Ouviu o ruído antes das luzes se apagarem?

- Não, só depois. Mas...

Não adiantava explicar, podia ver pela maneira como me olhavam. Não que-

riam mais notícias ruins, nada amedrontador ou fora do normal. Já haviam tido o suficiente disso. Apenas Ollie parecia acreditar em mim.

- Vamos entrar e ligar o gerador novamente - disse o rapaz embalador, estendendo as lanternas.

Ollie pegou a sua, com ar duvidoso. O rapaz ofereceu-me uma, com um brilho ligeiramente sarcástico nos olhos. Teria uns dezoito anos. Após pensar um momento, peguei a lanterna. Eu ainda precisava encontrar alguma coisa com que cobrir Billy.

Ollie abriu as portas, escancarando-as e deixando entrar um pouco de claridade. As caixas de papelão dos alvejantes jaziam espalhadas em torno da porta entreaberta da divisória de compensado. O sujeito chamado Jim farejou o ar.

- Parece bem enfumaçado. Acho que fez bem em desligá-lo.

Os fachos das lanternas saltitaram e dançaram pelas caixas de papelão acondicionando latarias, papel sanitário e ração para cães. Os fachos luminosos surgiam enfumaçados nas emanações que enchiam o recinto, enviadas de volta à área de estocagem por causa do exaustor bloqueado. O rapaz embalador dirigiu brevemente sua luz para a ampla porta de descarregamento de mercadorias, na extrema direita.

Ollie e os dois homens entraram no compartimento do gerador. Os fachos de suas lanternas andavam inquietamente de um lado para outro, recordando-me algo de uma história de aventuras para garotos - e eu ilustrara uma série delas quando ainda cursava a universidade. Piratas enterrando seu ouro sangrento à meia-noite ou talvez o cientista louco e seu assistente esquartejando um corpo. Sombras dançavam nas paredes, distorcidas e monstruosas pelos fachos de luz que se entrecruzavam pelas paredes. O gerador tiquetaqueava, esfriando.

O rapaz embalador aproximava-se da porta de descarregamento, iluminando o caminho à sua frente.

- Se fosse você, eu não iria aí - falei.

- Oh, claro, eu sei que você não iria.

- Experimente agora, Ollie - disse um dos homens.

O gerador estremeceu, depois rugiu.

- Céus! Desligue logo! Raios, como isso fede!

O gerador morreu novamente. O rapaz embalador retornava da porta de descarga, no momento em que eles saíam do compartimento do gerador.

- - Há alguma coisa bloqueando esse exaustor, não há dúvida-comentou um dos homens.

- Pois eu seio que fazer-disse o rapaz embalador. Seus olhos brilhavam ao clarão das lanternas e, em seu nisto, havia uma expressão de que-se-danem, tantas vezes desenhada por mim como parte do frontispício em minha série de aventuras para garotos. - Liguem o gerador o tempo suficiente, até que eu levante a porta de descarga, lá atrás. Vou desentupir esse exaustor, dar um jeito no que quer que o esteja bloqueando.

- Não acho que seja uma boa idéia, Norm - disse Ollie, duvidoso.

- A porta é elétrica? - perguntou o chamado,Jim.

- Claro - respondeu Ollie, - mas não creio que seria sensato...

- Então, tudo bem -declarou o outro sujeito. Ajeitou o boné de beisebol na cabeça. - Deixe comigo.

- Não, você não entendeu - tornou a dizer Ollie. - Francamente, acho que ninguém deveria...

- Não se preocupe -disse o outro a Ollie, em tom indulgente, começando a afastar-se.

Norm, o embalador, estava indignado.

- Ei, a idéia foi minha! - exclamou.

Imediatamente, como que por mágica, eles começaram a discutir sobre quem faria aquilo, em vez de se devia ou não ser feito. Enfim, nenhum deles ouvira ainda aquele desagradável som deslizante.

- Parem com isto! - gritei bem alto.

Eles se viraram para mim.

- Vocês parecem não entender ou então fazem o possível para não entender! Este não é um nevoeiro comum. Ninguém mais entrou no supermercado, desde que ele chegou aqui, notaram? Se abrirem aquela porta de descarga e alguma coisa entrar...

- Alguma coisa, como? - perguntou Norm, com o perfeito ar desdenhoso e machão dos dezoito anos.

- Seja lá o que tenha feito o barulho que ouvi.

- Sr. Drayton - disse Jim - desculpe-me, mas acho que não ouviu coisa alguma. Sei que é um artista muito importante, com ligações em Nova York eHollywood mas, para mim, isso não o torna diferente de mais ninguém. De maneira como imagino, entrou aqui no escuro e talvez tenha ficado... um pouco confuso, digamos.

- Sim, talvez tenha mesmo - respondi. - E talvez, se quer ficar dando palpites por aí, devia começar certificando-se de que aquela senhora chegou junto dos filhos sã e salva.

Sua atitude - bem como a de seu companheiro e a de Norm, o rapaz embalador-estava me deixando nervoso e assustado ao mesmo tempo. Eles tinham nos olhos o tipo de brilho que alguns homens exibem, quando saem matando ratos a tiros, nos terrenos baldios da cidade.

- Ei - disse o companheiro de fim - quando quisermos conselhos, nós pediremos.

Ollie falou, hesitante:

- O gerador não tem tanta importância assim, entendam. Os alimentos postos nas caixas de refrigeração agüentam bem por doze horas e até mais, sem que...

- Muito bem, garoto, vamos em frente -cortou Jim com brusquidão. - Eu ligo o motor, depois você levaria a porta, para que isto aqui não fique tão fedorento. Eu e Myron estaremos ao lado da saída do exaustor. Dê-nos um grito, quando ele ficar desimpedido.

- Certo - disse Norm, afastando-se excitadamente.

- Isto é loucura - falei. - Vocês deixaram aquela senhora ir embora sozinha e...

- Não vi você contorcendo seu traseiro para ir acompanhá-la - falou Myron, o companheiro de Jim. Um rubor opaco, cor de tijolo, rastejava para fora de sua gola, - mas vai deixar que este garoto arrisque a vida por um gerador que nem mesmo é importante?

- Por que não fecham a matraca? - gritou Norm.

- Ouça, Sr. Drayton -disse Jim, e sorriu para mim friamente. - Quero lhe dizer uma coisa. Se tem algo mais a dizer, é melhor antes contar seus dentes, porque estou me cansando de ouvir suas cascatas.

Ollie olhou para mim, visivelmente amedrontado. Dei de ombros. Eles eram loucos, nada mais. Seu senso de proporção desaparecera temporariamente. Fora dali, estavam confusos e assustados. Aqui, havia um problema direto e mecânico: um gerador birrento. Podiam resolver o problema. Se o resolvessem, ficariam menos confusos e impotentes. Portanto, iam resolvê-lo.

Jim e seu amigo,.Myron concluíram que eu me sentia derrotado e tornaram a entrar no compartimento do gerador.

- Pronto, Norm? - perguntou Jim.

Norm assentiu, depois percebeu que eles não ouviriam seu gesto com a cabe-

ça.

- Estou pronto - respondeu.

- Norm - falei. - Não seja tolo!

- Não deviam fazer isso - acrescentou Ollie.

Nonas olhou para nós e, de repente, vi seu rosto muito mais jovem do que dezoito anos. Era o rosto de um menino. Seu pomo de Adão subiu e desceu convulsivamente, fazendo-me perceber que ele estava apavorado. Abriu a boca para dizer algo - penso que queria desistir - mas então o gerador rugiu para a vida novamente. Quando passou a trabalhar com ruído uniforme, Normam investiu contra o botão à direita da porta e ela começou a chacoalhar para o alto, em suas duas trilhas de aço. As luzes de emergência se tinham acendido, quando o gerador entrou em funcionamento, mas agora ficavam mortiças, enquanto o mecanismo que levantava a porta sugava corrente.

As sombras recuaram e desmancharam-se. A área de estocagem começou a encher-se com a suave luz esbranquiçada de um dia carregado, no final do inverno. Percebi de novo aquele cheiro estranho e acre.

A porta para o desembarque de mercadorias subiu meio metro, depois mais meio. Além dela, pude ver uma plataforma quadrada de cimento, as bordas contornadas por uma faixa amarela. O amarelo desbotava e desaparecia, a um metro de distância. O nevoeiro era incrivelmente espesso.

- Subiu! - berrou Norm.

Gavinhas de nevoeiro, brancas e finas como renda flutuante, esgueiraram-se para o interior. 0 ar estava frio. Estivera bastante fresco durante toda a manhã,

especialmente após o pegajoso calor das últimas três semanas, porém havia sido uma friagem de verão. Agora, faziafrio. Como se estivéssemos em março. Estremeci. Então, pensei em Steff.

O gerador morreu. Jim apareceu, justamente quando Norm mergulhou sob a porta. Ele viu aquilo. Eu vi. E Ollie também.

Um tentáculo rastejou da orla oposta da plataforma acimentada do descarregamento e agarrou Norm em volta da barriga da perna. Fiquei boquiaberto. Olhe engoliu em seco, emitindo um ruído surpreso -uk! O tentáculo afinava-se para a espessura de trinta

centímetros -era como uma cobrade capim-no ponto onde se enrolara à perna de Norm, engrossando para um metro, talvez um e vinte, onde desaparecia no nevoeiro. Era cinza-azulado na parte superior, matizando-se para um rosado cor de carne na inferior. E havia filas de ventosas no lado de baixo, movendo-se e encolhendo-se como centenas de pequeninas bocas beiçudas.

Norm olhou para baixo. Viu o que o agarrara. Seus olhos esbugalharam-se.

- Tirem isso de mim! Ei, tirem isso de mim! Pelo amor de Deus, tirem essa coisa horrível de mim!

- Oh, meu Deus! - gemeu Jim.

Norm agarrou-se à parte inferior da porta, ancorando-as a ela. O tentáculo pareceu inchar, da maneira como fica um braço, se o flexionamos. O rapazinho-foi puxado para a porta de aço corrugado - sua cabeça se chocou fragorosamente contra ela. O tentáculo inchou ainda mais. As pernas e o torso de Norm começaram a escorregar para o exterior. A borda inferior da porta arrancou as fraldas da camisa para fora de suas calças. Ele agarrou-se furiosamente e impeliu-se para trás, como um homem que fizesse flexões de corpo com a barriga para cima.

- Ajudem-me! - ele estava soluçando. - Vocês aí, caras, ajudem-me, por favor, por favor!

- Meu Deus do céu! - disse Myron.

Ele havia saído do compartimento do gerador, para ver o que acontecia. Sendo eu o mais próximo, agarrei Norm pela cintura e puxei, com toda a força que pude, sustentado nos saltos dos sapatos. Por um momento, ele recuou um pouco, mas foi só um momento. Era como espichar uma tira de borracha ou bala-puxa. O tentáculo cedeu, mas não o soltou de todo. Então, três outros tentáculos flutuaram para fora do nevoeiro, em nossa direção. Um deles enrolou-se em torno do avental vermelho do Federal, que Norm usava, e o rasgou inteiro. O pano desapareceu no nevoeiro, enrolado naquela garra branquicenta, fazendo-me pensar em algo que minha mãe dizia, quando eu e meu irmão lhe pedíamos alguma coisa que ela não queria dar - doces, uma revista de histórias em quadrinhos, algum brinquedo: " Vocês precisam tanto disso, como uma galinha precisa de uma bandeira." Pensei naquilo e pensei no tentáculo agitando o avental vermelho de Norm. Comecei a rir. Fiquei rindo, exceto que meu riso e os gritos de Norm soavam como a mesma coisa. Talvez ninguém mais soubesse que estava rindo, a não ser eu.

Os outros dois tentáculos deslizaram sem direção, de um lado para outro sobre a plataforma de carga, durante um momento, emitindo aqueles ruídos surdos de

arranhões que eu ouvira anteriormente. Então, um deles encontrou a coxa esquerda de Norm e enovelou-se em torno dela. Eu o senti tocar meu braço. Era quente, liso e pulsante. Creio que, se me houvesse aferrado aquelas ventosas, eu também teria sido puxado para dentro do nevoeiro. No entanto, foi Norm que elas aferraram. E o terceiro tentáculo enrodilhou-se em seu outro tornozelo. Agora, o rapaz estava sendo puxado de

mim.

- Ajudem-me! - gritei. - Ollie! Alguém aí! Ajudem-me aqui!

Eles não ajudaram. Não sei o que faziam, mas o fato é que não ajudaram.

Olhei para baixo e vi o tentáculo em torno da cintura de Norm, procurando sua pele. As ventosas o estavam comendo, no ponto em que a camisa escorregara das calças. Tão vermelho como seu avental, o sangue começou a fluir da trincheira feita pelo tentáculo pulsante.

Batia cabeça contra a borda inferior da porta parcialmente erguida.

As pernas de Norm estavam novamente no exterior. Um tênis lhe saíra do pé. Um novo tentáculo destacou-se do nevoeiro, enrolou a ponta firmemente em volta do sapato e o puxou para si. Os dedos de Norm agarraram-se à borda inferior da porta, mantendo-se ali com firmeza, em um apertão mortal. Seus dedos-estavam lívidos. Ele não gritava mais; estava além disso. Sua cabeça sacudia-se para trás e para os lados, em um gesto interminável de negação, enquanto seus compridos cabelos negros agitavam-se violentamente.

Olhando por sobre seu ombro, vi novos tentáculos aproximando-se, dúzias deles, uma verdadeira floresta. Em sua maioria eram pequenos, mas havia uns poucos gigantescos, tão grossos como a árvore com o colete musgoso que estivera caída em nossa entrada de carros, aquela manhã. Os maiores tinham ventosas rosadas que pareciam do tamanho de tampões de esgotos. Um daqueles grandes bateu na plataforma de carga com um forte e prolongado thrrrrap! logo depois começando a mover-se indolentemente para nós, como uma gigantesca minhoca cega. Dei um puxão desesperado e o tentáculo segurando a pantorrilha direita de Norm deslizou um pouco. Foi tudo, mas antes que ele reassumi sie seu aperto, vi que estava comendo a perna do rapaz.

Um dos tentáculos roçou seu rosto delicadamente e então oscilou no ar, indeciso. Pensei então em Billy. Meu filho dormia lá dentro do supermercado, perto do comprido e branco frigorífico para carnes do Sr. Mc Vey. Eu tinha ido até ali em busca de algo com que cobri-lo. Se uma daquelas coisas me prendesse, não restaria ninguém para cuidar dele - exceto e talvez Norton.

Pensando nisto, largueis Norm e caí sobre as mãos e joelhos.

Eu tinha o corpo metade dentro e metade fora, diretamente abaixo da porta erguida. Um tentáculo passou à minha esquerda, parecendo caminhar sobre as ventosas. Aderiu-se a um dos musculosos braços de Norm, fez uma brevíssima pausa e então enovelou-se apertadamente.

Agora, Norm parecia algo extraído do pesadelo de um louco encantador de serpentes. Tentáculos se contorciam inquietamente sobre ele, em todos os sentidos... e estavam também à minha volta. Obriguei-me a um desajeitado salto de rã,

para trás e para um lado, caí sobre um ombro e rolei. Jim, Ollie e Myron continuavam

ali. Pareciam um quadro vivo de figuras de cera no museu de Madame Tussaud, com rostos pálidos e olhos muito brilhantes. Jim e Myron estavam aos lados da porta para o compartimento do gerador.

- Liguem o gerador! - greitei para eles.

Ninguém se moveu. Eles olhavam fixamente para o quadrado de descarga, com uma drogada e tanatótica avidez.

Tateei pelo chão, agarrei a primeira coisa ao alcance -uma caixa de alvejante "Nevado" - e a atirei em Jim. A caixa lhe bateu no estômago, logo acima da fivela do cinto. Ele grunhiu e apertou a barriga. Seus olhos mostraram outra expressão, alguma semelhança de normalidade.

- Vá ligar o maldito gerador! - gritei, tão alto, que me doeu a garganta.

Ele não se moveu. Em vez disto, começou a defender-se, aparentemente tendo decidido que, com Norm devorado vivo por algum insaãu horror proveniente do nevoeiro, chegara o momento das censuras.

- Sinto muito - ganiu. - Eu não sabia, diabo, como poderia saber? Você disse que ouviu alguma coisa, mas eu não entendi direito, acho que deveria ter-se explicado melhor. Pensei que, sei lá, poderia ser uma ave, um pássaro, qualquer coisa assim...

Foi então que Ollie se moveu, empurrando-o para o lado com seu ombro maciço e precipitando-se para o compartimento do gerador. Jim tropeçou em uma das caixas de alvejantes e caiu, justamente como me acontecera no escuro.

- Sinto muito - repetiu.

Seu cabelo vermelho lhe caíra sobre a testa. As faces estavam pálidas como queijo. Os olhos eram os de um garotinho aterrorizado. Segundo mais tarde, o gerador tossiu e ganhou vida.

Voltei à porta de descarga. Norm já se fora quase todo, mas ainda assim, aferrava-se a ela com uma das mãos. Seu corpo era um novelo de tentáculos e o sangue fluía calmamente para o concreto, em gotas do tamanho de moedas. Sua cabeça agitava-se de um lado para outro e os olhos dilatavam-se de terror, obstinadamente fixos no nevoeiro.

Outros tentáculos agora rastejavam e engatinhavam pelo piso interno. Eram demasiados, perto do botão que controlava a porta de descarga, para chegar a pensarem aproximar-me dele. Um daqueles tentáculos se fechou em torno de uma garrafa de meio litro de Pepsi e a levou para fora. Outro deslizou em volta de uma caixa de papelão e apertou-a. A caixa se rompeu e rolos de papel sanitário, dois conjuntos envoltos em celofane, foram cuspidos para o alto, desceram e rolaram por todo canto. Novos tentáculos apoderaram-se deles avidamente.

Um dos maiores deslizou para mais perto. Sua ponta se ergueu do solo e pareceu farejar o ar. Começou a avançar para Myron e ele se afastou em passinhos miúdos, com os

olhos girando loucamente nas órbitas. Um gemido agudíssimo escapou de seus lábios sem cor.

Olhei em torno procurando algo, qualquer coisa de comprimento suficiente

para passar acima dos tentáculos sondantes e apartar o botão FECHAR, cravado na parede. Avistei uma vassoura de faxineiro, recostada contra uma pilha de engradados de cerveja, e agarrei-a.

A mão ilesa de Norm ficou solta. Ele caiu com um baque surdo sobre a plataforma acimentada de descarga, procurando alucinadamente onde agarrar-se com aquela mão. Seus olhos encontraram os meus por um instante. Estavam infernalmente brilhantes e conscientes. Norm sabia o que lhe acontecia. Em seguida, foi puxado para o nevoeiro, rolando e aos trambolhões. Houve outro grito, abafado. Norm desaparecera.

Apertei a ponta do cabo da vassoura contra o botão e o motor uivou. A porta começou a deslizar para baixo. Tocou primeiro o tentáculo mais grosso, aquele que estivera investigando na direção de Myron. A borda de aço bateu em sua pele -couro, sei lá -e então o partiu. Uma gosma negra começou a escorrer daquilo. O tentáculo contorceu-se loucamente, chicoteando o piso de concreto da área de estocagem, como um chicote obsceno, antes de achatar-se. Um momento depois, desaparecia. Os outros começaram a retrair-se.

Um deles tinha um saco de dois quilos e meio de " Gaines", a ração para cães, e não o largou. A porta que descia o cortou em dois, antes de encaixar-se em sua fenda no piso. A ponta amputada do tentáculo comprifiiu-se convulsivamente, cada vez apertando mais o saco, até rasgá-lo e enviar pelotas castanhas de ração para cães por todo lado. Em seguida, começou a saltitar no chão, como peixe fora d'água, enrolando-se e desenrolando-se, poréqcada vez mais devagar, até ficar imóvel. Espetei-a com a ponta da vassoura. Aquele pedaço de tentáculo teria cerca de um metro de comprimento, mas aferrou furiosamente o cabo da vassoura por um instante, depois afrouxando a pressão e caindo flácido em meio àquela confusa mistura de papel sanitário, ração para cães e caixas de alvejante.

Não havia outro som além do rugido do gerador e de Ollie, chorando dentro do compartimento de compensado. Eu podia vê-lo sentado em uma banqueta, com o rosto enterrado nas mãos.

Então, tive consciência de outro som. Era o mesmo som suave e deslizante que ouvira no escuro. Só que, agora, ele se multiplicava por dez. Era o som dos tentáculos contorcendo-se do outro lado da porta de descarga, procurando um jeito de entrar.

Myron deu dois passos para mim.

- Escute - disse. - Você precisa compreender que...

Dei-lhe um soco no rosto. Ele estava. tão surpreso, que nem tentou apará-lo. Meu punho fechado caiu abaixo de seu nariz e esmagou-lhe o lábio superiorcontra os dentes. O sangue fluiu de sua boca.

- Você o empurrou para a morte! -gritei. -Olhou bem para aquilo? Olhou bem para o que você fez?

Comecei a esmurrá-lo, em loucos socos de esquerda e direita, não como me fora ensinado nas aulas de pugilismo da universidade, mas apenas agredindo. Ele

recuou, esquivando-se a alguns golpes, mas levando outros, com um entorpecimento que parecia uma espécie de contormação ou punição. Aquilo me deixou ainda mais louco. Tirei sangue de seu nariz. Consegui acertá-lo embaixo dos olhos e aquilo ia ficar lindamente preto. Tornei a atingi-lo duramente no queixo. Depois disso, os olhos dele ficaram turvos e semi-apáticos.

- Escute - repetia ele, - escute, escute...

Então, esmurrei-o baixo no estômago, o ar escapou de seu corpo e ele parou de dizer "escute, escute". Não sei quanto tempo continuaria a esmurrá-lo, se alguém não me agarrasse pelos braços. Libertei-me com um puxão e me virei. Esperava que fosse Jim, porque queria esmurrá-lo também.

Não era Jim, mas Ollie, com o rosto redondo mortalmente pálido, à exceção dos círculos escuros em torno dos olhos -olhos que ainda brilhavam com as lágrimas.

- Não, David - disse. - Não bata mais nele. Isto não resolve nada.

Jim estava de pé a um lado, o rosto parecendo uma máscara de apática perplexidade. Chutei a caixa de alguma coisa contra ele. A caixa bateu em uma de suas botas e ricocheteou de volta.

- Você e seu amigo são dois filhos da mãe! - exclamei.

- Vamos, David - disse Ollie, entristecido. - Pare com isso.

Jim baixou os olhos para as botas. Sentado no chão, Myron segurava a pança de bebedor de cerveja. Eu respirava com dificuldade. O sangue fervia em meus ouvidos e todo o meu corpo tremia. Sentei-me em duas caixas de papelão, coloquei a cabeça entre os joelhos e apertei as peruas com força, pouco acima dos tornozelos. Fiquei assim por algum tempo, os cabelos caídos no rosto, esperando para ver se ia perder os sentidos, vomitar ou qualquer coisa.

Após alguns momentos, a sensação passou e ergui os olhos para Ollie. Seu elegante anel cintilou com faíscas mortiças, ao pálido clarão das luzes de emergência.

- Está bem - falei, em tom monótono. - Já acabei.

- Ainda bem - disse Ollie. - Temos que pensar no que faremos em segui-

da.

A área de estocagem começava novamente a feder, com o exaustor entupido.

- Desligue o gerador. É a primeira coisa a fazer.

- Certo, e vamos dar o fora daqui - disse Myron. Fitou-me com ar suplicante. - Sinto muito sobre o garoto, mas você precisa compreender...

- Não compreendo coisa nenhuma. Você e seu amigo, voltem para o supermercado, mas esperem lá, perto do freezer da cerveja. E não digam uma palavra a ninguém. Pelo menos, por enquanto.

Os dois saíram obedientemente, lado a lado, ao passarem pelas portas de vaivém. Olhe desligou o gerador e, justamente quando as luzes começavam a falhar. avistei uma manta axadrezada - o tipo de coisa utilizada nas mudanças, para proteger artigos quebráveis - atirado em cima de uma pilha de engradados com gar-

rafas vazias de soda, devolvidas por consumidores. Estendi o braço e a apanhei para Billy.

Houve o som de pés lentos e arrastados, quando Ollie saiu do compartimento do gerador. Sendo ele um homem grandalhão, com excesso de peso, sua respiração tinha um som levemente ofegante.

- David? - perguntou, em voz algo trêmula. - Ainda está aí?

- Bem aqui, Ollie. Cuidado com todas essas caixas caídas de alvejantes.

- Hã-hã.

Eu o guiei com minha voz e, em uns trinta segundos, ele se destacou da escuridão e agarrou meu ombro. Ouvi seu longo e trêmulo suspiro.

- Céus, vamos sair daqui. - Eu podia sentir em seu hálito o cheiro dos Rolaids que ele costumava mascar. - Esta escuridão... é horrível.

- Também acho, mas espere um minuto, Ollie. Preciso falar com você e não quero que aqueles dois cretinos ouçam.

- Dave... eles não obrigaram Norm. Lembre-se disto. .

- Norm era um garoto, eles não. Está bem, tudo acabou. Vamos ter que contar a eles, Ollie. Às pessoas no supermercado.

- Podem entrar em pânico... - disse Ollie, dubitativo.

= Talvez sim, talvez não. Contudo, se ficarem sabendo, vão pensar duas vezes se quiserem ir para a rua. Aliás, é o que a maioria quer. Por que não? Quase todos deixaram alguém em casa. Eu deixei. Precisamos fazê-los compreender a que se arriscam, se saírem daqui.

A mão de Ollie apertava meu braço com força.

- Está bem - respondeu. - Eu estava me perguntando... todos aqueles tentáculos... como um polvo ou coisa assim... A que estavam presos, David? A que aqueles tentáculos estavam presos?

- Não sei, mas não quero aqueles dois contando aos outros à sua maneira. Isso desencadearia o pânico. Vamos.

Olhei em torno e, após um momento, localizei afina estria vertical de claridade entre as portas de vaivém. Começamos a caminhar naquela direção, arrastando os pés, desviando-nos das caixas de papelão espalhadas pelo chão, com uma das manoplas de Ollie agarrando meu braço. Ocorreu-me que todos nós havíamos perdido nossas lanternas.

Quando alcançamos as portas, Ollie disse, em voz apática:

- O que nós vimos... é impossível, David. Sabe disso, não? Mesmo que um furgão fechado do Boston Seaquarium chegasse aqui e descarregasse um daqueles polvos gigantescos, como em Vinte Mil Léguas Submarinas, o bicho morreria. Tinha quer morrer.

- Exato - respondi. - Você tem toda razão.

- Então, o que aconteceu? Hem? O quê? O que será esse maldito nevoeiro?

- Eu não sei, Ollie.

Nós dois saímos para o supermercado.

V. Desentendimento com Norton. Discussão junto ao freezer de cerveja. Verificação.

Jim e seu bom amigo Myron estavam logo ali, perto das portas, cada um com uma Budweiser na mão. Olhei para Billy, vi que ele ainda dormia, e o cobri com a áspera manta acolchoada de mudanças. Ele se remexeu levemente, murmurou algo, depois aquietou-se. Olhei para meu relógio. Meio-dia e quinze. Aquilo parecia totalmente impossível. Para mim, era como se houvessem passado cinco horas, desde que entrara naquele recinto em busca de algo para cobrir Billy. No entanto, a coisa toda, do começo ao fim, durara apenas cerca de trinta e cinco minutos.

Voltei para onde estava Ollie, com Jim e Myron. Ollie tomava uma cerveja e ofereceu-me uma. Apanhei-a e sorvi metade da lata imediatamente, como tinha feito aquela manhã, cortando a árvore. Fiquei algo estonteado.

Jim era Jim Grondin. O sobrenome de Myron era LaFleur - o que tinha seu lado cômico, sem dúvida, Myron, a flor, tinha sangue coagulado nos lábios, queixo e rosto. O olho com a contusão começava a inchar. A moça da camisa de atletismo cor de uva-do-monte perambulou por perto, sem destino, e lançou um olhar cauteloso a Myron. Eu

poderia ter-lhe dito que ele só era perigoso para rapazes adolescentes que queriam provar sua masculinidade, mas poupei o fôlego. Afinal, Ollie estava certo - eles só tinham feito o que julgavam ser melhor, embora de maneira cega e amedrontada, em vez de agirem em beneficio do real interesse comum. Agora, eu precisava deles, para o que julgava ser melhor. Não achei que isso seria problema. Os dois estavam esvaziados de coragem. Nenhum deles - em especial Myron, a for - valeria grande coisa, nem teria utilidade durante algum tempo ainda. Algo que estivera em seus olhos, quando procuravam fazer Norm sair para desentupir o exaustor, agora havia desaparecido. A valentia os abandonara.

- Vamos ter que contar alguma coisa a esta gente - falei.

Jim abriu a boca para protestar.

- Eu e Ollie omitiremos qualquer parte que você e Myron tiveram, mandando Norm lá fora, se os dois confirmarem o que vamos dizer sobre... bem, sobre aquilo que o pegou.

- Está bem -disse Jim, pateticamente ansioso. - Claro, se não contarmos, as pessoas podem querer ir para fora... como aquela mulher... aquela mulher que... - Ele limpou a boca com a mão e depois bebeu mais cerveja rapidamente. - Oh, céus. que coisa!

- David -disse Ollie, -e se... - Interrompeu-se, depois obrigou-se a continuar: - e se eles entrarem aqui? Os tentáculos?

- Como poderiam entrar? - exclamou Jim. - Vocês fecharam a porta.

- Claro - replicou Ollie, - mas toda a parede fronteira deste lugar é vidro puro.

Meu estômago contorceu-se, como se um elevador houvesse despencado vinte andares, comigo em seu interior. Eu sabia daquilo, mas fizera o possível para ignorá-lo. Olhei para onde Billy dormia. Pensei naqueles tentáculos, enxameando sobre Norm. Pensei naquilo acontecendo a Billy.

- Vidro puro... - sussurou Myron LaFleur. -Jesus Cristo em um sidecur puxado por uma carruagem...

Deixei os três parados junto do frigorífico, cada um às voltas com uma segundalatade cerveja, e fui procurar Brent Norton. Encontrei-o em uma reservada conversa com Bud Brown, perto da Registradora n.° Z. Eles - Norton com seus cabelos grisalhos de corte elegante e boa aparência de veterano, Brown com sua cara austera de Nova Inglaterra - pareciam algo extraído de uma caricatura da New Yorker.

Umas duas dúzias de pessoas vagavam incessantemente no espaço entre o final das entradas para as caixas e a comprida vitrine panorâmica. Muitas enfileiravam-se junto ao vidro, olhando para o nevoeiro. À minha mente, retornou a visão de espectadores reunidos junto a um prédio em construção.

A Sra. Carmody estava sentada na esteira rolante parada de uma das entradas de caixa, fumando um Parliament com filtro. Seus olhos me mediram, viram-me procurando e

desviaram-se. Ela dava a impressão de estar sonhando acordada.

- Brent! - chamei.

- David! Por onde é que andou?

- Eu queria falar a você justamente sobre isso.

- Aquelas pessoas, lá no fundo, estão bebendo cerveja - apontou Brown, em tom taciturno. Soava como um homem anunciando que filmes impróprios haviam sido exibidos em uma reunião de diácortos. - Posso vê-Ias pelo espelho de segurança. Francamente, isto não pode continuar.

- Brent!

- Pode me dar licença por um instante. Sr. Brown?

- Naturalmente. - Brown dobrou os braços sobre o peito e espiou carrancudamente pelo espelho convexo. - Isto não pode continuar e vai parar, eu lhes prometo!

Eu e Norton caminhamos para a geladeira de cerveja, no canto mais distante do supermercado, passando ao lado dos utensílios domésticos e afins. Olhei por sobre o ombro e, inquieto, reparei nos batentes de madeira emoldurando as altas seções retangulares de vidro, que estremeciam, se contorciam e estilhaçavam-se. Recordei que uma das janelas nem ao menos estava inteira. Um pedaço de vidro, em formato de cunha, havia caído do canto sur)erior, no momento daquele baque surdo esquisito. Se pudéssemos encher o buraco com panos ou alguma coisa talvez um bom punhado daqueles tops para senhoras, a 3,59 dólares, que eu percebera perto dos vinhos...

Meus pensamentos foram bruscamente interrompidos e tive que colocar as costas da mão sobre a boca, como que sufocando um arroto. O que eu realmente procurava sufocar era a repugnante inundação de horríveis risadinhas que que-

riam escapar, quando pensei em enfiar um punhado de blusas em um buraco, para impedir a entrada daqueles tentáculos que haviam agarrado Norm. Eu vira um daqueles tentáculos -um pequeno -espremer um saco de ração para cães, até o saco simplesmente explodir.

- Tudo bem com você, David?

- Quê?

- Seu rosto... Dá a impressão de que acabou de ter uma boa idéia ou uma horrenda.

De repente, algo me passou pela cabeça.

- Escute, Brent, o que aconteceu àquele homem que entrou aqui como louco, gritando sobre algo no nevoeiro, pegando John Lee Frovin?

- O sujeito com o nariz sangrando?

- Sim, ele mesmo.

- Perdeu os sentidos e o Sr. Brown o fez voltar a si com alguns sais para cheirar, do estojo de pronto-socorro. Por quê?

- Ele disse alguma coisa mais, quando acordou?

- Continuou com aquela alucinação. O Sr. Brown o levou para o escritório. O cara estava amedrontando algumas mulheres e pareceu satisfeito em ir. Oh. houve algo mais! Quando o Sr. Brown disse que no escritório do gerente havia apenas uma janela pequena, assim mesmo reforçada com tela aramada, o sujeito pareceu contente em ir para lá. Presumo que ainda nem tenha saído.

- O que ele dizia não era nenhuma alucinação.

- Não, claro que não.

- E aquele baque que sentimos?

- Não foi alucinação, David, mas...

Brent está assustado, fiquei repetindo para mim mesmo. Não se aborreça com ele, já se aborreceu o suficiente esta manhã, e basta. Vá com calma, porque bem sabe como Brent agiu, durante aquela idiota briga sobre as divisas entre as duas propriedades... primeiro altaneiro, depois sarcástico e, finalmente, quando se tornou claro que ele ia perder, intolerável. Nada de aborrecimentos agora, porque irá precisar dele. Brent Norton talvez não consiga ligar a própria serra em cadeia, mas parece a figura paterna do mundo ocidental e, se disser a esta gente para não entrar em pânico, ninguém entrará. Portanto, não discuta com ele.

- Está vendo aquelas portas duplas além da geladeira da cerveja?

Ele espiou, franzindo a testa.

- Um daqueles bebendo cerveja não é o outro gerente-assistente? Weeks? Se Brown descobrir, posso lhe garantir que esse homem estará procurando outro emprego muito breve.

- Quer me ouvir, Brent?

Ele se virou para mim, com expressão ausente.

- O que estava dizendo, Dave? Sinto muito.

Em pouco, estaria sentindo muito mais.

- Vê aquelas portas?

- Sim, claro que vejo. O que há com elas?

- Dão para a área de estocagem, que ocupa toda a fachada oeste do prédio. Billy pegou no sono e fui até lá, ver se encontrava alguma coisa com que cobri-lo...

Contei-lhe tudo, omitindo apenas a discussão sobre se Norm devia ter ido lá fora ou não. Contei-lhe o que havia entrado... e finalmente o que havia saído, gritando. Brent Norton recusou-se a acreditar. Não - ele se recusou, inclusive, a pensar no que eu lhe dizia. Levei-o até Jim, Ollie e Myron. Os três confirmaram a história, embora Jim e Myron, a flor, estivessem a caminho da embriaguez.

Novamente, Norton recusou-se a acreditar e mesmo a aceitar aquilo. RespapdeU apenas:

- Não! Não, não e não! Peudoem-me, senhores, mas isso é absolutamente ridículo. Se não for uma brincadeira de mau gosto -declarou altaneiro, com seu sorriso radioso, mostrando que sabia aceitá-la tão bem quanto qualquer um, vocês estão sendo vítimas de alguma hipnose coletiva:

Minha raiva cresceu novamente e procurei contê-la, com dificuldade. Não creio que, normalmente, seja um homem de temperamento irascível. Entretanto, aquelas não eram circunstâncias normais. Precisava pensar em Billy e no que acontecia - no que já acontecera - a Stephanie. Eram coisas que constantemente emergiam no fundo de minha mente.

- Muito bem - falei. - Vamos voltar lá. Há um pedaço de tentáculo caído no chão. A porta o decepou, quando foi arriada. E você também poderá ouvi-los. Estão se roçando contra aquela porta. Fazem um ruído semelhante ao do vento na hera.

- Não - respondeu ele, calmamente.

- Como? - Em verdade, eu sabia que o ouvira perfeitamente. - O que foi que disse?

- Eu disse que não. Que não vou até lá. A brincadeira já foi longe demais.

- Juro para você que não é nenhuma brincadeira, Brent!

- Claro que é! -bufou ele. Seus olhos passaram por Jim, Myron e descansaram brevemente em Ollie Weeks -que lhe sustentou o olhar com calma impassividade -e finalmente voltaram para mim. - Isto é o que vocês, gente daqui, provavelmente consideram "uma boa piada". Não é, David?

- Brent... escute...

- Não! Escute você! -Sua voz começou a elevar-se para um brado de tribunal. Era uma voz que tinha alcance, um bom alcance, de maneira que vários dos que perambulavam por ali espiaram, querendo saber o que acontecia. Norton apontou o dedo para mim, enquanto falava. -É uma piada. Uma casca de banana e eu sou o sujeito que deve

escorregar nela. Vocês, os nativos, não são precisamente loucos por forasteiros, certo? Estão sempre mancomunados. Foi o que aconteceu, quando o levei aos tribunais para recuperar o que era legitimamente meu. Você venceu aquela, tudo bem. Por que não? Seu pai era o famoso artista e esta é a sua cidade. Eu apenas pago meus impostos e gasto meu dinheiro aqui!

Ele não estava mais representando, exibindo-nos seu treinado vozeirão de tri-

bunal. Agora quase gritava, estava já perdendo todo o controle. Ollie Weekes deu mais meia volta e afastou-se, aferrado à sua cerveja. Myron e seu amigo Jim olhavam para Norton com aberto espanto.

- Quer dizer que devo ir até lá e olhar para um daqueles artifícios de borracha que custam noventa e oito centavos, enquanto estes dois pulhas ficam olhando e morrendo de rir?

- Ei. você quer ver quem está chamando de pulha - disse Myron.

- Se quer saber a verdade, estou contente por aquela árvore ter caído em sua casa de barcos. Contente! - Norton ria ferozmente para mim. - Afundou-a direitinho, não foi? Fantástico! E agora, saia do meu caminho.

Ele tentou empurrar-me para passar. Agarrei-o pelo braço e o empurrei contra a geladeira de cerveja. Uma mulher abriu a boca, espantada. Dois engradados caíram.

- Abra bem os ouvidos e ouça, Brent. Aqui dentro há vidas em jogo e meu filho está nisto também, Portanto, ouça, ou juro que acabo com sua raça!

- Vá em frente - disse Norton, ainda rindo, com uma espécie de insana coragem. Seus olhos, injetados e grandes, salientavam-se nas órbitas. - Mostre a todos como é grandão e valente, espancando um homem que sofre do coração e tem idade bastante para ser seu pai.

- Espanque-o assim mesmo! - exclamou Jim. - O coração dele que se dane. Aliás, acho que um rábula nova-yorkino barato como ele nem tem coração.

- Fique fora disto - falei para Jim, e então baixei o rosto até o de Norton. Estava à distância de beijá-lo, se tivesse isso em mente. A geladeira não estava funcionando, mas ainda irradiava friagem. - Pare de jogar areia para o alto, homem. Sabe muito bem que digo a verdade!

- Eu não... sei de... nada... - ofegou ele.

- Se a hora e o lugar fossem outros, eu deixaria você levar a melhor nisto. Pouco me importa o quanto esteja apavorado, porque eu também estou. Só que preciso de você, droga! Deu para entender? Eu preciso de você!

- Largue-me!

Agarrei-o pela camisa e o sacudi.

- Será que não compreendeu? Todos vão começar a sair do supermercado e caminhar diretos para aquela coisa lá fora! Pelo amor de Deus, procure entender!

- Largue-me!

- Não, enquanto não for até lá nos fundos comigo e ver por si mesmo.

- Já lhe disse que não vou! É tudo uma piada, uma brincadeira de mau gosto. Não sou tão idiota como imaginam e...

- Então, eu mesmo o levarei lá.

Agarrei-o pelo ombro e cangote. A costurada camisa, debaixo de um braço, se rasgou com um macio ruído ronronado. Arrastei-o até as portas duplas. Norton deu um grito lamuriento. Algumas pessoas se tinham amontoado em um grupo, talvez quinze ou dezoito, mas ficaram à distância. Nenhuma delas mostrava sinais de interferir.

- Ajudem-me! -gritou Norton, os olhos salientando-se atrás das lentes dos óculos.

Seu bem penteado cabelo desmanchara-se outra vez, formando dois pequenos tufos atrás das orelhas. As pessoas arrastavam os pés e espiavam.

- Por que está gritando? - falei em seu ouvido. - É só uma brincadeira, não? Foi por isso que o trouxe à cidade, quando você pediu, e também por isso confiei-lhe Billy para a travessia do pátio de estacionamento... porque eu havia confeccionado todo este nevoeiro, aluguei uma máquina de fabricar nevoeiro em Hollywood, que me custou quinze mil dólares e mais oito mil para trazê-la até aqui, tudo isso só para fazer uma brincadeira de mau gosto com você. Pare de dizer tolices e abra os olhos!

- Lar... que... me...! - gritou ele.

Estávamos já quase junto às portas.

- Ei, ei! O que é isto? O que está fazendo?

Era Brown. Afobado, ele abriu caminho às cotoveladas através do grupo amontoado de espectadores.

- Diga a ele para largar-me! - pediu Norton, em voz rouca. - Ele está maluco!

- Não, ele não está maluco. Eu gostaria que estivesse, mas infelizmente não está.

Era Ollie e eu o abençoaria por ter dito isso. Contornando o corredor às nossas costas, ele se aproximou e encarou Brown. Os olhos de Brown desceram até a cerveja que Ollie segurava.

- Você está bebendo! - exclamou, em tom de surpresa, mas não inteiramente desprovido

de prazer. - Perderá seu emprego por isto!

- Ora, vamos, Bud - falei, soltando Norton. - Esta não é uma situação comum.

- Os regulamentos não mudam - declarou Brown, enfático. - Providenciarei para que a firma saiba disto. É a minha obrigação.

Nesse meio tempo, Norton esqueirara-se para longe e ficara a alguma distância, procurando endireitar a camisa e alisar o cabelo para trás. Seus olhos iam nervosamente de Brown para mim.

- Eli! - gritou Ollie de repente, erguendo a voz e produzindo um trovejar profundo, que eu jamais suspeitaria daquele homem grandalhão, porém delicado e não assumido. -Ei! Vocês todos no supermercado! Aproximem-se e escutem isto! É do interesse de todos vocês! - Olhou de frente para mim, ignorando Brown por completo. - Estou me saindo bem?

- Está ótimo.

As pessoas começaram a amontoar-se. O grupo original de espectadores de minha discussão com Norton duplicou, depois triplicou.

- Está acontecendo algo que seria bom todos saberem... -começou Ollie.

- Largue essa cerveja imedia,amente - disse Brown.

- E você, cale essa boca imediatamente! -falei, dando um passo para ele.

- Não sei que tipo de coisa está fazendo - replicou ele, ao mesmo tempo em que dava um passo compensatório para trás, -mas posso lhes dizer que isto será comunicado à Companhia Federal de Alimentos! Tudo! E quero que entenda uma coisa - pode haver culpados!

Seus lábios repuxavam-se nervosamente, mostrando os dentes amarelados, e até tive pena dele. Brown apenas tentava enfranter a situação, nada mais. Como Norton, que impunha a si mesmo a mordaça de uma ordem mental. Myron e Jim havia tentado, mas transformando-tudo aquilo em uma charada de machões - se o gerador pudesse ser consertado, o nevoeiro se dissiparia. Aquela era a maneira de Brown. Ele estava... Protegendo a Casa.

- Pois vá em frente e anote os nomes - falei - mas, por favor, sem falatórios.

- Anotarei os nomes suficientes - respondeu ele. - E o seu encabeçará a lista, seu... seu boêmio!

- O Sr. David Drayton tem algo a dizer-lhes -falou Ollie -e acho melhor que todos o ouçam, caso estejam pretendendo ir para casa.

Em vista disto, contei a eles o que havia acontecido, mais ou menos como havia contado

a Norton. Houve alguns risos a princípio, depois uma profunda inquietação, assim que terminei.

- É uma mentira e você sabe - disse Norton.

Sua voz empenhava-se em ser enfática, mas caiu na estridência. Aquele era o homem a quem eu contara primeiro, esperando captar-lhe a credibilidade. Que piada!

- Claro que é uma mentira - assentiu Brown. - Maluquice. De onde imagina que vieram esses tentáculos, Sr. Drayton?

- Não sei mas, a esta altura, a pergunta nem tem importância. Eles estão aqui. Há um...

- Acho que eles brotaram de algumas dessas latas de cerveja. Não posso imaginar outra coisa.

Sua tirada conseguiu uma dose apreciável de risadas, mas logo tudo foi silenciado pela voz forte e enferrujada da Sra. Carmody.

- É a morte! - exclamou ela, e os que riam calaram-se prontamente.

Ela avançou para o centro da espécie de círculo que se formara, as calças amarelo-canário parecendo irradiar uma luminosidade própria, a gigantesca bolsa oscilando contra uma coxa elefantina. Seus olhos negros passaram arrogantemente em torno, tão afiados e malevolamente cintilantes como os de uma pega. Duas graciosas jovens com cerca de dezesseis anos, usando camisetas de rayon branco com ACAMPAMENTO WOODI-ANDS escrito nas costas, encolheram-se e afastaram-se dela.

- Vocês ouvem, mas não escutam! Ouvem e não acreditam! Qual de vocês quer ir lá fora e constarar por si mesmo? - Os olhos dela percorreram o grupo e depois caíram em mim. - E, simplesmente, o que pretende fazer sobre isto, Sr. David Drayton? 0 que pensa que pode fazer?

Ela sorriu, como uma caveira, acima de seu traje canário.

- É o fim, estouslhes dizendo. O fim de tudo. Estamos no Final dos Tempos. O dedo que se move escreveu, não em fogo, mas em linhas de nevoeiro. A terra se abriu e vomitou suas abominações...

- Não podem fazê-la calar a boca? - explodiu uma das adolescentes, começando a chorar. - Ela me mete medo!

- Está com medo, queridinha? - perguntou a Sra. Carmody, virando-se para ela. - Oh, não, você agora não está com medo. No entanto, quando as criaturas imundas que o ímpio lançou à face da terra vierem buscá-la...

- Acho que já basta, Sra. Carmody -disse Ollie, segurando-lhe o braço. Foi um belo discurso.

- Tire as mãos de mim! É o fim, estou dizendo! É a morte! Morte!

- É um monte de merda-disse irritadamente um homem de óculos e chapéu de pescador.

- Não, senhor - interveio Myron. - Sei que tudo parece algo saído de um pesadelo de viciado em drogas, mas é a pura verdade, nua e crua. Eu mesmo vi.

- Eu também - disse Jim.

- E eu - assegurou Ollie.

Conseguira aquietar a Sra. Carmody, pelo menos por algum tempo. No entanto, ela continuou por perto, aferrada à enorme bolsa e exibindo o sorriso alucinado. Ninguém queria ficar muito perto dela -os outros murmuravam entre si, não gostando da corroboração. Vários olharam para trás, na direção das grandes vidraças da fachada, de maneira inquieta e especulativa. Fiquei contente em ver aquilo.

- Mentiras - disse Norton. - Vocês todos mentem, uns para os outros. Mentiras sobre mentiras, nada mais do que isso.

- O que está sugerindo fica inteiramente além da credibilidade, Sr. Drayton - disse Brown.

- Não precisamos estar aqui, repisando o assunto -repliquei. - Venham à área de estocagem comigo. Dêem uma espiada. E escutem também.

- Os clientes não têm permissão de entrar na...

- Bud - disse Ollie, - vá com ele. Vamos resolver isto.

- Está bem - assentou Brown. - Sr. Drayton? Vamos acabar logo com essa tolice!

Empurramos as portas duplas e penetramos na escuridão.

O som era desagradável - talvez maligno.

Brown também sentiu isso, apesar de suas maneiras obstinadas de ianque. Senti sua mão agarrar meu braço imediatamente, a respiração suspensa por um momento e depois reiniciada com certa dificuldade.

Era um sussurro abafado, vindo da direção da porta de descarga - um som quase acariciante. Movi cautelosamente um pé em torno e finalmente esbarrei em urina das lanternas. Abaixei-me, apanhei-a e a acendi. O rosto de Brown estava inteiramente tenso, e ele ainda nem os vira -apenas os ouvia. Eu, no entanto, já os

vira e podia imaginá-los, contorcendo-se e escalando a superfície de aço corrugado da porta, como gavinhas vivas.

- O que pensa agora? Inteiramente além da credibilidade?

Brown passou a língua pelos lábios e olhou para a tremenda confusão de caixas e sacos.

- Eles fizeram isto?

- Mais ou menos. Quase tudo. Venha cá.

Ele foi - com relutância. Apontei o facho da lanterna para a emurchecida e enrolada seção de tentáculo, ainda jazendo perto da vassoura esfregão. Brown abaixou-se para olhar.

- Não toque nisso - falei. - Pode ainda estar vivo.

Ele se ergueu rapidamente. Peguei a vassoura e, com a parte das cerdas, espetei o tentáculo. A terceira ou quarta espetadela fez com que ele se desenrolasse espasmodicamente, revelando duas ventosas intatas e parte de uma terceira. Em seguida, o fragmento tornou a enovelar-se com muscular velocidade e ficou imóvel. Brown emitiu um som sufocado de repugnância.

- Viu o suficiente?

- Vi - respondeu. - Vamos sair daqui.

Seguimos a luz vacilante até as portas duplas e as empurramos. Todos os rostos se voltaram para nós e o zumbido das conversas morreu. As feições de Norton pareciam queijo velho. Os olhos negros da Sra. Carmody cintilaram. Ollie bebia cerveja; seu rosto ainda mostrava filetes de suor escorrendo, embora o ambiente no supermercado houvesse ficado um tanto friorento. As duas jovens com ACAMPAMENTO WOODLANDS nas camisetas estavam bem perto uma da outra, como cavalos jovens antes de uma tempestade. Olhos. Tantos olhos. Eu poderia pintá-los, pensei, com um calafrio. Nada de rostos, apenas olhos na claridade mortiça. Poderia pintá-los, mas ninguém acreditaria que fossem reais. Bud Brown entrelaçou afetadamente, diante de si mesmo, as mãos de dedos longos.

- Pessoal - disse - parece que temos aqui um problema de certa magnitude por aqui.

VI. Mais Discussões. A Sra. Carmody Fortificações. O que aconteceu à Estagnada Sociedade da Terra

As quatro horas seguintes transcorreram em uma espécie de sonho. Houve uma longa e quase histérica discussão em seguida à confirmação de Brown ou, talvez, a discussão não tivesse sido tão longa quanto pareceu; possivelmente seria a soturna necessidade das pessoas repisarem a mesma informação, procurando vê-Ia de cada ponto de vista plausível, manejando-a como um cachorro maneja um osso, a fim de chegar à medula. Foi uma longa viagem até a crença. Pode-se constatar a mesma coisa em qualquer reunião de março, nas cidades da Nova Inglaterra.

Havia a Estagnada Sociedade da Terra, encabeçada por Norton. Era uma minoria vocal de mais ou menos dez pessoas, as quais não acreditavam em nada daquilo. Norton

continuava insistindo em qua havia apenas quatro testemunhas no caso do rapaz embalador sendo carregado para fora pelos Tentáculos do Planeta X (um bom motivo para risos no começo, mas que logo perdeu a graça; em sua crescente agitação, Norton não parecia percebê-lo). Ele acrescentou que, pessoalmente, não confiava em nenhum dos quatro. Disse ainda que cinqüenta por cento das testemunhas estavam, naquele momento, desesperançadamente ébrias. Aí havia uma verdade inquestionável. Jim e Myron LaFleur, com toda a geladeira da cerveja e gôndola de vinhos à disposição, estavam incrivelmente bêbados. Considerando o que acontecera a Norm e a parte dos dois naquilo, eu não os censurei. Eles logo estariam lúcidos novamente.

Ollie continuou a beber sistematicamente, ignorando os protestos de Brown. Após algum tempo, Brown desistiu, contentando-se em soltar uma ocasional e malévola ameaça sobre a Companhia. Nem parecia conceber que a Federal Foods, Inc., com estabelecimentos em Bridgton, North Windham e Portland, talvez nem existisse mais. Pelo que sabíamos, o litoral leste poderia ter deixado de existir. Ollie bebia sem parar, porém não ficava bêbado. Suava continuamente a bebida, com a mesma rapidez com que a ingeria.

Por fim, quando a discussão com os Terrestres Estagnados começou a ficar acerba, Ollie tomou a palavra.

- Se não acredita nisso, Sr. Norton, muito bem. Eu lhe direi o que fazer. Saia por aquela porta da frente e contorne o prédio até os fundos. Lá se encontra uma enorme pilha de cascos de cerveja e soda, recebidos em devolução. Eu, Norm e Buddy a colocamos lá, ainda esta manhã. Traga-nos duas daquelas garrafas e então saberemos que o senhor foi realmente até a pilha. Faça isso e juro que comerei a minha camisa.

Norton começou a vociferar.

Ollie interrompeu-o, com a mesma voz suave e uniforme.

- Se quer saber, o senhor só está prejudicando, se continuar falando assim. Aqui há gente que deseja ir para casa, assegurar-se de que seus familiares estão bem. Neste momento, minha irmã e sua filha de um ano estão em casa, em Napies. Eu gostaria de ter certeza disso, claro. No entanto, se todos começarem a acreditar no senhor e tentarem ir para casa, o que aconteceu a Norm, acontecerá também a eles.

Ollie não convenceu Norton, mas sim alguns dos indecisos e duvidosos embora suas palavras não dissessem tanto quanto seus olhos, aqueles seus olhos obcecados. Creio que a lucidez de Norton dependia de não ser convencido ou de imaginar que o fora. Contudo, não aceitou a proposta de Ollie, para ir lá fora e trazer uma amostra dos cascos nos fundos do prédio. Aliás, ninguém a aceitou. Eles ainda não estavam dispostos a sair, pelo menos até então. Norton e seu pequeno grupo de Terrestres Estagnados (a esta altura, reduzido em um ou dois), afastaram-se de nós o mais que podiam, reunindo-se perto das embalagens de car-

nes preparadas. Um deles tropeçou na perna de meu filho, ainda adormecido, acordando-o.

Fui até lá e Billy agarrou-se a meu pescoço. Quando tentei deita-lo outra vez, ele me apertou com mais força.

- Não faça isso, papai. Por favor!

Encontrei um carrinho de compras e o coloquei no assento para crianças. Ele parecia enorme ali. A coisa seria cômica, se não fosse seu rosto pálido, os cabelos escuros espalhados pela testa, logo acima das sobrancelhas, seus olhos espantados. Provavelmente, desde dois anos antes não voltara a ocupar o assento de criancinhas nos carros de compras do supermercado. São pequeninas coisas que nos passam de leve pela mente, sem que as percebamos bem, mas ao constatarmos a mudança operada, sempre recebemos um choque desagradável.

Nesse meio tempo, com o recuo dos Terrestres Estagnados, a discussão encontrara outro pára-raios -agora era a Sra. Carmody e, compreensivelmente, ela se viu sozinha.

À claridade mortiça e lúgubre, ela parecia uma feiticeira naquelas berrantes calças amarelas, na viva blusa de rayon, os bracos pesados de chocalhantes pulseiras de quinquilharia - cobre, casco de tartaruga, material inquebrável - e sua tireoideana bolsa. Seu rosto enrugado aparecia sulcado por fortes linhas verticais. O penugento cabelo grisalho se achatava sobre o couro cabeludo, preso com três pentes de chifres e torcido na nuca. Sua boca era uma linha de corda em nós.

- Não existe defesa contra a vontade de Deus! Isto estava para vir. Eu vi os sinais. Aqui há gente a quem eu falei, porém ninguém é mais cego do que aqueles que não querem ver.

- Afinal, o que quer dizer? O que está pretendendo? - interrompeu-a Mike Hatlen, impacientemente.

Era membro do conselho municipal, embora no momento não tivesse tal aparência, com seu quepe de iatista e as bermudas amarrotadas nos fundilhos. Bebericava uma cerveja, o que muitos homens agora também faziam. Bud Brown desistira de protestar, mas estava realmente anotando nomes - queria manter uma certa vigilância sobre todos quantos pudesse.

- Pretendendo? - ecoou a Sra. Carmody, aproximando-se de Hatlen. Pretendendo? Ora, estou pretendendo que se prepare para encontrar o seu Deus, Michael Hatlen. - Virou-se e olhou para todos nós. - Preparem-se para o encontro com seu Deus!

- Preparem-se para encontrar disparates -disse Myron Lafleur, em bêbado rosnado, perto da geladeira de cerveja. - Velha, acho que sua língua deve ser pendurada pelo meio, para trabalhar pelas duas extremidades.

Houve um rumor de concordância. Billy olhou nervosamente em torno e eu passei um braço em volta de seus ombros.

- Tenho o direito de falar! - exclamou ela. Seu lábio superior encurvou-se para trás, revelando dentes tortos e amarelados de nicotina. Pensei nos empoeirados animais

empalhados de sua loja, bebendo eternamente no espelho que funcio-

nava como seu riacho. - Os incréus duvidarão até o fim! Contudo, uma monstruosidade capturou aquele pobre rapaz! Coisas no nevoeiro! Todas as abominações saídas de um pesadelo! Monstros sem olhos! Horrores lívidos! Ainda duvidam? Pois então, saiam! Cheguem até lá fora e digam "como vai?"!

- Acho que devia calar-se, Sra.Carmody-falei.-Estáassustandomeufilho.

O homem com a garotinha ecoou o sentimento. A menina, de pernas gorduchas e joelhos esfolados, escondera o rosto contra o estômago do pai e tapava os ouvidos com as mãos. O Grande Bill não chorava, mas estava perto disso.

- Só há uma chance - disse a Sra. Carmody.

- Que chance, senhora? - perguntou Mike Hatlen polidamente.

- Um sacrifício - respondeu a Sra. Carmody - ela parecia rir na claridade mortiça. - Um sacrifício de sangue.

Sacrifício de sangue -as palavras ficaram suspensas no ar, girando lentamente. Ainda agora, quando sei melhor, digo a mim mesmo que ela se referia ao cão de estimação de alguém -havia lá uns dois deles, trotando pelo supermercado, apesar dos regulamentos proibindo sua entrada. Ainda agora, digo isso para mim mesmo. Na obscuridade, ela parecia um louco remanescente do puritanismo da Nova Inglaterra... mas desconfio que era motivada por algo mais profundo e mais sombrio do que o mero puritanismo. O puritanismo tivera seu próprio e soturno avô, o velho Adão, com mãos sangrentas.

Ela abriu a boca para dizer algo mais, porém um homem baixote e bem vestido, com calças vermelhas e elegantes camisa esporte, esbofeteou-lhe o rosto, de mão espalmada. Ele repartia o cabelo no lado esquerdo, em uma linha de perfeita simetria. Usava óculos e tinha a aparência indiscutível do turista de verão.

- Cale essa boca suja - falou, em voz macia, sem inflexões.

A Sra. Carmody levou a mão à boca, depois estendendo-a para nós, em uma acusação sem palavras. Havia sangue em sua palma. Entretanto, os olhos negros pareciam dançar, com louca alegria.

- A senhora estava provocando! - exclamou uma mulher. - Eu lhe teria feito o mesmo!

- Eles cuidarão de vocês -.disse a Sra. Carmody, mostrando-nos a palma suja de sangue. O filete de sangue agora escorria no sulco de uma ruga que ia da boca ao queixo, assemelhando-sé a um pingo de chuva descendo por uma calha. - Não hoje, talvez. Esta noite. Esta noite, quando ficar escuro. Eles virão dentro da noite e levarão mais alguém. É com a noite que virão. Vocês os ouviram chegando, rastejando e coleanão. E quando eles estiverem aqui suplicarão à Mãe Carmody que lhes mostre o que fazer!

O homem das calças vermelhas ergueu a mão lentamente.

- Aproxime-se e agrida-me - sussurrou ela, exibindo seu sorriso malévolo para ele. A mão do homem oscilou. - Agrida-me, se tiver coragem!

A mão dele caiu. A Sra. Carmody afastou-se, sozinha. Então, Billy começou a

chorar, escondendo o rosto contra mim. enquanto a menininha fazia o mesmo com o pai.

Quero ir para casa - disse ele. - Quero ver minha mãe.

Consolei-o o melhor que pude. Provavelmente. não me saí tão bem quanto desejaria.

Finalmente, a conversa derivou para canais menos amedrontadores e destrutivos. As enormes vidraças frontais do supermercado, evidentemente o seu ponto fraco foram então mencionadas. Mike Hatlen perguntou que outras entradas havia e Ollie e Brown as apontaram com presteza - duas portas para descarregamento de mercadorias, além daquela que Norm abrira. As portas principais ENTRA DA/SAÍDA. Havia ainda a janela do gabinete do gerente (de vidro espesso e reforçado. seguramente trancada).

Falar sobre tais coisas causou um efeito paradoxal. Fez o perigo parecer mais real, embora ao mesmo tempo deixasse todos se sentindo melhor. O próprio Billy sentiu isso. Perguntou se podia comer uma barra de chocolate. Respondi que não havia problema, desde que não se aproximasse das grandes vidraças.

Quando ele se distanciou. não ouvindo mais o que dizíamos, um homem perto de Mike Hatlen perguntou:

- Muito bem, o que faremos com aquelas vidraças'? A velha pode ser lunática, mas talvez tivesse razão, sobre algo se movendo depois do escurecer.

- Talvez. até lá, o nevoeiro já tenha acabado - disse uma mulher.

- Talvez - assentiu o homem. - E talvez não.

- Tem alguma idéia? - perguntei a Bud e Ollie.

- Um momento -disse o homem perto de Hatlen. -Eu sou Dan Miller, de Lynn, Massachussetts. Vocês não me conhecem e nem haveria motivos para conhecerem. mas tenho uma propriedade em Highland Lake. Comprei-a ainda este ano. O preço foi praticamente um assalto, mas ksu tinha que comprá-la e comprei. - Houve algumas risadinhas. - Bem, vi uma boa pilha de sacos de adubos e fertilizantes para gramado lá adiante. Sacos de quinze quilos, em sua maioria. Podíamos usa-los como sacos de areia. Deixando vãos para espiarmos ...

. Agora, havia mais pessoas assentindo e falando excitadamente. Eu quase disse alguma coisa, mas me contive. Miller tinha razão. Colocar aqueles sacos como ele dizia não faria mal nenhum, até talvez fizesse algum bem. Minha mente. no entanto, recuou àquele tentáculo comprimindo o saco de ração para cães. Pensei que um dos tentáculos

maiores poderia fazer o mesmo com um saco de quinze quilos contendo Vigoro ou fertilizante para gramados " Verdes Acres". De qualquer modo, uma preleção a respeito não contribuiria pára levantar o ânimo de ninguém.

As pessoas começaram a dispersar-se, comentando a tarefa a ser feita, e Miller agritou:

- Um momento! Um momento! Vamos organizar isto, enquanto estamos todos juntos!

As pessoas voltaram, compondo um grupo indefinido de cinqüenta ou sessen-

ta, na esquina formada pela geladeira de cerveja, as portas da área de estocagem e a extremidade esquerda das carnes preparadas, onde o Sr. Mc Vey sempre colocava os artigos que ninguém quer, como timo de vitela, ovos partidos, miolos de carneiro e geléia de mocotó. Billy abriu caminho através do emaranhado de adultos com a inconsciente agilidade de um menino de cinco anos em um mundo de gigantes, e estendeu-me uma barra de chocolate Hershey.

- Quer esta, papai?

- Obrigado.

Peguei o chocolate. Tinha sabor doce e gostoso.

- Talvez seja uma pergunta idiota-continuou Miller, - Mas devemos preencher os espaços em branco. Alguém tem armas de fogo?

Houve uma pausa. As pessoas entreolharam-se e deram de ombros. Um velho de cabelos grisalhos, que se apresentou como Ambrose Comell, disse que tinha uma espingarda de caça no porta-malas do carro.

- Se quiser, posso ir buscá-la.

- Não creio que fosse uma boa idéia justamente neste momento, senhor Comell - disse Ollie.

Comell deu um grunhido.

- Também digo o mesmo, filho, mas pensei que devia oferecer-me.

- Bem, em verdade não foi essa a minha idéia - falou Dan Miller -, mas

achei que...

- Um momento - disse uma mulher.

Era a que vestia camisas de atletismo cor de uva-do-monte, com calças compridas verde-escuras. Tinha cabelos louro-areia e uma bela silhueta. Uma jovem muito bonita. Abriu a bolsa e tirou de seu interior uma pistola de tamanho médio. Os reunidos fizeram um som de ahhh! como se tivessem acabado de assistir ao truque particular de algum

mágico. A jovem estivera enrubescendo, mas agora enrubesceu muito mais. Tomou a remexer na bolsa e encontrou uma caixa de munição para Smith & Wesson.

- Meu nome é Amanda Dumfries -disse a Miller. - Esta arma... foi idéia de meu marido. Ele achava que eu devia tê-la para proteger-me. Carreguei-a desarmada durante dois anos.

- Seu marido está aqui, senhora?

- Oh, não. Ele está em Nova York, a negócios. Está sempre viajando a negócios e por isto queria que eu andasse com a arma.

- Bem - disse Miller, - se pode usá-la, devia conservá-la. Que calibre é? Trinta e oito?

- Sim, trinta e oito. Aliás, nunca disparei uma arma na vida, exceto uma vez, fazendo tiro-ao-alvo.

Miller pegou a arma, examinou-a e abriu o tambor, após alguns momentos. Checou-o para ver se não estava carregado.

- Muito bem - disse. - Temos uma arma. Quem atira bem? Eu não estou nesse rol.

Os reunidos entreolharam-se. A princípio, ninguém disse nada. Então, com relutância, Ollie confessou:

- Eu costumo praticar bastante tiro-ao-alvo. Tenho um Colt 45 e um Llama 25.

- Você? -exclamou Brown. - Humm... Quando escurecer, estará bêbado demais para ver alguma coisa.

Ollie replicou, em voz extremamente clara:

- Por que não se cala de uma vez e fica anotando nomes?

Borwn o encarou fixamente, com olhos arregalados. Abriu a boca. Depois, decidiu sabiamente, creio eu, tornar a fechá-la.

- É sua - disse Miller, pestanejando ligeiramente ante a mudança.

Estendeu a arma a Ollie, que a checou de novo, agora de modo mais profissional. Colocou a arma no bolso direito dianteiro das calças e deslizou a caixa de cartuchos para o bolso da camisa, onde ela deixou um volume semelhante ao de um maço de cigarros. A seguir, Ollie recostou-se contra a geladeira, o rosto redondo ainda porejando suor, e abriu uma lata de cerveja. Persistia a sensação de que eu estava vendo um Ollie totalmente insuspeitado.

- Obrigado, Sra. Dumfries - disse Miller.

- Não foi nada - respondeu ela.

Fugazmente, pensei que se eu fosse seu marido e dono daqueles olhos verdes, unidos àquele corpo escultural, talvez não viajasse tanto. Entregar uma arma à esposa, podia ser encarado como um ato ridiculamente simbólico.

- Isto também pode parecer idiota - disse Miller, virando-se para Brown com sua prancheta e Ollie com sua cerveja -, mas neste lugar há qualquer coisa semelhante a lança-chamas?

- Ohhh, merda! - soltou Buddy Eagleton, imediatamente ficando tão vermelho como ficara Amanda Dumfries.

- O que é? - perguntou Mike Hatlen.

- Bem... até a semana passada, tínhamos uma caixa inteira daqueles maçaricos. Do tipo que se usa em casa para soldar canos que vazam, emendar canos de descarga ou coisas assim. Lembra-se deles, Sr. Brown?

Brown assentiu, com ar taciturno.

- Todos vendidos? - perguntou Miller.

- Não, de maneira nenhuma. Só vendemos três ou quatro, depois devolvemos os restantes. Que mer... quero dizer, uma pena.

Enrubescendo tão profundamente que ficou quase purpúreo, Buddy Eagleton voltou de novo para os bastidores de onde saíra.

Tínhamos fósforos, naturalmente, bem como sal (alguém comentou vagamente ter ouvido dizer que sal era o que devia ser posto em chupadores de sangue ou coisa assim) e todos os tipos de esfregões, além de vassouras de cabos compridos. Em sua maioria, as pessoas continuavam animadas, mas Jim e Myron estavam ébrios demais para emitir qualquer nota dissonante. Encontrei os olhos de Ollie e vi neles uma tranqüila desesperança, que era pior do que medo. Nós dois

tínhamos visto os tentáculos. A idéia de jogar-se sal neles ou de tentar parti-los com os cabos dos esfregões era engraçada, de certa forma macabra.

- Mike - disse Miller - por que não dirige esta pequena aventura? Quero falar com Ollie e Dave por um minuto.

- Será um prazer. - Hatlen bateu no ombro de Dan Miller. - Alguém precisava dar as ordens e você se saiu muito bem. Seja bem-vindo à cidade.

- Isto significa que terei alguma redução em meus impostos? - perguntou Miller.

Era um homenzinho engraçado, com cabelos ruivos começando a recuar na cabeça. Parecia o tipo do sujeito com quem logo simpatizamos, mal o conhecemos e -apenas talvez -o tipo do sujeito com quem simpatizamos após estarem cena por algum tempo.

O tipo do sujeito que sabe fazer tudo melhor do que a gente.

- Nem pense nisso - respondeu Hatlen, rindo.

Hatlen afastou-se. Miller baixou os olhos para meu filho.

- Não se preocupe com Billy - falei.

Homem, nunca estive tão preocupado em toda a minha vida - respondeu

- Exato - concordou Ollie.

Deixou cair uma lata vazia na geladeira de cerveja, depois pegou outra e a abriu. Houve um sibilo suave do gás escapando.

- Reparei na maneira como vocês dois se olhavam - disse Miller.

Terminei minha barra de chocolate e peguei uma cerveja, para rematar a deglutição.

- Vou dizer o que penso -começou Miller. - Devíamos recrutar uma meia dúzia de pessoas para enrolar panos naqueles cabos de esfregão e depois amarrálos com barbante. A seguir, acho que devíamos ter umas duas daquelas latas de fluido para isqueiro à disposição. Se cortarmos a parte superior das latas, poderemos fazer tochas com grande rapidez.

Assenti. Aquilo era bom. Evidentemente, não bom o suficiente - não para quem viu Norm ser puxado para fora do supermercado - Mas já era melhor do que sal.

- Pelo menos, seria alguma coisa para eles meditarem - disse Ollie.

Miller comprimiu os lábios.

- A coisa é assim tão ruim? - perguntou.

- Exatamente - assentiu Ollie, e virou sua cerveja.

Por volta de quatro e meia daquela tarde, os sacos de fertilizante e de adubo estavam no lugar, bloqueando as enormes vidraças, exceto por estreitos visores para vigilância. Um vigia fora colocado junto a cada pilha de sacos e, ao lado de cada vigia, havia uma lata de fluido para isqueiro, já sem o topo, e um suprimento de tochas, feitas com cabos de esfregões. Havia cinco visores e Dan Miller organizou um rodízio de sentinelas para cada um. Por volta das quatro e meia da tarde, eu estava sentado em uma pilha de sacos, em um dos visores, com Billy ao meu lado. Estávamos espiando o nevoeiro.

Logo além da vidraça, havia um banco vermelho, onde as pessoas às vezes esperavam que as viessem apanhar, com os sacos de artigos comprados junto delas. Mais adiante ficava o pátio de estacionamento. 0 nevoeiro desenrolava-se lentamente, espesso e pesado. Havia umidade nele, mas como parecia opaca e sombria! Só em olhar para aquilo, eu me sentia acovardado e perdido.

- Você sabe o que está acontecendo, papai? - perguntou Billy.

- Não, meu bem - falei.

Ele ficou calado por um momento, contemplando as mãos que jaziam flácidas sobre as coxas de seus jeans.

- Porque não aparece alguém e nos salva? -perguntou finalmente. - A Polícia Estadual, o FBI ou alguém?

Não sei.

- Você acha que mamãe está bem?

- Billy, eu não sei - respondi, e passei o braço em torno dele.

- Eu gosto demais dela - disse Billy, lutando com as lágrimas. - Sinto muito pelas vezes em que fui malcriado com ela.

- Billy - comecei, mas tive que parar, porque senti um gosto salgado na garganta e minha voz queria tremer.

- Isto vai acabar? - perguntou ele. - Vai, papai? Vai?

- Eu não sei - respondi.

Ele colocou o rosto na concavidade de meu ombro e eu sustive a parte traseira de sua cabeça, senti a curva delicada de seu crânio, logo abaixo dos cabelos bastos. Vi-me recordando a noite de meu casamento. Espiando Stef tirar o singelo vestido castanho que vestira após a cerimônia. Havia uma enorme equimose arroxeada em sua coxa, por batê-la contra a quina de uma porta, no dia anterior. Recordei que tinha olhado para a equimose, pensando, Quando ela fez isso, ainda era Stephanie Stepanek, e sentindo algo semelhante a deslumbramento. Depois, fizemos amor e, lá fora, caía neve de um opaco e cinzento céu de dezembro.

Billy estava chorando.

- Psst, Billy, pst... - falei, balançando sua cabeça contra mim.

Não obstante, ele continuou chorando. Era o tipo de choro que só as mães sabem como manejar direito.

Caiu uma noite prematura no interior do Supermercado Federal. Hatlen e Miller, além de Bud Brown, distribuíram lanternas de pilha, todo o estoque, cerca de vinte. Norton reivindicou-as clamorosamente para seu grupo e recebeu duas. As luzes vagavam aqui e ali pelos corredores, como fantasmas inquietos.

Aconcheguei Billy contra mim e espiei pelo visor. A qualidade leitosa e translúcida da

claridade exterior não mudara muito; os sacos empilhados é que deixavam o supermercado tão escuro. Por várias vezes julguei ter visto algo, mas era apenas nervosismo. Um dos outros vigias levantou um hesitante alarme falso.

Billy tornou a ver a Sra. Truman novamente e foi para ela com rapidez, embora não a tivéssemos chamado para ficar com ele, durante todo o verão. A Sra. Truman tinha uma das lanternas e a entregou para ele, com ar amistoso. Em pouco,

Billy tentava escrever o seu nome, em luz, sobre as opacas faces de vidro dos acondicionadores de alimentos congelados. Ela parecia satisfeita em vê-lo e Billy demonstrava o mesmo, de maneira que, não demorou muito, estavam entretidos um com o outro. Hattie Truman era uma mulher alta e magra, de bela cabeleira ruiva, começando a mostrar alguns fios grisalhos. Seus óculos pendiam de uma decorativa corrente sobre o busto do tipo, creio eu, de uso ilegal para qualquer um, excetuando-se as mulheres de meia-idade.

- Stephanie está aqui, David? - perguntou ela.

- Não. Ficou em casa.

Ela assentiu.

- Alan também. Quanto tempo vai ficar de vigia aqui?

- Até as seis.

- Viu alguma coisa?

- Não. Apenas o nevoeiro.

- Se quiser, fico com Billy até as seis.

- Você gostaria, Billy?

- Gostaria muito - respondeu ele, movendo a lanterna acima da cabeça, em lentos arcos, e vendo a luz brincar no teto.

- Deus protegerá sua Steff e Alan também - disse a Sra. Truman.

Em seguida, afastou-se, levando Billy pela mão. Falara com tranqüila segurança, mas não havia convicção em seus olhos.

Por volta de cinco e meia, surgiram sons de excitada discussão, perto dos fundos do supermercado. Alguém reclamava de algo que outra pessoa dissera, quando ouvi uma voz - creio que de Buddy Eagleton - gritando:

- Vocês estão loucos, se forem lá fora!

Vários fachos de lanternas concentraram-se no centro da controvérsia e as pessoas

encaminharam-se para a frente do supermercado. O riso guinchado e desdenhoso da Sra. Carmody cortou a penumbra, tão abrasivo como dedos raspando a superfície de um quadro-negro.

Acima do burburinho de vozes, soou o vozeirão de tenor de Norton, como em uma sala de tribunal:

- Deixem-nos passar, por favor! Deixem-nos passar!

O homem na vigia perto de mim abandonou seu posto para ver o que significava aquela gritaria. Resolvi continuar onde estava. O que quer que estivesse acontecendo, aproximava-se aos poucos de mim.

- Por favor -dizia Mike Hatlen. - Por favor, vamos discutir este assunto francamente!

- Não há nada a discutir! - proclamou Norton. Agora, seu rosto destacava-se na penumbra. Estava determinado, feroz e deplorável inteiramente. Ele empunhava uma das lanternas destinadas aos Terrestres Estagnados. Os tufos cacheados de seu cabelo ainda se erguiam atrás das orelhas, como os chifres de um corno. Encabeçava uma procissão muito pequena - cinco pessoas, das dez originais. - Nós vamos sair - declarou.

- Não insista nessa loucura -disse Miller. - Mike tem razão. Será que não podemos conversar a respeito? O Sr. Mc Vey vai preparar um churrasco com algumas galinhas na grelha de gás, podemos todos sentar, comer e apenas...

Postou-se diante de Norton e este o empurrou. Miller não gostou disso. Seu rosto ficou vermelho, depois mostrou uma expressão dura.

- Muito bem, faça o que quiser - disse -, mas é como se assassinasse estas outras pessoas.

Com toda a naturalidade de grande solucionador ou de obcecado inquebrantável, Norton replicou:

- Nós mandaremos ajuda para vocês.

Um dos seguidores murmurou sua concordância, mas outro preferiu afastarse quietamente. Agora, havia apenas Norton e mais quatro. Talvez não fosse tão ruim. O próprio Cristo só conseguiu encontrar doze.

- Ouçam - disse Mike Hatlen. - Sr. Norton... Brent... pelo menos, esperem o churrasco. Comam alguma coisa quente antes.

- E dar-lhe uma chance para continuar falando? Já estive em tribunais o suficiente para cair nessa. Já conseguiu convencer meia dúzia de minha gente.

- Sua gente? - Hatlen quase rosnou. - Sua gente? Meu Deus, que espécie de conversa é esta? Eles são pessoas, nada mais. Isto aqui não é uma brincadeira e muito menos uma sala de tribunal. Existem coisas, na falta de outra palavra coisas lá fora. De que adianta

querer matar-se?

- Você disse coisas -respondeu Norton, parecendo superficialmente divertido. - Onde? Seu pessoal já ficou duas horas vigiando. Quem viu alguma coisa?

- Bem, lá nos fundos, na área de...

- Não, não, não - disse Norton, sacudindo a cabeça. - Essa história já foi dita e repetida. Nós vamos sair...

- Não - sussurou alguém.

O sussurro ecoou e espalhou-se, dando a impressão do roçar de folhas mortas ao crepúsculo de um anoitecer outonal. Não, não, não...

- Quem nos impedirá? - perguntou uma voz esganiçada. Era um membro da "gente" de Norton, para usar sua palavra - uma dama de idade, usando óculos bifocais. - Quem nos impedirá?

O suave murmúrio de negativas esfumou-se.

- Não, ninguém os impedirá - respondeu Mike. - Acho que ninguém os impedirá.

Cochichei no ouvido de Billy. Ele olhou para mim, assustado e questionante.

- Vá agora - falei. - E volte depressa.

Ele foi.

Norton passou as mãos através dos cabelos, em um gesto mais calculado do que qualquer um já feito por um ator da Broadway. Eu simpatizara mais com ele ao vê-lo puxando inutilmente o cordel de sua serra em cadeia, praguejando e imaginando-se não observado. Naquele momento, como também agora, não sei dizer

se ele acreditava ou não no que estava fazendo. Lá no fundo, acho que Norton sabia o que podia acontecer. Creio que a lógica de sua falação da boca para fora, durante a vida inteira, agora finalmente se voltava contra ele, como um tigre que se tornou mau e mesquinho.

Norton olhou em torno inquietamente, parecendo desejar que houvesse algo mais a dizer. Então, guiou seus quatro seguidores para uma das alamedas das caixas registradoras. Além da mulher idosa, havia um rapazola rechonchudo com uns vinte anos, uma jovem e um homem de blue jeans, usando um boné de golfe ladeado na cabeça.

Os olhos de Norton encontraram os meus, dilataram-se ligeiramente e então começaram a desviar-se.

- Espere um minuto, Brent - falei.

- Não quero discutir mais isso. E, certamente, não com você.

- Eu sei que não quer. Só desejo pedir-lhe um favor.

Olhei em torno e vi Billy que voltava correndo.

- O que é isso? - perguntou Norton, desconfiado, ao vê-1o entregar-me um pacote embrulhado em celofane.

- Linha para varal de roupa - falei. Eu estava vagamente cônscio de que todos no supermercado agora olhavam para nós, mais ou menos enfileirados no outro lado das caixas registradoras e seus corredores. - É o pacote grande. O de noventa metros.

- E daí?

- Achei que você poderia amarrar uma extremidade em volta de sua cintura, antes de sair. Irei soltando a linha. Quando a sentir bem esticada, basta atá-la em torno de alguma coisa, não importa o quê. Uma maçaneta de porta de carro serviria.

- Para que, em nome de Deus?

- Assim, ficarei sabendo que você chegou até nove metros, pelo menos respondi.

Algo brilhou em seus olhos, porém apenas momentaneamente.

- Não - disse ele.

Dei de ombros.

- Está bem. De qualquer modo, boa sorte.

O homem do boné de golfe disse, de repente:

- Eu farei isso, senhor. Não há motivo para recusar-me.

Norton girou para ele, como se fosse dizer algo ríspido. O homem do boné de golfe estudou-o calmamente. Em seus olhos nada havia brilhando. Norton também percebeu isso e não disse nada.

- Obrigado - falei.

Abri o envoltório com meu canivete e o cordel se soltou do pacote, em alças rígidas, como um acordeon. Encontrei uma das extremidades e a amarrei em torno da cintura de Boné de Golfe, com um nó frouxo. O homem imediatamente o desfez, para amarrar a linha em seguida com um apertado nó cego. Não havia um

som no supermercado. Norton oscilava inquietamente, ora em um pé, ora no outro.

- Quer levar meu canivete? - perguntou ao homem do boné de golfe.

- Eu tenho um. - Ele olhou para mim com o mesmo tranqüilo desdém. Vá soltando sua linha. Quando esticar bem, eu a prenderei.

- Todos prontos? - perguntou Norton, alto demais.

O rapaz roliço sobressaltou-se, como se estivesse assustado. Não recebendo resposta. Norton se virou para sair.

- Brent - falei, estendendo a mão. - Boa sorte, homem.

Ele estudou minha mão, como se ela fosse algum duvidoso objeto estranho.

- Nós enviaremos ajuda - disse finalmente.

Empurrou a porta SAÍDA. Aquele cheiro ralo e acre entrou novamente. Os outros o seguiram para o exterior. Mike Hatlen aproximou-se e ficou ao meu lado. Os cinco componentes do grupo de Norton penetraram no nevoeiro leitoso, de movimentos lentos. Norton disse algo e eu deveria ter ouvido, mas o nevoeiro tinha um estranho efeito amortecedor. Percebi apenas o som de sua voz e duas ou três sílabas isoladas como a voz no rádio, ouvida de alguma distância. Eles se afastaram.

Hatlen segurou a porta entreaberta. Dei linha, mantendo-a o mais folgada que pude, pensando na promessa do homem, que a ataria se ficasse tensa. Ainda não havia som algum. Billy permanecia ao meu lado, imóvel, mas parecendo vibrar com sua própria corrente interior.

De novo, houve aquela singular sensação de que os cinco não só desapareciam no nevoeiro, como tinham ficado invisíveis. Por um momento, sua roupas pareciam ficar em pé sozinhas, mas depois sumiram. Só se ficava realmente impressionado com a densidade antinatural do nevoeiro, quando se via pessoas sendo engolidas por ele em um espaço de segundos.

Dei mais linha. Um quarto dela se foi, depois metade. Parou de ser puxada por um instante. De coisa viva em minhas mãos, tornou-se morta. Contive a respiração. Em seguida, a linha foi novamente puxada. Deixei-a escorregar entre os dedos e, de repente, lembrei-me de meu pai, levando-me para verMoby Dick, o filme com Gregory Peck, em Brookside. Acho que sorri um pouco.

Três quartos da linha já tinham ido agora. Eu podia ver sua extremidade, caída ao lado de um dos pés de Billy. Então, ela parou de mover-se novamente em minhas mãos. Ficou imóvel por talvez cinco segundos, mas de súbito cerca de metro e meio desenrolou-se. De repente, entortou-se violentamente para a esquerda, tangendo a borda da porta SAÍDA.

Seis metros de linha desenrolaram-se bruscamente, quase me cortando a palma esquerda. E lá de fora, do meio do nevoeiro, chegou um grito agudo e oscilante. Era impossível dizer o sexo de quem gritara.

A corda forcejou outra vez em minhas mãos. De novo. Deslizei através do espaço da entrada, para a direita, depois de volta à esquerda. Mais alguns metros de linha se foram, quando soou um uivo ululante vindo do exterior, provocando um

gemido de meu filho. Hatlen ficou horrorizado, de olhos esbugalhados. Um canto de sua boca descambou, trêmulo.

O uivo foi cortado abruptamente. Não houve som algum, pelo que pareceu uma eternidade. Então, a velha senhora gritou - desta vez não havia dúvidas sobre quem gritara. ' `Tirem isso de mim!" bradou ela. "Oh, meu Deus, meu Deus, tire isso... "

Então, sua voz também foi interrompida.

Quase toda a corda deslizou bruscamente por meu punho fechado frouxamente, agora me queimando a pele com vigor. Então, ficou inteiramente bamba, enquanto um som brotava do nevoeiro - um grunhido alto e espesso - que deixou seca toda a saliva em minha boca.

Eu jamais ouvira um som como aquele, porém o mais aproximado deveria ser o de um filme rodado na sava africana ou em um pântano sul-americano. Era o som de um gigantesco animal, Ele se repetiu, surdo, dilacerante e selvagem. Novamente... e depois diminuiu para uma série de baixos murmúrios. Então, houve silêncio total.

- Feche a porta - disse Amanda Dumfries, em voz trêmula. - Por favor.

- Em um minuto - falei.

Comecei a puxar a linha de volta. Ela saiu do nevoeiro e amontoou-se em torno de meus pés, formando uma confusão de dobras e alças. Faltando um metro para o final, a linha para varal de roupas, nova e branca, ficou vermelho-vivo.

- Morte! -gritou a Sra. Carmody. - A morte para quem for lá fora!,Viram agora?

O final da linha de vara, era uma mistura de fibras e pequenos tufos de algodão. emaranhada e mascada. Os tufos de algodão apresentavam diminutas gotas de sangue.

Ninguém contradisse a Sra. Carmody.

Mike Hatlen deixou que a porta de vaivém se fechasse.

VII. A primeira noite

O Sr. Mc Vey trabalhara em Bridgton como açougueiro desde que eu tinha doze ou treze anos, porém jamais tive qualquer idéia sobre seu primeiro nome ou qual seria a sua idade. Ele instalara uma grelha a gás sob um dos pequenos ventiladores exaustores - os ventiladores agora estavam parados, mas presumivelmente ainda proporcionavam alguma ventilação -e, por volta de seis e meia da tarde, o cheiro de galinha sendo preparada ao fogo enchia o supermercado. Bud Brown não fez objeções. Talvez ele

estivesse em estado de choque, porém o mais provável e que reconhecesse o fato de que sua carne fresca e as aves abatidas não estavam ficando nem um pouco mais frescas. O cheiro da galinha era convidativo, mas muitas pessoas não quiseram comer. Pequenino, metódico e limpo em suas roupas brancas, o Sr. McVey preparou as galinhas assim mesmo e colocou os pe-

daços, dé dois em dois, em pratos de papel que foi alinhando no topo do balcão de carnes, como em uma lanchonete.

A Sra. Turman trouxe um prato para mim e outro para Billy, guarnecidos com bocados de salada de batata. Comi o melhor que pude, mas Billy nem tocou no seu.

- Você precisa comer, garotão - falei.

- Não estou com fome - disse ele, pondo o prato de lado.

- Como é que vai ficar grande e forte, se não...

Sentada logo atrás de Billy, a Sra. Turman abanou a cabeça para mim.

- Está bem - falei. - Pelo menos, pegue um pêssego e coma. Certo?

- E se o Sr. Brown disser alguma coisa?

- Se ele disser alguma coisa, venha me contar.

- Está bem, papai.

Ele se afastou lentamente. De certa forma, parecia ter encolhido. Meu coração doeu, ao vê-lo caminhar daquela maneira. o Sr. Mc Vey continuou preparando galinhas, parecendo não ligar para o fato de bem poucos estarem comendo, mas feliz no ato de prepará-las. Como creio ter dito, há muitos meios de manejarse uma situação como aquela. Ninguém diria, mas é assim. Nossa mente é curiosa.

Eu e a Sra. Turman nos sentamos a meio caminho no corredor em que ficavam as gôndulas de medicamentos. Os outros sentavam-se em pequenos grupos, por todo o supermercado. Ninguém permanecia sozinho, com exceção da Sra. Carmody; o próprio Myron e seu amigo Jim estavam juntos - os dois não ligavam mais para a geladeira de cerveja.

Seis novos homens agora estavam a postos nas vigias. Um deles era Ollie, mascando uma perna de galinha e bebendo uma cerveja. As tochas confeccionadas com cabos de esfregão achavam-se ao lado de cada posto de vigilância, tendo ao lado uma lata de fluido para isqueiro... mas duvido que alguém continuasse acreditando naquelas tochas como antes. Não, depois daquele surdo e terrivelmente vital grunhido, não depois da linha para varal de roupas, mascada e encharcada de sangue. Se o que quer que estivesse lá fora decidisse capturar-nos, iria capturar-nos.

- Como vai ser esta noite? Boa? Ruim? - perguntou a Sra. Turman.

Sua voz era calma, mas os olhos estavam doentios e assustados.

- Sinceramente, Hattie, não sei dizer.

- Deixe Billy comigo, o mais que quiser. Eu... Davey, acho que estou morrendo de medo. - Ela deu uma risadinha seca. - Sim, acho que estou mesmo. Entretanto, se tiver Billy comigo, isso me fará bem. Como também será bom para ele.

Seus olhos cintilavam. lclinei-me e bati-lhe no ombro.

- Estou tão preocupada com Alan! - suspirou ela. - Alan está morto, Davey. No fundo do coração, sei que ele está morto.

- Não, Hattie. Você não sabe nada disso.

- Sinto que é verdade. Não sente alguma coisa em relação a Stephanie? Não tem um... pressentimento, ao menos?

- Não - respondi, mentindo descaradamente.

Um som estrangulado lhe brotou da garganta e ela apertou a boca com a mão. Seus óculos refletiram a claridade soturna e mortiça.

- Billy está voltando - murmurei.

Ele comia um pêssego. Hattie Turman bateu no piso ao seu lado e disse que quando ele terminasse, iria mostrar-lhe como fazer um homenzinho com o caroço do pêssego e um pedaço de linha. Billy sorriu abatidamente para ela e a Sra. Turman lhe devolveu o sorriso.

Às oito da noite, seis novos homens estavam de vigia. OII ie chegou até onde eu me sentava.

- Onde está Billy?

- Com a Sra. Turman, lá nos fundos -respondi. - Eles estão fazendo bríncadeiras. Já passaram pelos bonequinhos de caroço de pêssego e máscaras com sacolas de compras ou bonecas feitas de maçãs. Agora, o Sr. Mc Vey mostra a ele como fazer bonecos com limpadores de cachimbo.

Ollie sorveu um comprido gole de cerveja. Depois disse:

- As coisas estão se movendo lá fora.

Olhei fixamente para ele. Ele também me encarou.

- Não estou bêbado - disse. - Tentei embriagar-me, mas não consegui. Gostaria de tomar um pileque, David.

- O que quer dizer com coisas que se movem lá fora?

- Não posso afirmar com certeza. Perguntei a Walter e ele disse ter a mesma impressão, de que partes do nevoeiro ficavam mais escuras a cada minuto - por vezes apenas uma pequena mancha, em outras uma grande área escura, como uma equimose. Depois, tudo voltava a ficar cinzento. Aliás, a coisa está formando uma espécie de redemoinho. O próprio Arnie Simrns afirmou ter a sensação de que acontecia algo lá fora - e Arnie é quase tão cego como um morcego.

- E quanto aos outros?

- São todos gente de fora do estado, estranhos para mim -replicou Ollie. Não perguntei a nenhum deles.

- Como tem certeza de que vocês não estavam apenas vendo coisas?

- É só uma impressão --= disse ele. Assentiu na direção da Sra. Carmody, sentada sozinha no final do corredor. Nadado que ocorria lhe diminuíra o apetite, porque havia um cemitério de ossos de galinha em seu prato. Ela devia estar bebendo sangue ou suco V-8. - Acho que ela estava certa sobre uma coisa -concluiu Ollie. - Nós descobriremos. Quando anoitecer, nós descobriremos.

De qualquer modo, não precisamos esperar até o anoitecer. Quando aconteceu, Billy viu bem pouco do sucedido, porque a Sra. Turman o manteve nos fundos do supermercado. Ollie ainda estava sentado comigo, no momento em que um dos homens na fachada deu um grito agudo e recuou de seu posto, girando os bra-

ços. Eram quase oito e meia; lá fora, o nevoeiro branco-pérola escurecera para um tom opaco de um crespúsculo de novembro.

Algo havia caído na parte externa da vidraça de uma das vigias.

- Oh, meu Deus!-gritou o homem que ficara vigiando ali. -Livre-me disto! Livre-me disto!

Ele disparou em um círculo errante, os olhos sobressaindo no rosto, com um filete de saliva no canto da boca, cintilando nas sombras que se adensavam. Então, caminhou diretamente para o corredor mais distante, além da área dos alimentos congelados.

Houve gritos em resposta. Algumas pessoas correram para a parte frontal do supermercado, querendo saber o que acontecia. Muitas recuaram até os fundos, não se preocupando e não querendo ver o que quer que rastejava sobre a parte externa das vidraças.

Encaminhei-me para aquele posto de vigia, com Ollie a meu lado. A mão dele estava no bolso que guardava a arma da Sra. Dumfries. Nesse momento, outro vigia gritou - não só de medo, como de repugnância.

Eu e Olliver esgueiramo-nos por um dos corredores das caixas. Agora, era possível ver o que afugentara o sujeito de seu posto. Eu não podia dizer o que seria, mas conseguia ver a coisa. Assemelhava-se a uma das criaturas menores em uma tela de Bosh -um de seus diabólicos murais. Havia algo quase comicamente horrível sobre aquilo, além do mais, porque se parecia um pouco com uma daquelas estranhas criações de vinil e plástico, compradas a 1 dólar e89 para assustar os amigos... de fato, justamente o tipo de coisa de que Norton me acusara de haver colocado na área de estocagem.

Deveria ter um meio metro de comprimento, era segmentado, com a tonalidade rósea de carne queimada que cicatrizou. Olhos bulbosos espiavam em duas direções opostas ao mesmo tempo, localizados nas extremidades de talos curtos, semelhantes a membros. A coisa aderia à.vidraça sobre gordas ventosas. Do lado contrário, projetava-se algo que tanto podia ser um órgão sexual, como um ferrão. E. de seu dorso, brotavam enormes asas membranosas, como as da mosca doméstica. Elas se moviam muito lentamente, quando eu e Ollie nos aproximamos do vidro.

Na vigia à nossa esquerda, onde o homem havia emitido aquele som crocitado, três daquelas coisas rastejavam sobre o vidro. Moviam-se vagarosamente através dele, deixando pegajosos rastros de lesma para trás. Seus olhos - se é que eram olhos - encaixavam-se na ponta dos talos da grossura de dedos. O maior talvez tivesse metro e meio de compriménto. Às vezes, eles rastejavam uns contra os outros.

- Veja as malditas coisas - disse Tom Smalley, com repugnância.

Ele estava na vigia à nossa direita. Não respondi. Os besouros agora estavam sobre todas as vigias, isto significando que provavelmente deviam rastejar por todo o prédio... como vermes em um pedaço de carne. Não era uma imagem agra-

dável e eu podia perceber como toda a galinha que conseguira comer, agora esforçava-se por deixar meu organismo.

Alguém soluçava. A Sra. Carmody bradava sobre abominações vindas do interior da terra. Alguém lhe disse, iradamente, que devia calar a boca, se soubesse o que melhor lhe convinha. A mesma velha história.

Ollie tirou do bolso a arma da Sra. Dumfries e eu lhe agarrei o braço.

- Não seja louco! - falei.

Ele se libertou com um safanão.

- Seio que estou fazendo - respondeu.

Bateu na vidraça com o cano da arma, mostrando no rosto uma expressão de nojo. A velocidade das asas das criaturas aumentou, até se tornar apenas uma imagem borrada - se não soubéssemos, pensaríamos que eles não eram seres alados, em absoluto. Depois, simplesmente afastaram-se voando.

Alguns dos outros viram o que Ollie havia feito e seguiram sua idéia. Começaram a

bater nas vidraças com cabos de esfregões. As coisas voavam e iam embora, mas voltavam logo depois. Aparentemente, tampouco tinham mais cérebro do que a mosca comum. O quase pânico dissolveu-se em um rumor de conversas. Ouvi alguém perguntando a outra pessoa o que achava que aquelas coisas fariam, se pousassem em um ser humano. Aí estava uma pergunta que não me interessava ver respondida.

As batidas nas vidraças começaram a diminuir. Ollie se virou para mim e ia dizer alguma coisa, mas tão logo abriu a boca, algo se destacou do nevoeiro e abocanhou um daqueles seres que rastejavam na vidraça. Acho que gritei, não tenho bem certeza.

Era uma coisa voadora. Fora isso, eu não poderia afirmar mais nada. O nevoeiro pareceu escurecer, exatamente da maneira como Ollie havia descrito, somente que a mancha escura não diminuiu; solidificou-se em algo de asas coriáceas que se agitavam, um corpo branco-albino, de olhos avermelhados. Chocou-se na vidraça com força suficiente para fazê-la estremecer. Seu bico se abriu. Pescou a coisa rosada com ele e se foi. Todo o incidente não durou mais do que cinco segundos. Tive uma crua e final impressão de coisa rosada estrebuchando e debatendo-se enquanto desaparecia naquele alçapão, da maneira como um peixe pequeno estrebucha e se debate no bico de uma gaivota.

Houve um novo baque contra a vidraça, depois outro. As pessoas recomeçaram a gritar, a maioria correndo em tropel para os fundos do supermercado. Ouvimos então um grito mais agudo, um grito de dor, e Ollie disse:

- Oh, meu Deus, aquela senhora idosa caiu e os outros simplesmente correram por cima dela!

Ollie correu de volta aos corredores das caixas registradoras. Eu me virei para seguí-lo, mas então vi uma coisa que me fez estacar bruscamente onde estava.

Bem no alto, à minha direita, um dos sacos de adubo para jardim escorregava lentamente. Tom Smalley estava bem abaixo dele, espiando para o nevoeiro lá fora, através de sua vigia.

Outro daqueles bichos rosados aterrou sobre o espesso vidro da vigia onde eu e Ollie estivéramos. Uma das coisas voadoras precipitou-se para baixo e o agarrou. A velha que havia sido pisoteada começou a gritar em voz aguda, cacarejante.

Aquele saco. Aquele saco escorregando...

- Smalley! - gritei. - Cuidado! Olhe para cima!

Na confusão geral, ele nem chegou a ouvir-me. O saco oscilou e então caiu, atingindo-o em cheio na cabeça. Smalley caiu brutalmente, batendo com o queixo na prateleira que corria abaixo daquela vidraça.

Uma das coisas albinas voadoras procurava abrir caminho, através do buraco em cunha que havia no vidro. Eu podia ouvir o arranhar suave que ela fazia, agora que um pouco da gritaria cessara. Seus olhos vermelhos cintilaram na cabeça triangular, ligeiramente

virada de banda. Um bico enorme e em gancho se abriu e fechou com voracidade. Tinha certa semelhança com as pinturas de pterodáctilos que vemos nos livros de dinossauros, porém mais parecido a algo saído do pesadelo de um lunático.

Peguei uma das tochas, enfiei-a em uma das latas com fluido para isqueiro, encharquei-a e deixei cair um pouco do líquido no chão.

A criatura voadora fez uma pausa no topo da pilha dos sacos de adubo, olhando em torno, equilibrando-se lenta e malignamente, ora em um ora em outro pé provido de esporão. Era uma criatura imbecil, tenho certeza disso. Tentou duas vezes abrir as asas, que batiam contra as paredes e então se dobravam sobre si mesmas, acima das costas arqueadas, como as asas de um grifo. À terceira tentativa, perdeu o equilíbrio e caiu desajeitadamente de seu poleiro, ainda procurando distender as asas. Aterrou sobre as costas de Tom Smalley. Com uma flexão de suas garras, a camisa de Tom se rasgou de alto a baixo. O sangue começou a fluir.

Eu estava lá, a menos de um metro de distância. Minha tocha pingava fluido de isqueiro. Emocionalmente, sentia-me impelido a matar aquela coisa, se pudesse... e então percebi que não tinha fósforos para acender a tocha. Usara o último acendendo um charuto para o Sr. Mc Vey, uma hora atrás.

A essa altura, o lugar se transformara em pandemônio. As pessoas tinham visto a coisa empoleirada nas costas de Smalley, algo que ninguém no mundo já vira antes. Ela esticou a cabeça para diante, em um ângulo inquisitivo, depois arrancou um pedaço de carne da nuca de Smalley.

Eu me dispunha a usar a tocha como porrete, quando sua extremidade envolta em panos ficou repentinamente em chamas. Dan Miller estava ali, segurando um isqueiro Zippo, com um emblema da Marinha gravado. Seu rosto estava duro como rocha, tomado de horror e fúria.

- Mate-o! - disse ele, em voz rouca. - Mate-o, se puder!

Ollie estava ao lado dele. Empunhava o 38 da Sra. Dumfries, mas sem ângulo de tiro. A coisa estendeu as asas e bateu-as uma vez - aparentemente, não para voar, apenas para se firmar melhor sobre sua presa -e então suas asas membra-

nosas e rijas envolveram toda a parte superior do corpo do pobre Smalley. A seguir, foram os sons apenas que ouvimos - sons mortais de dilaceramento, que não consigo descrever de maneira alguma.

Tudo isto aconteceu apenas em segundos. Foi então que arremeti com minha tocha contra a coisa. Houve a sensação de atingir algo sem mais substância real do que um papagaio de empinar. No momento seguinte, a criatura inteira ardia. Ela emitiu um grasnido agudo e distendeu as asas; a cabeça se contorceu e os olhos avermelhados rolaram com o que eu sinceramente desejava que fosse uma grande agonia. A criatura alçou vôo, fazendo um som semelhante ao de lençóis pendurados em um varal, sacudidos por uma firme brisa de primavera. Tornou a emitir aquele grasnido enferrujado.

As cabeças se ergueram para seguir seu vôo agonizante e flamejante. Creio que nada, em tudo aquilo, permanece tão vívido em minha memória, como aquela coisa-ave em chamas, voando aos ziguezagues acima dos corredores do Supermercado Federal, deixando cair pedaços carbonizados e fumacentos de si mesma, aqui e ali. Finalmente abateu-se entre os molhos para espaguete, espalhando sucos por todos os lados, como gotas de sangue. Agora, era pouco mais do que cinzas. O cheiro que desprendia era de algo carbonizado, forte e repugnante. E, acentuando isto, como um contraponto, havia o difuso e acre odor do nevoeiro, insinuando-se através do buraco no vidro.

Houve o mais absoluto silêncio por um momento. Ficamos unidos pelo negro assombro daquele vôo mortal, vivamente iluminado. Então, alguém deu um grito ululante. Outras pessoas gritaram também. E, de alguma parte nos fundos do supermercado, pude ouvir meu filho chorando.

A mão de alguém agarrou-me. Era de Bud Brown. Seus olhos avolumavam-se nas órbitas, esbugalhados. Os lábios repuxavam-se para trás, sobre a dentadura postiça, como em um rosnado.

- Mais uma daquelas coisas - disse ele, e apontou.

Um dos besouros esgueirara-se através do buraco e agora encarapitava-se sobre um saco de adubo para jardim, zumbindo as asas como uma mosca varejeira - a gente podia ouvi-Ia, soavam como um ventilador elétrico barato das lojas de departamentos -os olhos salientes em seus talos. O corpo rosa e roliço aspirava rapidamente.

Movi-me para ele. Minha tocha aindafumegava. Entretanto, a Sra. Reppler, a professora do terceiro grau, foi mais rápida. Teria uns cinqüenta e cinco anos, talvez sessenta, e era extremamente magra. Seu corpo tinha uma aparência estorricada e seca, que sempre me fazia pensar em um bife duro, tipo sola de sapatos.

Ela empunhava uma lata de Raid em cada mão, como um pistoleiro de comédia existencial. Proferiu um rosnado de raiva digno de um homem das cavernas, esmagando o crânio de um inimigo. Segurando as latas de inseticidas sob pressão com os braços inteiramente estirados, apertou os botões. Um jato espesso de inseticida cobriu a coisa. O besouro contorceu-se de agonia, agitando-se e girando loucamente, para afinal cair dos sacos, ricochetear no cadáver de Tom Smalley -

que estava morto, sem a menor sombra de dúvida - e por fim rolar para o chão. Suas asas zumbiam alucinadamente, mas não o levariam a lugar algum, porque estavam fartamente impregnadas de Raid. Momentos depois, o movimento das asas diminuía, até elas cessarem de bater por completo. A coisa estava morta.

Agora, ouvia-se pessoas chorando. E gemendo. A velha senhora que fora pisoteada estava gemendo. Também havia risos. As gargalhadas dos amaldiçoados. A Sra. Reppler ficou ao lado de sua presa, o peito magro subindo e descendo rapidamente.

Hatlen e Miller encontraram um daquelés carrinhos de plataforma que os arrumadores de prateleiras usam para mover artigos embalados pelo supermercado e, juntos, o

levantaram até o alto dos sacos de adubo para jardim, bloqueando o buraco em forma de cunha que havia na vidraça. Uma medida temporária, porém conveniente.

Amanda Dumfries aproximou-se como uma sonâmbula. Tinha um balde de plástico em uma das mãos. Na outra, segurava uma escova de roupas em forma de vassourinha, ainda fechada em seu envoltório transparente. Inclinando-se, os olhos ainda dilatados e apáticos, ela varreu a coisa morta e rosada - besouro, lesma, fosse o que fosse - para dentro do balde. Podia-se ouvir o roçar áspero do envoltório da escova de roupas, varrendo o chão. Ela caminhou para a porta SAÍ DA. Não havia nenhum besouro ali. Abrindo-a um pouco, a Sra. Dumfries jugou o balde no exterior. Ele caiu de banda e rolou de um lado para outro, em arcos decrescentes. Uma das coisas rosadas zumbiu para fora da noite, aterrou em cima do balde e começou a rastejar sobre ele.

A mulher prorrompeu em lágrimas. Aproximando-me, passei um braço em torno de seus ombros.

Por volta de uma e meia da madrugada, eu estava sentado com as costas contra a lateral esmaltada de branco do balcão de carnes, em um semicochilo. A cabeça de Billy repousava em meu colo. Ele dormia profundamente. Não muito longe dali, Amanda Dumfries dormia, tendo o blusão de alguém como travesseiro.

Algum tempo após a morte chamejante da coisa-ave, eu e Ollie tínhamos voltado à área de estocagem e reunido meia dúzia de mantas acolchoadas, semelhantes àquela com que cobrira Bfly anteriormente. Várias pessoas dormiam sobre elas. Também trouxemos um bom número de pesados caixotes de laranjas e peras; juntos, quatro de nós conseguimos içá-los para o alto das pilhas de sacos com adubo para jardim, em frente do buraco na vidraça. As criaturas-aves precisariam esforçar-se bastante para deslocar um daqueles caixotes, cada um dos quais pesava cerca de quarenta e cinco quilos.

Entretanto, as aves, as coisas semelhantes a besouros, não eram as únicas coisas lá fora. Havia a outra coisa de tentáculo que arrastara Norm. Havia ainda aquele cordel para varal de roupas, esmagado, dando o que pensar. Havia a coisa invisível que proferira aquele rugido grave e gutural, também dando o que pensar. Tínhamos ouvido sons semelhantes desde então - por vezes bem distantes mas até que ponto era "distante", através do efeito amortecedor do nevoeiro?

Aliás, havia ocasiões em que eram suficientemente próximos para estremecer o prédio, dando a sensação de que os ventrículos de nosso coração tivessem sido subitamente inundados de água gelada.

Billy sobressaltou-se em meu colo e gemeu. Afaguei seus cabelos e ele gemeu mais alto. Depois pareceu reencontrar as águas menos perigosas do sono. Meu próprio cochilo era entrecortado, de maneira que eu voltara a ficar de olhos arregalados. Desde o anoitecer, conseguira dormir apenas uns noventa minutos, assim mesmo, com o sono povoado de pesadelos. Em um daqueles sonhos fragmentados, eu me via novamente na noite anterior, Bfly e Steff estavam diante da janela panorâmica, olhando para as águas negro-acinzentadas, para a rodopiante e prateada tromba-d'água que prenunciava a tormenta. Tentei aproximar-me deles, convencido de que um vento forte poderia quebrar a janela e atirar flechas mortas de vidro por toda a sala de estar. No entanto, por

mais que corresse, não conseguia alcançá-los. Então, surgiu uma ave da tromba-d'água, um gigantesco oiseau de rnort escarlate, cuja envergadura de asas pré-históricas deixava todo o lago ensombrecido, de leste a oeste. Seu bico se abriu, revelando uma goela do tamanho do Túnel Holland. E, quando a ave se precipitava para minha esposa e meu filho, uma voz grave e sinistra começou a sussurar, incessantemente: O Projeto Ponta de Flecha... o Projeto Ponta de Flecha... o Projeto Ponta de Flecha...

Não que eu e Billy fôssemos os únicos a dormir mal. Havia outros que gritavam dormindo e outros que continuavam gritando, depois de acordados. A cerveja desaparecia da geladeira em grande velocidade. Buddy Eagleton a carregara novamente, com garrafas do estoque nos fundos do prédio, sem qualquer comentário. Mike Hatlen veio me dizer que o Sominex desaparecera. Os vidros não tinham sido esvaziados - haviam sumido. Ele achava que algumas pessoas podiam ter apanhado seis ou oito vidros.

- Ainda há uma sobra de Nytol - acrescentou. - Quer um vidro, David?

Meneei a cabeça em negativa e agradeci.

No último corredor, o da caixa registradora 5, tínhamos os vinhos. Havia umas sete pessoas lá, todas de fora do estado, com exceção de Lou Tattinger, que dirigia a Lavadora de Carros "Pine Tres" . Lou não precisava de nenhuma desculpa para farejar a rolha, como se diz. A brigada dos vinhos já estava perfeitamente anestesiada.

Oh, sim... havia ainda seis ou sete pessoas que tinham ficado malucas. Malucas, aliás, não é bem o termo; talvez eu apenas não conseguisse encontrar o mais adequado. Contudo, aquelas eram as pessoas que haviam mergulhado em absoluto estupor, fosse provocado pela cerveja, vinho ou pílulas. Elas nos fitavam com olhos vagos, semelhantes a maçanetas reluzentes. O duro cimento da realidade, seus alicerces, se tinham desfeito através de algum inimaginável terremoto, e aqueles pobres diabos haviam caído com eles. Com o tempo, alguns poderiam recuperar-se. Caso houvesse tempo.

Nós, os restantes, havíamos feito nossos compromissos mentais e, em alguns casos, imagino que fossem bastante estranhos. A Sra. Reppler, por exemplo, es-

tava convencida de que tudo aquilo era um sonho -ou pelo menos foi o que disse. Aliás, expressara-se com bastante convicção.

Olhei na direção de Amanda. Eu começava a experimentar um sentimento incomodante forte por ela - incômodo, mas não de todo desagradável. Seus olhos eram de um verde incrivelmente brilhante... e por algum tempo a ficara vigiando, para ver se tiraria um par de lentes de contato, mas pelo visto, a cor era verdadeira. Sentia vontade de fazer amor com ela. Minha esposa estava em casa, talvez viva, mais provavelmente morta, de qualquer modo, sozinha, e eu a amava. Queria voltar para ela com Billy, acima de tudo, mas também queria transar com aquela mulher chamada Amanda Dumfries. Tentei dizer a mim mesmo que era produto da situação em que nos encontrávamos -e talvez fosse mesmo - porém isso não alterou o desejo.

Continuei dormitando e despertando, até acordar de todo, por volta das três da madrugada. Amanda se deslocara para uma posição fetal, com os joelhos encostando no peito. as mãos entrelaçadas entre as coxas. Parecia dormir profundamente. Sua blusa de atletismo se erguera levemente em um lado, mostrando apele muito alva. Vendo aquilo, comecei a ter uma desconfortável e totalmente inútil ereção.

Tentei distrair as idéias, levando-as para um novo rumo. Pensei em como quisera pintar Brent Norton no dia anterior. Nada tão importante como um quadro, mas... apenas sentá-lo em um trono, com minha cerveja na mão, e garatujar seu rosto cansado e suado, as duas asas de seu cabelo cuidadosamente penteado, projetando-se desmazeladamente na parte traseira da cabeça. Poderia ter sido um bom quadro. Eu precisaria de vinte anos vivendo com meu pai, para aceitara idéia de que ser bom, poderia ser bom o suficiente.

Sabem o que é o talento? É o castigo da expectativa. Quando crianças, temos que lidar com isso, vencê-lo de algum modo. Se podemos escrever, achamos que Deus nos colocou na terra para superarmos Shakespeare. Ou, se sabemos pintar, talvez achemos - eu achei - que Deus nos colocou na terra para superarmos nosso pai.

Resultou que eu não era tão bom quanto ele. Continuei tentando ser como ele, talvez por mais tempo do que deveria. Tive uma exposição em Nova York e me saí muito mal - fui derrotado pelos críticos de arte, na comparação com meu pai. Um ano mais tarde, era com o desenho comercial que sustentava a mim e Steff'. Ela estava grávida, de maneira que me concentrei e falei comigo mesmo a respeito. O resultado dessa conversa, foi a convicção de que a arte séria seria sempre um hobby para mim, nada mais.

Fiz a publicidade do Xampu Garota de Ouro - aquele em que a Garota está montada em sua bicicleta, aquele em que ela joga Frisbee na praia, aquele em que ela se acha no balcão de seu apartamento, com um drinque na mão. Ilustrei contos para a maioria das grandes revistas elegantes, mas de poucos méritos literários, porém penetrei nesse campo fazendo ilustrações rápidas para contos nas revistas mais espalhafatosas para homens. Também fiz alguns pnsters para cinema. 0 di-

nheiro ia entrando. Conseguía-mos manter nossas cabeças lindamente acima d'água.

Tive uma exposição final em Bridgton, bem no último verão. Expus nove telas que havia pintado em cinco anos, tendo vendido seis. A que não venderia de maneira alguma, mostrava o supermercado Federal, por singular coincidência. A perspectiva era da extremidade mais distante do pátio.de estacionamento. Em meu quadro, o pátio estava vazio, exceto por uma fileira de latas de feijão Campbell, cada uma maior do que a antecedente, à medida que se aproximavam do olho do espectador. A última parecia ter dois metros e meio de altura. O quadro tinha o título de Fegões e Falsa Perspectiva. Um homem da Califórnia, alto executivo em uma fábrica de raquetes e bolas de tênis, entendido em todo tipo de equipamento esportivo, ficou encantado com o quadro e não aceitava uma negativa como resposta, apesar do cartão NEV (Não está à venda), enfiado no canto inferior esquerdo, na moldura descartável de madeira. Ofereceu seiscentos dólares e subiu até quatro mil. Afirmou querer o quadro para seu estúdio. Recusei as ofertas e ele se foi, irritado e pasmo. Ainda assim, não desistiu de todo, deixando seu cartão para o caso de eu mudar de idéia.

Aquele poderia ser um dinheiro bem empregado-foi no ano em que aumentei a casa e comprei o tração-nas-quatro-rodas - mas preferi ficar com o quadro. Não poderia vendê-lo, já que o considerava minha pintura mais bem feita e, além disso, queria tê-lo comigo, para poder contemplá-lo, depois que alguém me perguntasse, com crueldade totalmente inconsciente, quando é que me dedicaria a algo mais sério.

Então, em certo dia do outono passado, mostrei casualmente o quadro a Ollie Weeks. Ele me pediu para fotografá-lo e usá-lo como propaganda, durante uma semana. Foi esse o fim de minha falsa perspectiva. Ollie reconhecera minha pintura pelo que era em realidade, com isso, forçando-me a fazer o mesmo. Era uma peça perfeitamente válida, como espalhafatosa arte comercial. Nada mais. E, graças a Deus, nada menos.

Deixei que ele fizesse o que pretendia e então liguei para o tal executivo, em sua casa de San Luís Obispo. Falei que, se ainda quisesse a pintura, poderia tê-la.. por dois mil e quinhentos. Ele a queria, e eu a despachei para a costa. A partir daí, aquela voz de decepcionada expectativa - aquela ludibriada voz infantil nunca satisfeita ante um adjetivo como bom - tem andado bastante silenciosa. E, exceto por alguns roncos - semelhantes aos sons daquelas criaturas invisíveis lá fora, em algum ponto dentro da noite - desde essa época, tal voz quase se calou. Talvez alguém me possa dizer - por que o silenciar daquela voz infantil e exigente se pareça tanto com agonizar?

Por volta de quatro horas, Billy acordou - parcialmente, pelo menos - e olhou em torno com olhos remelosos, cheios de visível incompreensão.

- Ainda estamos aqui?

- Sim, meu bem - respondi. - Ainda estamos.

Ele começou a chorar, com uma fraca impotência que era horrível. Amanda acordou e olhou para nós.

- Ei, garoto -disse ela, e o puxou delicadamente para si. - Tudo vai parecer um pouco melhor, quando a manhã chegar.

- Não - disse Billy. - Não vai. Não vai. Não vai!

- Psst! -disse ela. Seus olhos encontraram os meus, acima da cabeça dele. - Psst... Já está passando da sua hora de dormir.

- Eu quero a minha mãe!

- Claro que quer - disse Amanda. - Eu sei.

Billy remexeu-se em seu colo, até poder olhar para mim, o que ficou fazendo por algum tempo. Então, tornou a dormir.

- Obrigado - falei. - Ele precisava de você.

- Ele nem ao menos me conhece.

- Não faz diferença.

- O que você acha? =perguntou ela. Seus olhos verdes fixaram-se insistentemente nos meus. - O que acha, em realidade?

- Pergunte-me quando amanhecer.

- Estou perguntando agora.

Abri a boca para responder, mas então Ollie Weeks materializou-se da penumbra, como algo saído de um conto de horror. Tinha uma lanterna, com uma das blusas para senhoras cobrindo a lente, e apontava o facho para o teto. A luminosidade produzia sombras estranhas em seu rosto abatido.

- David - sussurrou.

Amanda olhou para ele, primeiro sobressaltada, depois novamente amedrontada.

- O que é, Ollie? - perguntei.

- David - ele tornou a sussurrar. Depois: - Venha. Por favor.

- Não quero deixar Billy. Ele acabou de adormecer.

- Eu ficarei com ele -ofereceu-se Amanda. - É melhor você ir. - Depois, em voz mais baixa: - Meu Deus, isto nunca vai terminar!

VIII. O que aconteceu aos soldados. Com Amanda. Uma conversa com Dan Miller.

Acompanhei Ollie. Ele tomou a direção da área de estocagem. Ao passarmos junto à geladeira, apanhou uma cerveja.

- O que é, Ollie?

- Quero que você veja.

Empurrou as portas duplas e entramos. Elas deslizaram e se fecharam atrás de nós, com pequena agitação de ar. Estava frio. Eu não gostava daquele lugar, não depois do sucedido a Norm. Uma parte de minha mente insistia em recordar que

ali ainda havia um pequeno pedaço de tentáculo morto, jazendo no chão, em algum lugar.

Ollie retirou a blusa que amortecia o facho da lanterna. Ele dirigiu a luz para o alto. A princípio, tive a impressão de que alguém pendurara dois manequins em um dos canos de aquecimento, correndo abaixo do teto. Achei que tinham sido pendurados em cordas de piano ou coisa assim, um truque de crianças, no Dia das Bruxas.

Então reparei nos pés, pendendo cerca de vinte centímetros acima do piso de cimento. Havia duas pilhas de caixas de papelão derrubadas. Ergui os olhos para os dois rostos e um grito começou a brotarem minha garganta, porque aquelas não eram as faces dos bonecos de ioja de departamentos. As duas cabeças estavam viradas para um lado, como se apreciassem alguma terrível e engraçada piada, uma piada que os fizera rir até ficarem arroxeados.

Suas sombras. Suas sombras encompridavam-se na parede atrás deles. Suas línguas. Suas línguas saltadas para fora.

Ambos usavam uniforme. Eram os rapazolas que eu percebera anteriormente e que não tornara a ver mais. Os rapazolas do exército, sediados em...

O grito. Eu podia ouvi-lo, começando em minha garganta como um gemido, crescendo como uma sirene policial, mas então Ollie aferrou meu braço, pouco acima do cotovelo.

- Não grite, David! Ninguém sabe disto, além de você e eu. E é assim que vai ficar.

De alguma forma, consegui conter-me.

- Aqueles garotos do exército - murmurei.

- Do Projeto Ponta de Flecha - disse Ollie. - Não há dúvida. - Algo frio me foi enfiado na mão. A lata de cerveja. - Beba isto. Está precisando.

Esvaziei a lata em um prolongado gole.

- Voltei aqui para ver se tínhamos cartuchos extras para aquela grelha a gás que o Sr. McVey esteve usando. Vi estes caras. Do jeito como imagino, devem ter preparado os laços e subiram para o alto dessas duas pilhas de caixas de papelão. Devem ter amarrado as mãos, um ao outro e então equilibraram-se, também um ao outro, enquanto passavam através da corda entre seus pulsos. Assim... assim ficariam com as mãos atrás deles, entenda. A seguir-é assim que imagino enfiaram as cabeças nos laços e os apertaram com força. inclinando as cabeças para um lado. Talvez um deles contasse até três e pularam juntos. Eu não sei.

- Não poderia ser feito - falei, sentindo a boca seca.

Entretanto, as mãos dos dois estavam amarradas às costas de ambos, claro. Eu não conseguia afastar os olhos daquilo.

- Poderia. Se eles estivessem mesmo decididos, poderiam, David.

- Está bem, mas por quê?

- Acho que você sabe por quê. Não algum turista, os veranistas - gente como o tal Miller - mas há gente daqui que poderia fazer uma suposição muito decente.

- O Projeto Ponta de Flecha?

- Fico em pé junto àquelas registradoras o dia inteiro e ouço um bocado de coisas -disse Ollie. - Durante toda esta primavera andei ouvindo comentários sobre essa maldita coisa Ponta de Flecha, nenhum deles favorável. O gelo negro nos lagos...

Pensei em Bill Giosti, inclinado à janela de meu carro, bafejando álcool morno em meu rosto. Não apenas átomos, mas átomos diferentes. Agora, aqueles cadáveres pendendo dos canos suspensos. As cabeças ladeadas. Os sapatos pendentes. As línguas saltadas para fora, como salsichas de verão.

Com renovado horror, percebi que novas portas de percepção haviam sido abertas no interior. Novas? Nem tanto. Velhas portas de percepção. A percepção de uma criança que ainda não aprendeu a proteger-se, desenvolvendo a visão do tunel visual que impede o aparecimento de noventa por cento do universo. Crianças vêem tudo em que pousam os olhos, ouvem tudo dentro do alcance de sua audição. A vida, no entanto, se for uma elevação de consciência (como um trabalho principiante de tapeçaria que minha esposa fez, nas exposições do curso secundário), então também é a redução do imprrt.

O terror é a dilatação da perspectiva e da percepção. O horror consistia em saber que eu nadava para um lugar que a maioria de nós abandonou, ao passarmos das fraldas para as calças à prova de urina. Eu podia discernir isto também no rosto de Ollie. Quando a racionalidade começa a desmoronar, os circuitos do cérebro humano podem ficar sobrecarregados. Axônios ficam brilhantes e febris. Alucinações tornam-se reais: a poça de azougue onde a perspectiva faz com que linhas paralelas pareçam encontrar-se, está realmente lá; os mortos caminham e falam; uma rosa começa a cantar.

- Ouvi comentários de umas duas dúzias de pessoas -disse Ollie. -Justine Robards. Nick Tochai. Ben Michaelson. Não se pode guardar segredos em cidades pequenas. As notícias se espalham. Às vezes, é como uma fonte - simplesmente borbulha acima da terra e ninguém faz idéia de onde veio a água. Ouve-se alguma coisa na biblioteca e passa-se adiante, como se pode ouvir na marina, em Harrison, e só Deus sabe mais aonde ou por quê. Contudo, durante toda a primavera, durante todo o verão, estive ouvindo falarem no Projeto Ponta de Flecha, Projeto Ponta de Flecha.

- Compreendo, Ollie, mas estes dois... Eram duas crianças!

- Em Nam, havia crianças que costumavam arrancar orelhas. Eu vi. Eu estive lá.

- Mas... o que os impeliria a fazer isto?

- Eu não sei. Talvez eles soubessem algo. Talvez apenas suspeitassem. Talvez percebessem que as pessoas aqui, eventualmente começariam a interrogá-los. Se houvesse um eventualmente.

- Se você estiver certo - falei -, deve ter sido algo realmente terrível.

- Aquela tempestade - disse Ollie, em sua voz suave e uniforme. - Talvez tenha desarranjado alguma coisa por lá. Talvez houvesse alguma acidente. Eles

bem poderiam estar lidando com alguma coisa. Certas pessoas dizem que trabalhavam com lasers e masers de alta intensidade. Às vezes, eu ouvia falarem energia de fusão. E suponhamos... suponhamos que eles tenham aberto um buraco, diretamente para outra dimensão?

- Ora, isso é tolice! - exclamei.

- Eles são? - perguntou Ollie, apontando para os corpos.

- Não. A questão agora é: o que faremos?

- Acho que devemos tirá-los daí e escondê-los -disse Ollie prontamente. Colocá-los debaixo de uma pilha de artigos que as pessoas não queiram - ração para cães, detergente para louças, coisas assim. Se isto vier a furo, só servirá para piorara situação. Daí por que eu o chamei, David. Achei que era o único em quem podia confiar.

- Isto é como os criminosos de guerra nazistas, matando-se em suas celas, depois da guerra perdida - murmurei.

- Hã-hã. Foi o mesmo que pensei.

Caímos em silêncio e, de repente, aqueles suaves ruídos rastejantes começaram do outro lado da porta de aço, na área de estocagem de mercadorias -o som dos tentáculos tateando-a maciamente. Aproximamo-nos um do outro. Eu tinha a pele arrepiada.

- Está bem - falei.

- Faremos isso o mais depressa que pudermos -disse Ollie. Seu anel de safira cintilou opacamente, enquanto ele movia a lanterna. - Quero dar logo o fora daqui.

Ergui os olhos para as cordas. Eles haviam usado o mesmo tipo de cordel para varal de roupas que o homem do boné de golfe me permitira amarrarem torno de sua cintura. Os laços haviam penetrado na carne estufada de seus pescoços e tornei a perguntar-me como aqueles dois tinham conseguido ir adiante com aquilo. Eu compreendia o que Ollie quisera dizer, ao falar que se a notícia do duplo suicídio transpirasse, talvez a situação piorasse. Para mim, ela já piorara - e eu não acreditaria que fosse possível.

Houve um estalido metálico. Ollie abrira sua faca, uma boa e pesada ferramenta, própria para abrir caixas de papelão. E, naturalmente, cortar cordas.

- Eu ou você? - perguntou ele.

Engoli em seco.

- Um para cada - respondi.

Entregamo-nos à tarefa.

Quando voltei, Amanda não estava à vista e quem acompanhava Billy era a Sra.

Turman. Ambos dormiam. Segui descendo por um dos corredores, quando ouvi uma voz:

- Sr. Drayton! David!

Era Amanda,:em pé junto à escada para o escritório do gerente, seus olhos brilhando como esmeraldas.

- 0 que houve? - perguntou ela.

- Nada - respondi.

Ela aproximou-se e pude sentir um cheiro vago de perfume. E, oh, como a desejava!

- Seu mentiroso - disse ela.

- Não aconteceu nada. Foi um falso alarme.

- Se é assim que prefere... - Ela me tomou a mão. - Acabei de subir ao escritório. Está vazio e a porta tem chave.

Seu rosto era perfeitamente calmo, mas os olhos tremulavam, quase bravios, enquanto uma pulsação batia firmemente em sua garganta.

- Eu não...

- Vi a maneira como você olhou para mim - disse ela. - Não há necessidade de falarmos a respeito. Aquela Sra. Turman está com seu filho.

- Eu sei.

Ocorreu-me que aquele era um meio - talvez não o melhor, mas ainda assim, um meio - de afastar a maldição do que eu e Ollie havíamos acabado de fazer. Não o melhor meio, porém o único.

Subimos o estreito lance de escadas para o escritório. Estava vazio, conforme ela dissera. E havia uma chave na porta. Girei-a. Na escuridão, ela era apenas uma forma difusa. Estendi os braços, toquei-a e a puxei para mim. Estava trêmula. Fomos para o chão, primeiro qjoelhados, beijando-nos. Pus a mão em concha sobre um seio rijo e senti as fortes batidas de seu coração, através da camisa de atletismo. Pensei em Stef, dizendo a Billy para não ficar nos fios de eletricidade soltos. Pensei na equimose em sua coxa, quando ela tirou o vestido castanho, em nossa noite de núpcias. Pensei na primeira vez em que a vira, pedalando súa bicicleta pela rua de pedestres na Universidade do Maine, em Orono, quando me dirigia para uma das aulas de Vincent Hartgen, com meu portfólio debaixo do braço. E minha ereção era enorme.

Deitamo-nos, e ela disse:

- Ame-me, David. Faça com que me esquente.

Quando teve seu orgasmo, ela enterrou as unhas em minhas costas e me chamou por um nome que não era o meu. Não me importei. Isso nos deixava quites.

Ao descermos, iniciava-se uma espécie de vacilante alvorecer. A escuridão além das vigias passou relutantemente para um cinza opaco, depois para cromo, em seguida para o vivo, incorpóreo e opaco branco de uma tela de cinema drivein. Me Hatlen dormia em uma cadeira desdobrável, arranjada em algum lugar. Dan Miller, sentado no chão a alguma distância, comia um biscoito Hostess. Do tipo polvilhado com açúcar cristal.

- Sente-se, Sr. Drayton - convidou.

Olhei em torno, procurando Amanda, mas ela já se distanciava, a meio caminho para o fim do corredor. Não olhou para trás. Nosso ato de amor no escuro já parecia algo extraído de uma fantasia, impossível de acreditar, mesmo naquele singular alvorecer. Sentei-me.

- Pegue um biscoito - disse Miller, estendendo-me a caixa.

- Todo esse açúcar é morte certa. Pior do que cigarros.

Minhas palavras o fizeram rir um pouco.

- Sendo assim, pegue dois.

Fiquei surpreso ao constatar que ainda me sobrara um pouco de riso - Miller o fizera brotar e gostei dele por isso. Peguei dois de seus biscoitos. Tinham um excelente sabor. Rematei-os com um cigarro, embora normalmente não tenha o hábito de fumar pela manhã.

- Preciso voltar parajunto de meu garoto -falei. -Ele deve estar acordando.

Miller assentiu.

- Aqueles besouros rosados - disse ele. - Foram-se todos. Também as aves. Hank Vannerman disse que o último se chocou na vidraça por volta das quatro. Aparentemente, a... vida selvagem... fica muito mais ativa durante a escuridão.

- Não está querendo dizer isso a Brent Norton - falei. - Ou a Norm.

Ele tornou a assentir e ficou calado por um longo momento. Então, acendeu um cigarro de seu maço e olhou para mim.

- Não podemos ficar aqui, Drayton - disse.

- Há comida. E bastante bebida.

- Os suprimentos nada têm a ver com isso e sabe muito bem. O que faremos, se uma dessas feras maiores lá de fora resolver invadir o supermercado, em vez de apenas se

chocar contra ele, durante a noite? Tentaremos expulsá-la a cabo de vassoura e fluido para isqueiro?

Claro que ele tinha razão. De certo modo, talvez o nevoeiro nos estivesse protegendo. Escondendo-nos. Só que o esconderijo poderia não durar muito, e então... Havíamos permanecido no Federal umas dezoito horas, mais ou menos, e eu podia sentir uma espécie de letargia me invadindo, não muito diferente da que sentira uma ou duas vezes, ao tentar nadar uma distância muito grande. Havia uma urgência em ficar seguro, em continuar ali, cuidar de Billy (e talvez transar com Amanda Dum fries no meio da noite, murmurou uma voz), ver se o nevoeiro terminaria subindo e deixando tudo como estivera antes.

Eu podia perceber isto também nos outros rostos e, de repente, ocorreu-me que, no Federal, agora talvez houvesse pessoas que não sairiam dali, em hipótese alguma. O própria idéia de cruzarem a porta de saída, depois de tudo o que acontecera, bastaria para dissuadi-Ias.

Miller talvez estivesse vendo esses pensamentos me cruzarem o rosto.

- Quando este maldito nevoeiro chegou, havia umas oitenta pessoas aqui dentro. Desse número, subtraímos o rapaz embalador, Norton, as quatro pessoas que saíram com ele e aquele homem Smalley. Isso deixa setenta e três.

E subtraindo-se os dois soldados, agora repousando sob uma pilha de sacos de ração Purina para filhotes de cachorro, temos setenta e uma.

- Depois, subtraímos as que apenas optaram em sair - prosseguiu ele. -

São dez ou doze. Dez, digamos. Ficamos com sessenta e três. Mas -ele ergueu um dedo sujo de açúcar - destas sessenta e três, temos cerca de vinte que não sairão. Terão que ser postas para fora a gritos e pontapés.

- O que prova tudo isso?

- Que temos de sair daqui, nada mais. Eu vou sair. Por volta do meio-dia, creio. Estou planejando levar comigo o maior número de pessoas que puder. Gostaria que você e o garoto também fossem.

- Depois do que aconteceu a Norton?

- Norton foi como uma ovelha para o matadouro. Isto não significa que o mesmo aconteça comigo ou com quem me acompanhar.

- E como o evitaria? Só temos uma arma.

- O que é uma sorte. Entretanto, se conseguirmos ir pelo cruzamento, talvez possamos chegar ao Sportsman's Exchange, na Main Street. Lá existem mais armas do que possa imaginar.

- Em tudo isso há "se" e "talvez" demais.

- Drayton - disse Miller, - esta é uma situação cheia de "se".

A frase lhe rolou maciamente da língua, mas ele não tinha que cuidarde um garotinho.

- Ouça, vamos dar um tempo, está bem? Não dormi muito esta noite, mas pude refletir em algumas coisinhas. Quer ouvi-Ias?

- Claro.

Ele ficou em pé e espreguiçou-se.

- Façamos uma caminhada até as vidraças.

Passamos pela alameda da caixa-registradora mais próxima das gôndolas para pães e paramos diante de uma das vigias. O homem de guarda ali, informou:

- Os besouros foram embora.

Miller deu-lhe uma palmada nas costas.

- Vá tomar um café, companheiro. Eu fico em seu lugar.

- Está bem. Obrigado.

O homem afastou-se. Eu e Miller ficamos em sua vigia.

- Agora, diga-me o que vê lá fora - falou ele.

Eu espiei. O recipiente para lixo fora derrubado durante a noite, provavelmente por alguma daquelas rapinantes coisas-ave, espalhando uma confusão de papéis, latas e copos de papelão da lanchonete por todo o piso alcatroado. Além disso, eu podia ver a fila de carros mais próximos do supermercado, dissolvendose em brancura. Era tudo quanto enxergava, e foi o que disse a ele.

- Aquela picknp Chevrolet azul é minha-disse Miller. Apontou e vi apenas uma sombra azulada no nevoeiro. - Entretanto, deve lembrar que ontem, quando estacionou, o pátio estava apinhado, não?

Tornei a olhar para meu Scout e recordei que só conseguira o espaço próximo ao supermercado, porque alguém mais caía com seu carro. Assenti, e Millerdisse:

- Agora, some algo mais a esse fato, Drayton. Norton e seus quatro... como é mesmo que os chamou?

- Terrestres Estagnados.

- Exato, perfeito. Eles não eram outra coisa. Deixaram o supermercado, certo?

Avançaram por quase o comprimento total daquela linha para varal de roupas. Então, ouvimos os rugidos, como se lá fora houvesse uma manada de elefantes. Certo?

- Não soava como elefantes - falei. - Soava como...

Como algo vindo do pântano primordial, foi a frase que me veio à mente, mas eu não queria dizer isso a Miller, não depois de haver batido nas costas daquele sujeito e dizer-lhe para ir tomar café, como um treinador dispensando um jogador da grande partida. Eu poderia ter dito isso a Ollie, mas não a Miller.

- Não seio que parecia - completei, desanimado.

- Certo, mas dava a impressão de algo grande.

- Sim.

A coisa dera realmente a impressão de algo muito grande.

- Pois então, como é que não ouvimos carros sendo sacolejados? Nem metal rangendo? Vidros se quebrando?

- Bem, foi porque... - Interrompi-me. Ele me pegara. - Não sei!

- De qualquer modo - disse Miller - as coisas estavam lá fora, no pátio de estacionamento, quando sei-lá-o-que as atingiu. Eu lhe direi o que penso. Penso que não ouvimos nenhum carro sendo danificado, porque um bocado dessas coisas já podia ter-se acabado. Apenas isso.:. acabado! Penetrado na terra, evaporado, seja o que for. Alguma coisa forte o suficiente para estilhaçar estas vigas, modificar-lhes o formato e derrubar artigos das prateleiras. E o apito da cidade parou ao mesmo tempo.

Eu tentava visualizar metade do pátio de estacionamento como desaparecida. Procurava visualizar uma caminhada lá fora e deparar com um recente desnível na terra onde estivera o piso do pátio, com suas vagas de estacionamento demarcadas em ordenadas linhas amarelas. Um desnível, uma ondulação... ou talvez um precipício sem fim, cavalo em meio ao branco e inconsistente nevoeiro...

- Se você estiver certo - falei, após uns dois segundos - até onde acha que conseguiria ir em sua pickup?

- Eu não pensava nela, mas em seu carro de tração nas quatro rodas.

Aquilo era algo para digerir, porém não agora.

- O que mais tem em mente?

Miller estava ansioso em prosseguir.

- O que tenho em mente é a farmácia ao lado. O que acha?

Abri a boca para dizer que não atinava aonde ele queria chegar, mas depois a fechei de súbito. A Farmácia Bridgton estava em atividade, ao chegarmos ali na véspera. Não a parte de lavanderia automática, mas a drugstore estivera de portas escancaradas para deixar entrar um pouco de ar fresco, aquelas portas com retentores de borracha - a falta de energia evidentemente os deixara sem ar condicionado. A entrada para a farmácia não devia ficar a mai s de seis metros das portas do supermercado Federal. Então, por que...

- Por que ninguém de lá apareceu aqui? - perguntou-me Miller. - Foram dezoito horas, não? Será que não sentiram fome? Seguramente, não se alimentariam com pílulas e supositórios.

- Lá também há alimentos - respondi. - Eles estão sempre vendendo comestíveis especiais. Às vezes, biscoitos em forma de animais, quando não, tortas crocantes, todos os tipos de coisas. Além disso, há o balcão dos doces.

- Não creio que se enchessem dessas coisas, quando aqui há tudo que se procure para comer.

- Aonde quer chegar?

- Minha idéia é de que pretendo sair daqui, mas sem servir de jantar para algum fugitivo de um filme de terror. Quatro ou cinco de nós poderiam ir até lá, verificar o que aconteceu na drugstore. Uma espécie de balão de ensaio.

- Isso é tudo?

- Não. Há mais uma coisa.

- O quê?

- Ela - disse Miller apenas, e apontou o polegar para um dos corredores centrais. - Aquela cadela nojenta. Aquela feiticeira.

Era para a Sra. Carmody que ele apontara o polegar. Ela não estava mais sozinha; agora tinha a companhia de duas mulheres. Por suas roupas vistosas, deduzi que deviam ser turistas ou veranistas, senhoras que haviam saído de casa para "apenas ir até a cidade, comprar algumas coisas" e agora estavam cheias de preocupação com os maridos e filhos. Senhoras ansiosas para agarrar-se a qualquer apoio. Talvez, até mesmo o sombrio consolo propiciado pela Sra. Carmody.

O termino dela destacava-se com o mesmo resplendor maligno. Ela falava, gesticulava, o rosto duro e taciturno. As duas senhoras de roupas vistosas (não tanto quanto a da Sra. Carmody, nada disso, e sua gigantesca sacola-bolsa, ainda firmemente presa debaixo de um braço pastoso) a ouviam com enlevo.

- Ela é outro motivo que me faz querer sair daqui, Drayton. Chegada a noite, essa bruxa terá seis pessoas ao seu lado: Se aqueles besouros cor-de-rosa e os pássaros voltarem esta noite, amanhã cedo ela estará liderando um bom grupo. Então, é hora de nos

preocuparmos sobre quem essa mulher apontará aos outros para ser sacrificado. a fim de que a situação melhore. Talvez eu; você ou aquele sujeito Haden. Talvez seu garoto.

- Isso é idiotice - falei.

Seria mesmo? O arrepio gelado subindo por minhas costas, dizia que não necessariamente. A boca da Sra. Carmody se movia sem parar. Os olhos das senhoras turistas estavam fixos em seus lábios franzidos. Seria realmente idiotice? Pensei nos poeirentos animais empalhados bebendo em seu riacho espelhado. A Sra. Carmody tinha poder. A própria Steff, normalmente teimosa e firme de opiniões, invocava o nome daquela velha com desassossego.

Aquela cadela nojenta, assim Miller a chamara. Aquela feiticeira.

- Neste supermercado, as pessoas estão vivendo uma experiência neurótica, sem dúvida- disse Miller. Fez um gesto para as vigas pintadas de vermelho,

emoldurando os segmentos de vidraças... torcidas, estilhaçadas e fora do alinhamento. - Suas mentes provavelmente estão como essas vigas. A minha está também, droga. Passei metade desta noite pensando que talvez tivesse ficado biruta, que provavelmente vestia uma camisa de força, em Danvers, a cabeça povoada de besouros, aves-dinossauros e tentáculos, mas que tudo acabaria, assim que o atencioso enfermeiro aparecesse, para injetar-me uma dose de Thorazine no braço. -Seu rosto miúdo estava tenso e pálido. Ele olhou para a Sra. Carmody e depois tornou a encarar-me. - Eu lhe digo que isso poderia acontecer. À medida que as pessoas forem fraquejando, essa mulher cada vez parecerá melhor para algumas delas. E não quero estar por perto, quando isso acontecer.

Os lábios da Sra. Carmody continuavam a mover-se. A língua dançava em torno dos dentes desiguais da velha. Ela parecia uma bruxa. Com um chapéu pontudo na cabeça, ficaria perfeita. O que estaria dizendo aos seus dois pássaros capturados, vestidos de viva plumagem de verão?

Projeto Ponta de Flecha? Primavera Negra? Abominações das entranhas da terra? Sacrifício humano?

Cascata.

Dava tudo no mesmo...

- E então, o que me diz?

- A idéia é boa- respondi. - Tentaremos chegar até a farmácia. Eu, você, Ollie, caso ele queira ir, mais uma ou duas pessoas. Então, voltaremos a discutir o assunto.

Mesmo isso, dava-me a sensação de caminhar para fora sobre uma viga estreita, em direção a uma queda impossível. Matar-me, nenhum bem faria a Billy. Por outro lado, em nada o ajudaria ficando ali sentado. Seis metros até a drugstoe. Não era assim tão ruim.

- Quando? - perguntou ele.

- Dê-me uma hora.

- Certo - disse Miller

IX. A expedição à farmácia

Contei à Sra. Turman, contei a Amanda e depois contei a Billy. Ele parecia melhor esta manhã: havia comido dois biscoitos e uma tijela de Special K para desjejum. Em seguida, apostei corrida com ele, indo e vindo por dois dos corredores, chegando mesmo a fazê-lo rir um pouco. Crianças são tão adaptáveis, que às vezes chegam a assustar-nos. Ele estava muito pálido, a carne por sob os olhos ainda aparecia inchada das lágrimas vertidas à noite e o rosto tinha uma horrível expressão de desgastado. De certa maneira, ficara parecendo o rosto de um velho, como se uma carga demasiada de grande voltagem emocional houvesse corrido sob ele, por um período exagerado. Contudo, continuava vivo e ainda capaz de rir... pelo menos, até recordar onde estava e o que acontecera.

Depois dos exercícios de aquecimento, sentamo-nos com Amanda e Hattis

Turman. Bebemos Gatorade em xícaras de papel e contei a ele que ia até a drugstore, com mais algumas pessoas.

- Não quero que você vá - disse Billy imediatamente, com o rosto ensombrecendo.

- Vai dar tudo certo, Grande Bill. Eu lhe trarei uma revistinha do "Homem Aranha".

- Eu quero que você fique aqui.

Seu rosto agora não estava apenas sombrio, mas carregado. Tomei-lhe a mão. Ele a puxou. Tornei a pegá-la.

- Ouça, Billy. Temos que sair daqui, mais cedo ou mais tarde. Você entende isso, não entende?

- Quando o nevoeiro for embora...

Ele falou sem a menor convicção. Bebeu seu Gatorade, mas não pareceu aliviado.

- Até agora, ficamos quase um dia inteiro aqui, Billy.

- Eu quero mamãe!

- Bem, talvez este seja o primeiro passo, a fim de você voltar para ela.

- Não encha o garoto de esperanças, David - disse a Sra. Turman.

- Ora, que diabo! - bufei para ela. - O menino precisa ter esperanças em alguma coisa!

Ela baixou os olhos.

- Sim. Acho que precisa.

Billy pareceu não perceber a troca de palavras.

- Papai... Papai, lá fora há coisas. Coisas.

- Nós sabemos disso, Billy, mas muitas delas - não todas, mas muitas parecem chegar só quando é noite.

- Elas estão esperando -disse ele. Seus olhos estavam dilatados, fixos nos meus. - Ficam esperando no novoeiro... e quando a gente não pode voltar para cá, elas comem a gente. Como nas histórias de fadas. - Ele se apertou contra mim, com uma força selvagem, cheia de pânico. - Por favor, papai, não vá!

Afastei-lhe os braços, o mais delicadamente que pude e lhe disse que tinha de ir.

- Eu vou, mas voltarei, Billy.

- Está bem - disse foscamente, mas não tornou a olhar para mim.

Billy não acreditava que eu voltaria. Estava escrito em seu rosto, agora não mais carregado, porém infeliz e pesaroso. Perguntei-me outra vez se estaria fazendo a coisa certa, ao colocar-me em risco. Então, aconteceu-me olhar para o fim do corredor central e vi Já a Sra. Carmody. Ela conquistara um terceiro ouvinte, um homem de barba grisalha despontando no rosto, de olhos inquietos e injetados de sangue. Seu rosto desfigurado e as mãos trêmulas, quase gritavam a palavra ressaca. Era nada mais, nada menos, do que o nosso amigo Myron La Fleur. O sujeito que não sentira o menor remorso ao enviar um rapazola para fazer o serviço de um homem.

Aquela cadela louca. Aquela feiticeira.

Beijei Billy e o abracei com força. Depois caminhei para a parte frontal do supermercado -mas não pelo corredor dos utensílios domésticos. Não queria passar sob os olhos dela.

Havia feito três quartos do trajeto, quando Amanda emparelhou comigo.

- Tem mesmo que fazer isto? - perguntou ela.

- Sim, acho que tenho.

- Perdoe-me se lhe digo isto, mas o que está pretendendo me parece pura tolice machista.

Havia manchas ruborizadas no alto de suas faces e seus olhos estavam mais verdes do

que nunca. Ela estava altamente - não, regiamente - irritada.

Peguei-lhe o braço e repeti minha discussão com Dan Miller. O enigma dos carros e o fato de ninguém da farmácia se ter juntado a nós, não a impressionaram muito. Foi a história sobre a Sra. Carmody que a convenceu.

- Ele talvez estivesse certo - falou.

- Acredita realmente nisso?

- Não sei... Aquela mulher irradia uma sensação de veneno. E se pessoas estiverem apavoradas pelo tempo suficiente, apegar-se-ão a quem quer que lhes prometa uma solução.

- Certo, mas... sacrifício humano, Amanda?

- Os astecas faziam isso-declarou ela calmamente. - Ouça, David. Você tem que voltar. Se alguma coisa acontecer... qualquer coisa... volte para cá. Dê meia volta e venha correndo. Não para mim -o que aconteceu esta noite foi bonito, mas isso foi à noite passada. Volte para seu garoto.

- Sim, eu voltarei.

- É o que espero - disse ela, e agora tinha a aparência de Billy, infeliz e envelhecida.

Ocorreu-me que a maioria de nós devia ter tal aparência. Menos a Sra. Carmody. Ela parecia de algum modo mais jovem e mais vital. E se conseguisse levar a melhor... Aliás, era como se jáconseguira. Como se... estivesse alimentando-se daquilo.

Só às 9:30 da manhã. é que nos pusemos a caminho. Éramos sete: Ollie, Dan Miller, Mike Hatlen, o anterior amigo de Myron LaFleur, Jim (também de ressaca, mas parecendo determinado a encontrar algum meio de expiar sua falta), Buddy Eagleton e eu. O sétimo membro era Hilda Reppler. Miller e Hatlen fizeram o possível para que ela desistisse de ir. Nada tinha a ver com aquilo. Eu nem ao menos tentei. Desconfiava que Hilda Reppler podia ser mais competente do que qualquer de nós, talvez com exceção de OII ie. Ela carregava uma pequena sacola de lona para compras, lotada com um arsenal de Raid e Black Flag, em latas de spray, todas já sem as tampas e prontas para entrarem ação. Na mão livre, empunhava uma raquete de tênis, retirada de uma mostra de artigos esportivos, no Corredor 2.

- 0 que vai fazer com isso, Sra. Reppler? - perguntou Jim.

- Não sei = respondeu ela. Tinha uma voz grave, de som irritante e cheia de decisão - mas parece adequada em minha mão. - Encarou-o mais de perto e seu olhar era frio. - Jim Grondin, não é? Por acaso, não foi aluno meu?

Os lábios de Jim estiraram-se em um sorriso desajeitado, como se estivesse chupando um ovo.

- Sim, senhora. Eu e minha irmã Pauline.

- Bebeu muito esta noite?

Muito mais alto do que ela e provavelmente pesando uns cinqüenta quilos mais, Jim ficou vermelho até a raiz de seus cabelos cortados à Legião Americana.

- Há... hum... não...

Ela se virou bruscamente, interrompendo-o.

- Penso que estamos prontos - declarou.

Todos nós levávamos alguma coisa, embora qualquer um pudesse considerar aquilo um curioso sortimento de armas. Ollie tinha a arma de Amanda, Buddy Eagleton uma alavanca, apanhada em algum lugar nos fundos do supermercado, e eu um cabo de vassoura.

- Muito bem! - exclamou Miller, levantando a voz. - Ei, pessoal, vocês querem me ouvir por um minuto?

Umas doze pessoas tinham vagado até a porta SAÍDA, querendo ver o que acontecia. Formavam um grupo disperso e, à sua direita, vimos a Sra. Carmody com seus novos amigos.

- Pretendemos ir até a drugstore, ver como anda a situação por lá. De passagem, queremos trazer algo da farmácia para ajudar a Sra. Clapham.

Era a senhora que tinha sido pisoteada na véspera, quando da chegada dos besouros. Havia fraturado uma perna esentiadoresintensas. Millerpassouosolhos por nós.

- Não queremos correr riscos -disse. - Ao primeiro sinal de algo ameaçador, viremos correndo de volta ao supermercado...

- E atraindo todos os demônios do inferno sobre as nossas cabeças! -gritou a Sra. Carmody.

- Ela tem razão! - secundou uma das veranistas. - Vocês farão com que eles nos percebam! Farão com que eles venham para cá! Por que têm de intrometer-se sem necessidade?

Houve um murmúrio de assentimento, por parte de alguns dos que se haviam reunido para ver nossa saída.

- Deseja mesmo que não nos intrometamos, senhora? - perguntei.

Ela baixou os olhos, confusa. A Sra. Carmody deu um passo à frente. Seus olhos chispavam.

- Você morrerá lá fora, David Drayton! Está querendo deixar seu filho órfão?

Erguendo o rosto, ela nos fustigou com os olhos. Buddy Eagleton olhou para baixo e, ao mesmo tempo, ergueu sua alavanca, como se quisesse atacá-la.

- Todos vocês morrerão lá fora! Não perceberam que chegou o fim do mun-

do? O Demo foi solto! A Estrela da Desgraça chameja, e cada um que pisar fora dessa porta, será feito em pedaços! Então, eles virão em buscados que sobraram, justamente como disse esta boa mulher! E vocês vão deixar que isso aconteça? Ela agora apelava para os espectadores, e um leve murmúrio correu entre eles. Depois do que ontem aconteceu aos incréus? Isto é a morte! É a morte! É a...

Uma lata de ervilhas voou subitamente através dos corredores das caixas registradoras e atingiu a Sra. Carmody no seio direito. Ela cambaleou para trás, com um guincho assustado. Amanda adiantou-se.

- Cale a boca! - disse. - Cale a boca, sua coruja miserável!

- Ela está a serviço do Abominável! - bradou a Sra. Carmody. Um sorriso torto bailou em seu rosto. - Com quem dormiu esta noite, senhora? Com quem se deitou esta noite? A Mãe Carmody enxerga, oh, sim, ela enxerga o que os outros não vêem!

Não obstante, o momento de fascínio que ela criara se tinha quebrado, e os olhos de Amanda permaneceram firmes.

- Vamos andando ou querem ficar aqui o dia inteiro? - perguntou a Sra. Reppler.

E nós fomos. Que Deus nos ajude, mas fomos.

Dan Miller seguia à frente. Ollie era o segundo e eu encerrava a fila, com a Sra. Reppler à minha frente. Acho que nunca senti tanto medo na vida, e a mão firmemente apertada em torno de meu cabo de vassoura estava escorregadia de suor.

Senti aquele cheiro acre e difuso do nevoeiro, um odor antinatural. Quando chegou a minha vez de passar pela porta, Miller e Ollie já se tinham dissolvido no fog, e Hatlen, que era o terceiro, mal podia ser vislumbrado.

Apenas seis metros, repetia para mim mesmo. Apenas seis metros.

A Sra. Reppler caminhava devagar e firmemente diante de mim, com sua raquete de tênis oscilando de leve na mão direita. À nossa esquerda, havia uma parede vermelha de blocos de concreto. À direita, a primeira fila de carros, esboçando-se no nevoeiro como navios fantasmas. Outro depósito de lixo materializou-se naquela brancura e, mais além, ficava um banco onde, às vezes, as pessoas costumavam esperar pela vez de falar em um telefone público. Apenas seis melros, provavelmente Millerjá até chegou lá e seis metros são apenas dez ou doze passos, de modo que...

- Oh, meu Deus! -gritou Miller. - Oh, meu Deus do céu, vejam só isto!

Miller havia chegado lá, claro.

Buddy Eagleton estava à frente da Sra. Reppler e se virou para correr, com olhos esbugalhados e brilhantes. Ela lhe deu uma leve estocada no peito com sua raquete de tênis.

- Aonde você pensa que vai? - perguntou, em sua voz rouca e ligeiramente irritante.

Esse foi todo o pânico que houve. Os restantes de nós se juntaram em torno de Miller. Dei uma espiada sobre o ombro e vi o Federal sendo engolido pelo nevoei-

ro. A parede vermelha de concreto desbotara para um leve tom rosado, depois desapareceu por completo, provavelmente a quatro metros e pouco da Farmácia Bridgton, ao lado da porta SA í DA. Senti-me mais isolado, mais simplesmente só, do que jamais na vida. Era como se houvesse perdido o útero materno.

A farmácia havia sido palco de uma carnificina.

Eu e Miller, naturalmente, estávamos bem perto daquele cenário - praticamente em cima dele. Todas as coisas no nevoeiro operavam primeriamente pelo sentido do olfato. E não podia ser de outro modo. A visão teria sido quase sem a menor utilidade para elas. A audição funcionava algo melhor mas, como falei, o nevoeiro tinha um meio de confundira acústica, fazendo com que um som póximo parecesse distante e -por vezes - que o distante parecesse perto. As coisas no nevoeiro seguiam seu sentido mais acurado. Seguiam os próprios narizes.

Nós, os do supermercado, tínhamos sido salvos mais pela falta de energia elétrica, do que por qualquer outra coisa. As portas operadas pelo olho elétrico não funcionavam. Em certo sentido, o supermercado estivera hermeticamente selado, quando da chegada do nevoeiro. As portas da farmácia, no entanto... estavam escancaradas. O corte da energia acabara com o seu ar condicionado, de maneira que eles haviam aberto as portas, para que uma brisa penetrasse. Só que, algo mais também penetrara lá.

Um homem de camiseta castanha jazia de bruços na soleira. De início, pensei que a camiseta fosse castanha, mas então vi algumas partes brancas na parte inferior e compreendi que, uma vez, toda ela fora branca. O castanho era sangue seco. Havia outra coisa mais errada com ele, algo que fiquei remoendo mentalmente. Mesmo quando Buddy Eagleton se virou e vomitou ruidosamente, não percebi o que era. Creio que quando uma coisa como aquela... quandofna/mente acontece a alguém, nossa mente a rejeita inicialmente... a menos que estejamos em uma guerra.

A cabeça dele se fora, era isso. As pernas estavam estiradas para dentro da farmácia e a cabeça deveria descambar para fora, pendendo sobre o degrau inferior. Só que não havia cabeça.

Jim Grondin já tivera o suficiente. Deu meia volta, com a mão tapando a boca, os olhos injetados postos loucamente nos meus. Depois, aos tropeções, tomou a direção do supermercado.

Os outros não deram por isso. Miller já havia entrado e Mike Hatlen o seguiu. A Sra. Reppler se postou ao lado das portas duplas, empunhando sua raquete de tênis. Ollie tomou posição no outro lado, com a arma de Amanda em punho, apontada para o piso.

- Acho que estou perdendo toda esperança, David - disse ele, em voz comedida.

Buddy Eagleton apoiava-se fracamente no balcão no telefone público, como alguém que acabou de receber más notícias de casa. Seus ombros largos sacudiam-se com a força de seus soluços.

- Não nos exclua por enquanto - falei para Ollie.

Cruzei a porta. Não queria entrar lá, mas havia prometido uma revista de histórias em quadrinhos a meu filho.

A Farmácia Bridgton era um pandemônio. Havia livros e revistas jogados por toda parte. Vi uma revista do Homem Aranha e outra do Incrível Hulk quase aos meus pés; sem pensar, apanhei-as e enfiei-as no bolso traseiro da calça para Billy. Vidros e caixas espalhavam-se pelos corredores. Uma mão pendia de uma prateleira.

Fui invadido por um senso total de irrealidade. Os destroços... a carnificina já eram ruim o suficiente. Contudo, o local também dava a impressão de ter sido o cenário de alguma festa de loucos. Ali havia pendentes e festões que, a princípio, tomei por guirlandas. Contudo, não eram largos e chatos, porém mais semelhantes a barbantes muito grossos ou cabos muito finos. Ocorreu-me que eram quase do mesmo branco brilhante que o próprio nevoeiro, e então um calafrio gelado me subiu pela espinha. Aquilo não era papel crepom. O quê? R, :-;~; e iivros pendiam no ar, oscilando em alguns daqueles fios.

Mike Hatlen cutucava uma estranha coisa negra com um pé. Era comprida e eriçada.

- Que merda é esta? - perguntou, a ninguém em particular.

De repente, eu soube. Soube o que havia matado todos os que não haviam tido sorte suficiente, por estarem na farmácia quando o nevoeiro chegou. Pessoas com azar bastante para serem farejadas. Fora...

- Para fora! - falei. Minha garganta estava completamente seca e as duas palavras saíram como uma bala coberta de fiapos. - Para fora daqui! Vamos!

Ollie olhou para mim.

- David...?

- São teias de aranha - falei.

Então, dois gritos brotaram do nevoeiro. O primeiro, talvez de medo. O segundo, de dor. Era Jim. Se houvesse débitos a pagar, ele os estava saldando.

- Saiam! - gritei para Mike e Dan Miller.

Foi quando algo se desenrolou do nevoeiro. Era impossível distingui-lo contra o fundo branco, mas eu podia ouvi-lo. Soava como um chicote de couro, desenrolando-se sem muita pressa. Depois pude vê-lo, quando se enrolou em torno da coxa dos jeans de Buddy Eagleton.

Ele gritou e agarrou a primeira coisa ao alcance, que aconteceu ser o telefone. O receptor estirou-se em todo o comprimento do fio, depois ficou balançando de um lado para outro.

- Oh, Deus, isso DOI! - gritou Buddy.

Ollie agarrou-o e eu vi o que acontecia. No mesmo instante, compreendi por que o homem caído na soleira estava sem a cabeça. O fino cabo brando que se torcia em volta da perna de Buddy, como uma corda de seda, estava afundando em sua carne. A perna de seu jeans fora cortada perfeitamente e agora lhe escorregava perna abaixo. Uma nítida incisão circularem sua carne estava orlada de sangue, à medida que o cabo se aprofúndava.

Ollie o puxou com força. Houve um vago som de estalido e Buddy ficou livre. Seus lábios haviam ficado azuis com o choque.

Mike e Dan vinham chegando, porém lentos demais. Então, Dan colidiu contra vários fios pendurados e ficou preso, exatamente como um besouro em um papel pega-moscas. Libertou-se com um tremendo safanão, deixando um pedaço de sua camisa pendurado nas teias.

De repente, todo o ar se encheu com aqueles estalos langorosos de chicotadas, e os finos cabos brancos vagavam para baixo, em torno de todos nós. Eram cobertos com a mesma substância corrosiva. Esquivei-me a dois deles, mais por sorte, do que por outra coisa. Um caiu aos meus pés e ouvi um fraco chiado do piso se queimando. Outro flutuou no ar e, calmamente, a Sra. Reppler esgrimiu sua raquete de tênis contra ele. O entrançado ficou preso. Ouvi um agudo tuing! tuing! tuing! quando o corrosivo devorou os fios da rede trançada, arrebentando-os. Soava como se alguém tangesse rapidamente as cordas de um violino. Um momento mais tarde, um fino cabo enrolou-se em torno do punho da raquete e ela foi atirada dentro do nevoeiro.

- Para trás! - gritou Ollie.

Começamos a mover-nos. Ollie tinha um braço em torno de Buddy. Dan Miller e Mike Hatlen ladeavam a Sra. Reppler. Os fios brancos de teia continuavam a esvoaçar do nevoeiro, praticamente invisíveis, só sendo distinguidos contra o fundo vermelho de concreto.

Um deles enrolou-se em torno do braço esquerdo de Mike Hatlen. Outro saltou em volta de seu pescoço, com uma série de rápidos estalidos no ar. Sua jugular se abriu, em brusca e esguichada explosão, e ele foi arrastado, com a cabeça pendurada. Um de seus

tênis lhe saiu do pé e caiu de lado.

Buddy escorregou repentinamente para diante, quase derrubando Ollie de joelhos.

- Ele desmaiou, David! Ajude-me!

Agarrei Buddy pela cintura e o puxamos, os dois juntos, de maneira desajeitada, aos tropeções. Mesmo inconsciente, Buddy ainda se mantinha aferrado à sua alavanca. A perna que o fio de teia de aranha envolvera, pendia de seu corpo em um ângulo esquisito. A Sra. Reppler se virara.

- Cuidado! -gritou, em sua voz enferrujada. - Atrás de vocês! Cuidado!

Quando comecei a me virar, um daqueles fios flutuou acimada cabeça de Dan Miller, depois a alcançou. Ele usou as mãos para agarrá-lo e arrancá-lo.

Uma das aranhas saíra do nevoeiro, às nossas costas. Era do tamanho de um cão de grande porte, negra, com filetes amarelos. Uniforme de jóquei, pensei doidamente. Seus olhos eram vermelhos-púrpura, como romãs. Ela trotou diligentemente em nossa direção, sobre o que seriam doze ou quatorze pernas de inúmeras articulações - não era uma vulgar aranha terráquea, amplificada para o tamanho visto em filmes de terror; era algo inteiramente diverso, talvez nem fosse mesmo uma aranha. Se a visse, Mike Hatlen teria compreendido o que era a coisa negra e eriçada que estivera cutucando na farmácia.

Ela se aproximou de nós, fiando sua teia de um orifício ovalado na parte superior do corpo. Os fios flutuaram em nossa direção, em formato quase de leque. Olhando para aquele pesadelo, tão semelhante às fatais aranhas negras que ruminavam sobre suas moscas e insetos mortos, nas sombras de nossa casa de barcos, senti minha mente tentando soltar-se completamente de seus ancoradouros. Agora, acredito que somente o pensamento em Billy me permitia manter qualquer semelhança de lucidez. Eu emitia sons. Ria. Chorava. Gritava. Eu não sei.

Ollie Weekes, no entanto, era como uma rocha. Ergueu a arma de Amanda, tão calmamente como se estivesse em uma cabine de tiro ao alvo, esvaziando-a em tiros espaçados contra a criatura, à queima-roupa. Seja qual for o inferno de onde ela viera, não era invulnerável. Uma seiva negra esguichou de seu corpo e ela soltou um terrível som miado, tão baixo, que era mais sentido do que ouvido, como uma nota grave de um sintetizador. Depois, deslizou de volta ao nevoeiro e desapareceu. Poderia ter sido um fantasma, de um terrível sonho drogado... exceto pelas poças de pegajosa matéria negra que deixara para trás.

Houve um som metálico, quando Buddy finalmente deixou sua alavanca de aço cair ao solo.

- Ele está morto - disse Ollie. - Largue-o, David. A maldita coisa acertou-lhe a artéria femural e ele morreu. Vamos dar o fora daqui, já!

Seu rosto era novamente uma máscara de suor escorrendo e os olhos salientavam-se no

enorme rosto redondo. Um dos fios de teia flutuou e caiu sem dificuldade nas costas de sua mão. Ollie girou o braço, partindo-o. O fio deixou um risco sanguinolento em sua pele.

- Cuidado! - tornou a gritar a Sra. Reppler.

Nós nos viramos para ela. Outro daqueles bichos saíra do nevoeiro e envolvera as pernas em torno de Dan Miller, em um louco abraço de amante. Miller lutava com ele a socos. Quando me abaixei e apanhei a alavanca de Buddy. a aranha começara a envolver Dan Miller em sua teia mortal. Os esforços dele se tornaram hercúleos, uma saltitante dança mortal.

A Sra. Reppler caminhou para a aranha, com uma lata de repelente de insetos Black F7ag na mão espichada. A aranha estendeu as pernas para ela. A Sra. Reppler apertou o botão e uma nuvem do produto esguichou em um de seus olhos cintilantes, semelhante a uma pedra preciosa. Aquele miado em nota grave soou novamente. A aranha pareceu estremecer de alto a baixo e começou a recuar, suas patas peludas arranhando o pavimento. Arrastou o corpo de Dan atrás de si, aos trambolhões. A Sra. Reppler jogou a lata de repelente contra ela. A lata bateu no corpo da aranha, ricocheteou e caiu ao solo. O bicharoco tropeçou no lado de um pequeno carro esporte, com força suficiente para fazê-lo oscilar sobre suas molas, em seguida desaparecendo.

Cheguei até a Sra. Reppler, que mal se mantinha sobre os pés, mortalmente pálida. Passei o braço em torno dela.

- Obrigada, meu rapaz - disse. - Sinto-me um pouco fraca.

- Está tudo bem - falei em voz rouca.

- Eu o salvaria, se pudesse.

- Eu sei disso.

Ollie se juntou a nós. Corremos para as portas do supermercado, em meio àqueles fios que caíam à nossa volta. Um deles encontrou a bolsa de compras da Sra. Reppler e afundou na lateral de lona. Ela se aferrou carrancudamente ao que lhe pertencia, puxando pela alça com as duas mãos, mas não teve êxito. A bolsa escapou-lhe dos dedos e foi arrastada para o nevoeiro, aos trancos e barrancos, lá desaparecendo.

Quando alcançamos a porta ENTRADA, uma aranha menor, mais ou menos do tamanho de um filhote de cocker spaniel, escapou do meio do nevoeiro, ao longo do lado do prédio. Não produzia teia nenhuma; talvez ainda não fosse madura o suficiente para isso.

Enquanto Ollie inclinava um ombro musculoso contra a porta, para que a Sra. Reppler pudesse entrar, atirei a barra de aço contra a coisa, à maneira de um dardo, empalando-a. Ela se contorceu desvairadamente, as pernas agitando-se no ar, os olhos vermelhos encontrando os meus, como se me marcassem...

- David! - gritou Ollie, ainda mantendo a porta entreaberta.

Corri para lá e entrei. Ele me seguiu.

Rostos pálidos e amedrontados olharam para nós. Éramos sete na ida. Três apenas voltavam. Ollie recostou-se contra a pesada porta de vidro, o tórax imenso arfando. Começou a recarregar a arma de Amanda. Sua camisa branca de assistente do gerente se colara ao corpo è grandes manchas acinzentadas de suor espalhavam-se debaixo de seus braços.

- E então? - perguntou alguém, em voz grave e rouca.

- Aranhas -respondeu a Sra. Reppler, carrancuda. -As bastardas nojentas levaram minha sacola de compras.

Então, Billy correu para meus braços, chorando. Levantei-o no colo e o abracei. Apertadamente.

X. O fascínio da Sra. Carmody. A segunda noite no supermercado. O confronto final.

Era o meu turno de dormir e, durante quatro horas, não me lembrei de absolutamente nada. Amanda me contou que falei bastante, tendo gritado uma ou duas ve zes, mas não me recordo de haver sonhado. Quando acordei, era de tarde. Senti uma sede terrível. Uma parte dó leite se estragara, mas ainda havia algum em bote estado. Bebi um litro e pouco.

Amanda aproximou-se de onde eu me encontrava com Billy e a Sra. Turman. O velho que se oferecera para ir apanhar uma arma no porta-mala de seu carro, vinha com ela - Cornell, recordei. Ambrose Cornell.

- Como está, filho? - perguntou ele.

- Tudo bem. - Não obstante, eu continuava sedento e minha cabeça doída. Deslizei um braço em torno de Billy e depois olhei de Cometi para Amanda. - O que há?

- O Sr. Cometi está preocupado com aquela Sra. Carmody - disse Amanda. - E eu também.

- Por que não vem dar uma volta comigo, Billy? - convidou Hattie.

- Não quero ir - respondeu ele.

- Vá, Grande Bill - falei, e ele se foi, relutante. - E agora, o que há sobre a Sra. Carmody?

- Ela está atiçando os ânimos -disse Comell. Encarou-me com a taciturnidade de um velho. - Acho que precisamos botar um ponto final nisso. Da maneira como pudermos!

- Agora há quase uma dúzia de pessoas com ela - comentou Amanda. Parece algum

louco serviço religioso.

Recordei minha conversa com um amigo escritor que morava em Otisfield, o qual sustentava esposa e dois filhos criando galinhas e escrevendo um livro de bolso original por ano - histórias de espionagem. Havíamos comentado o crescimento da popularidade de livros envolvendo o sobrenatural. Gault havia dito que, nos anos 40, Histórias Fantásticas rendera uma bagatela e, nos anos 50, afundara de vez. Quando as máquinas falham, dissera ele (enquanto sua esposa examina ovos contra a luz e galos cantavam lamuriosamente no exterior), quando a tecnología falha, quando os sistemas religiosos convencionais falham, as pessoas precisam contar com algo. Até mesmo um zumbi cambaleando através da noite, pode aparecer como francamente agradável, comparado à comédia/horror existencial da camada de ozônio dissolvendo-se sob o assalto combinado de um milhão de latas de desodorantes, com spray fluorocarbonado.

Há vinte e seis horas estávamos acuados ali e ainda não tínhamos conseguido fazer nada que valesse a pena. Nossa única expedição ao exterior resultara em zinqüenta e sete por cento de baixas. Portanto, não era de admirar que a Sra. Carmody talvez estivesse aumentando seu rebanho.

- Ela realmente conseguiu doze pessoas? - perguntei.

- Bem, foram apenas oito - disse Comeu - mas a verdade é que ela nunca se cala! Parece estar imitando aqueles discursos de dez horas, que Castro costumava fazer. É uma maldita flibusteira!

Oito pessoas. Não muitas, nem mesmo um número suficiente para preencher uma banca de jurados. Contudo, eu compreendia a preocupação que eles mostravam no rosto. Bastava tornar aquela gente a única e maior força política no supermercado, em especial agora que Dan e Mike não estavam mais ali. A idéia de que o maior e único grupo em nosso fechado sistema estava ouvindo sua arenga sobre os abismos do inferno e os sete frascos sendo abertos, produzia em mim uma terrível sensação de claustrofobia.

- Ela começou a falar sobre sacrifício humano outra vez -disse Amanda. -

Bud Brown foi até lá e lhe disse para cessar com aquelas sandices em seu supermercado. E dois homens que estão com ela-um deles era aquele Myron LaFleus - responderam que quem devia se calar era ele, porque este ainda era um país tire. Brown não se calou, de modo que houve, um... bem, acho que você qualificaria de duelo pugilístico.

- Brown ficou com o nariz correndo sangue - disse Comell. - Os dois falavam sério.

- Imagino que não a ponto de realmente matarem alguém - falei. não sei até onde irão - disse Cornell suavemente - se este nevoeiro não subir. De qualquer modo, prefiro não saber. Pretendo dar o fora daqui.

- É mais fácil dizer do que fazer.

Contudo, algo começara a brotarem minha mente. Cheiro. Ali estava a chave. Havíamos

ficado inteiramente a sós no supermercado. Os besouros poderiam ter sido atraídos pela luz, como acontecia aos besouros mais comuns. As aves tinham simplesmente seguido seu suprimento alimentar. No entanto, as coisas de maior porte nos tinham deixado em paz, a menos que nos mostrássemos a elas de algum modo. A carnificina na Farmácia Bridgton só ocorrera porque as portas haviam ficado escancaradas - eu tinha certeza disso. A coisa ou coisas que tinham agarrado Norton e seu grupo, soavam tão grandes como uma casa, porém ela ou elas não haviam se aproximado do supermercado. E isso significa que, talvez...

De repente, senti vontade de falar com Ollie Weeks. Precisava falar com ele.

- Pretendo sair daqui ou morrer na tentativa-disse Cornell. - Não projetei passar o resto do verão dentro deste supermercado.

- Já houve quatro suicídios - disse Amanda subitamente.

- Como?

A primeira coisa a me cruzar a mente, em um relance de quase culpa, foi que os corpos dos soldados tinham sido descobertos.

- Pílulas -disse Cornell, lacónico. - Eu e mais dois ou três sujeitos carregamos os corpos para os fundos do prédio.

Tive que sufocar um riso agudo. Estávamos ficando com um regular necrotério nos fundos do supermercado.

- O pessoal está diminuindo - disse Comell. - Quero ir embora.

- Não conseguiria chegar a seu carro. Acredite em mim.

- Nem mesmo àquela primeira fila? Fica mais próxima do que a drugstore.

Não lhe dei resposta. Ainda não.

Cerca de uma hora mais tarde, encontrei Ollie saqueando a geladeira e bebendo uma Busch. Seu rosto era impassível, mas ele parecia vigiar a Sra. Carmody. Aparentemente, ela era incansável e estava mesmo discutindo novamente a possibilidade do sacrifício humano, só que, agora, ninguém mais lhe dizia para calar-se. Algumas das pessoas que, na véspera, a tinham mandado calar a boca, se agora não estavam do seu lado, pelo menos queriam ouvi-Ia - superando as restantes em número.

- É bem capaz dessa mulher ainda estar repisando o assunto amanhã de ma-

nhã - comentou Ollie. - Talvez não... mas se estiver, quem você acha que ela escolheria?

- Ouça, Ollie - falei. - Creio que talvez meia dúzia de nós consiga escapar daqui. Não sei até que distância chegaremos, mas acho que, pelo menos, poderíamos sair.

- De que maneira?

Expus-lhe minha idéia. Era bastante simples. Se disparássemos até o meu Scout e entrássemos nele, as coisas não captariam nenhum cheiro humano. Pelo menos, se permanecêssemos com os vidros das janelas fechados.

- E se os bicharocos forem atraídos por outro cheiro? - perguntou Ollie. O da fumaça da descarga, por exemplo.

- Nesse caso, estaremos fritos - concordei.

- O movimento - acrescentou Ollie. - Um carro se movendo através do nevoeiro também poderia atraí-los, David.

- Não acredito. Não haveria o cheiro de uma presa. Aliás, acho que este é o único jeito de sairmos daqui.

- Você não tem certeza.

- Claro que não.

- E para onde iria?

- Primeiro? Até em casa, apanhar minha esposa.

- David...

- Está bem. Verificar. Ter certeza.

- As coisas lá fora talvez estejam em toda parte. David. Podem capturá-lo, no minuto em que sair de seu Scout para a porta de sua casa.

- Se isso acontecer, o Scout é de vocês. Seu. Só lhe peço que cuide de Billy, o melhor que puder e enquanto puder.

Ollie terminou a sua Busch e deixou a lata cair de volta na geladeira, onde ela chocalhou entre as vazias. A coronha do revólver do marido de Amanda assomava em seu bolso.

- Para o sul? - perguntou ele, encontrando meus olhos.

- Sim, eu iria para o sul. Vá para o sul e tente sair do nevoeiro. Tente o mais que puder.

- De quanta gasolina dispõe?

- Um tanque quase cheio.

- Já pensou que seria impossível sair?

Eu havia pensado. Supondo-se que o trabalho desenvolvido pelo Projeto Ponta de Flecha houvesse colocado toda aquela região em outra dimensão, tão facilmente quando virar-se uma meia pelo avesso...

- Isso já me passou pela cabeça - respondi - mas a alternativa parece ser ficarmos aqui, esperando, para ver quem a Sra. Carmody escolhe para o posto de honra.

- Esteve pensando nisso para hoje?

- Não. Já é tarde e aquelas coisas ficam ativas à noite. Imagino que amanhã cedo seja uma boa hora.

- Quem gostaria de levar?

- Eu, você e Billy. Hattie Turman. Amanda Dumfries. Aquele velhote Cornell e a Sra. Reppler. Talvez Bud Brown também. São oito pessoas, mas Billy pode sentar-se no colo de alguém e nos apertarmos no carro.

Ele refletiu na idéia.

- Está bem - disse por fim. - Vamos tentar. Já falou nisso a alguém mais?

- Não. Ainda não.

- Meu conselho seria para não falar, pelo menos, até manhã de manhã. Colocarei umas duas sacolas de mantimentos por baixo da registradora, no corredor mais perto da porta. Se tivermos sorte, conseguiremos dar o fora, antes que alguém perceba o que está havendo. - Seus olhos vagaram novamente até a Sra. Carmody. - Se ela souber, talvez tente impedir que saiamos.

- Você acha?

Ollie pegou outra cerveja.

- Acho - respondeu.

Naquela noite - a tarde de ontem - o tempo escoou-se em uma espécie de câmara lenta. A escuridão esgueirou-se para o interior do supermercado, transformando o nevoeiro novamente naquela fosca tonalidade cromo. Qualquer mundo que restasse lá fora, dissolveu-se lentamente pára negro, por volta de vinte e trinta.

Os besouros rosados voltaram, depois as coisas-aves, arremetendo contra as vidraças e chocando-se' nelas. Alguma coisa rugia ocasionalmente na escuridão e, uma vez, pouco antes da meia-noite, houve um prolongado e rascante Aaaaarimrnm! que fez todos se voltarem amedrontados para o negrume exterior, como faces inquisitivas. Era o tipo de som que se imaginaria proveniente de um gigantesco crocodilo em um pântano.

Tudo aconteceu justamente como Miller previra. Pela madrugada, a Sra. Carmody aliciara outra meia dúzia de almas. O açougueiro, Sr. Mc Vey estava entre elas, de pé,

com os, braços cruzados, olhando para a velha.

A Sra. Carmody estava com a corda toda. Parecia insensível ao sono. Seu sermão, uma firme corrente de horrores à maneira de Doré, Bosch e Jonathan Edwards, fluía e fluía, crescendo para algum clímax. Seu grupo começou a murmurar com ela, a oscilar inconscientemente de um lado para outro, como verdadeiros crentes em uma tenda de despertar ao fervor religioso. Os olhos deles estavam vagos e brilhantes, dominados pelo fascínio daquela criatura.

Mais ou menos às três da madrugada (o sermão prosseguia incessantemente e os não interessados haviam recuado para os fundos do supermercado, procurando dormir um pouco), vi Ollie colocar uma sacola de mantimentos em uma prateleira, debaixo do corredor de registradoras mais próximo da porta SAÍDA. Meia hora mais tarde, ele colocou outra sacola ao lado da primeira. Ninguém pareceu perceber, exceto eu. Billy, Amanda e a Sra. Turman dormiam juntos, perto

da esvaziada seção de frios sortidos. Juntei-me a eles e mergulhei em um cochilo inquieto.

Às quatro e quinze, pelo meu relógio, Ollie veio acordar-me. Cornell estava com ele, os olhos brilhando muito, atrás dos óculos.

- Está na hora, Davi - avisou Ollie.

Uma cãibra nervosa envolveu meu estômago, depois passou. Acordei Amanda. Por minha mente passou a questão do que poderia acontecer, com Amanda e Stephanie juntas no carro, mas foi algo passageiro. Hoje, seria melhor aceitar as coisas como nos vinham. Aqueles notáveis olhos verdes se abriram e fitaram os meus.

- David?

- Vamos arriscar-nos a sair daqui. Quer vir também?

- De que está falando?

Comecei a explicar, mas então acordei a Sia. Turman. para falar tudo apenas uma vez, rapidamente.

- Sua teoria sobre o cheiro -disse Amanda. - A esta altura, é apenas uma dedução erudita, não?

- Exatamente.

- Não faz diferença para mim - declatou Hattie.

Seu rosto estava pálido e, a despeito do sono que dormira, havia grandes manchas descoloridas sob os olhos.

- Eu faria qualquer coisa - continuou ela - assumiria quaisquer riscos, só para ver o sol

outra vez.

Só para ver o sol outra vez. Fui percorrido por ligeiro calafrio. Ela colocara o dedo em um ponto muito perto do centro de meus próprios medos, sobre o senso de quase antecipada ruína que me invadira, desde que tinha visto Norm ser arrastado através da porta de descarga de mercadorias. Era possível vislumbrar-se o sol através do nevoeiro, como uma pequena moeda de prata. Parecia Vênus.

Não era tanto pelas criaturas monstruosas que cambaleavam no nevoeiro; minha defesa com a alavanca revelara que elas não eram nenhum horror Lovecraftiano com vida imortal, mas sempre seres orgânicos, com suas próprias vulnerabilidades. Tratava-se do nevoeiro em si, que sabotava a força e roubava a vontade. Só para ver o sol outra vez. Ela estava certa. Apenas isso, merecia que se atravessasse não um, mas vários infernos.

Sorri para Hattie e ela tentou devolver-me o sorriso.

- Muito bem - disse Amanda - eu quero ir.

Comecei a despertar Billy, o mais delicadamente que pude.

- Estou com você - declarou brevemente a Sra. Reppler.

Estávamos todos juntos, perto do balcão de carnes, exceto pela ausência de Bud Brown. Ele nos agradecera o convite e o declinara. Não deixaria seu posto no supermercado, alegou, mas acrescentando, em um tom de voz incrivelmente gentil, que não censurava Ollie - ar querer ir.

Um aroma desagradável e adocicado começava agora a irradiar-se do reci-

piente de esmalte branco, um cheiro que me fez recordar a época em que nosso freezer ficou avariado, quando passávamos uma semana no Cape. Achei que talvez o cheiro de carne estragando-se é que atraíra o Sr. Mc Vey para o time da Sra. Carmody.

- '... expiação! E sobre a expiação que vamos pensar agora! Fomos flagelados com chicotes c escorpiões! Temos sido punidos por penetrar-mos em segredos proibidos pelo De trs dos relhos tempos! Vimos os lábios da terra se abrirem! Vimos tis obscenidades de pesadelo! A rocha não os esconderá, cr án-ore morta não Ilres dará abrigo! E como isto terminará? Como será detido?

- Expiação! - gritou o bom e velho Myron LaFleur.

- Expiação... expiação... - sussuraram eles, indecisos.

- Quero ous,ir s,ocës dizerem isso com toda a sinceridade! - bradou a Sra. Carmody.

As veias sobressaiam em seu pescoço, como cordões salientes. Sua voz agora era rouca e cacarejante, mas ainda cheia de vigor. Ocorreu-me que o nevoeiro é que lhe transmitira esse vigor -o poder para anuviar as mentes das pessoas, para fazer um jogo de palavras particularmente adequado - assim como tinha tomado do restante de nós o

poder do sol. Antes, ela não passava de uma velha mais ou menos excêntrica, com uma loja de antiguidades em uma cidade cheia de lojas de antiguidades. Nada mais que uma velha, com alguns animais empalhados no aposento dos fundos e uma reputação de

(aquela fèitice ira... aquela cadela!

entendida em medicina popular. Dizia-se que ela podia encontrar água com uma forquilha de macieira, que fazia verrugas caírem e vendia um creme capaz de transformar sardas em sombras do que tinham sido. Eu inclusive ouvira - seria do velho Bill Giosti? -que a Sra. Carmody podia ser procurada (mantendo o máximo sigilo) para conselhos sobre a vida amorosa de uma pessoa; que quando alguém estava tendo dificuldades no quarto de dormir, podia conseguir com ela uma beberagem e tudo voltava a funcionar a contento.

- EXPIAÇÃO! - gritaram todos, um uníssono.

- Expiação, eis a palai-ra! - gritou ela, delirantemente. - E a expiação que fnrã esse nei,oeiro desaparecer! A expiação que ti /ástará esses monstros e abominações! A expiação.túrá com que tis escamas do nevoeiro caiam de nossos olhos, permitindo que enxerguemos! - Sua voz baixou um grau. - E o que é a expiação, segundo a Bíblia? Qual é o cínico purificador do pecado, diante dos Olhos c da Mente de Deus?

- O sangue!

Desta vez, o calafrio sacudiu-me o corpo inteiro, aninhando-se na nuca e me eriçando os cabelos. O Sr. Mc Vey é que dissera aquilo, o Sr. Mc Vey, o açogueiro que estivera cortando carne em Bridgton, desde que eu era uma criança, segurando a mão talentosa de meu pai. O Sr. Mc Vey, recebendo pedidos e cortando carnes, em suas roupas brancas, manchadas de sangue. O Sr. McVey, cuja intimidade com a faca era longa - sim, e também com a serra e o cutelo. 0 Sr.

McVey que, melhor do que ninguém, compreenderia que a limpeza da alma flui dos ferimentos do corpo.

- Sangue... - sussurraram eles.

- Estou com medo, papai - disse Billy.

Estava segurando minha mão apertadamente, tinha o rostinho tenso e pálido. - Ollie - falei - por que não damos o fora desta arca de doidos?

- Certo - disse ele. - Vamos.

Começamos a descer pelo segundo corredor, em um grupo disperso - Ollie, Amanda, Cornell, a Sra. Turman, a Sra. Reppler, Billy e eu. Faltavam quinze minutos para as cinco da manhã e o nevoeiro começava a clarear novamente.

- Você e Cornell, peguem as sacas de mantimentos - disse Ollie.

- Está bem - respondi.

- Eu irei na frente. Seu Scout é um quatro portas, não?

- Isso mesmo.

-Okai, vou abrira portado motorista e a traseira do mesmo lado. Pode carregar Billy, Sra. Dumfries?

Ela o pegou no colo.

- Sou muito pesado? - perguntou Billy.

- Não, meu bem.

- Que bom!

- A senhora e Billy vão no banco dianteiro - prosseguir Ollie. - Abra caminho. A Sra. Turman também no dianteiro, no meio. David, você fica atrás do volante. E nós, os restantes...

- Aonde vocês pensam que vão?

Era a Sra. Carmody.

Estava parada à cabeceira do corredor da caixa registradora onde Ollie havia escondido as sacolas de-mantimentos. Seu terninho era um berro amarelo na penumbra. Os cabelos frisados espalhavam-se desalinhadamente em todas as direções, por um momento fazendo-me recordar Elsa Lanchester, em A Noiva de Frankenstein. Seus olhos chamejavam. Dez ou quinze pessoas, postadas atrás dela, bloqueavam as portas ENTRADA e SAÍDA. Todas tinham a aparência de quem esteve em um acidente de carro, viu um disco-voador pousar ou uma árvore arrancar as raízes do solo e sair andando.

Billy encolheu-se contra Amanda, enterrando o rosto em seu pescoço.

- Vamos sair, Sra. Carmody - disse Ollie, em voz curiosamente gentil. Afaste-se, por favor.

- Vocês não podem sair! Se saírem, é morte certa! Já devia saber disso, não? - Ninguém se meteu com a senhora - respondi. - Queremos apenas o mesmo privilégio.

Abaixando-se, ela descobriu os mantimentos, sem a menor vacilação. Devia saber o que planejávamos, o tempo todo. Puxou as sacolas da prateleira em que Ollie as colocara. Uma se rasgou, espalhando latas pelo solo. A Sra. Carmody atirou a outra ao chão e ela se escancarou, com o som de vidro se quebrando. Havia

soda esguichando para todos os lados e sobre as partes cromadas frontais do corredor de registradoras seguinte.

- Aqui temos o tipo de pessoas que atraíram isto! - gritou ela. - Pessoas que não se dobram à vontade do Todo-Poderoso! Pecadores orgulhosos, arrogantes que são, além de obstinados! É dentre eles que deve vir o sacrifício! Dentre eles virá o sangue da expiação!

Um crescente murmúrio de assentimento a espicaçou. Ela agora estava frenética. A saliva saltava de seus lábios, enquanto gritava para os que se amontoavam às suas costas:

- E o menino que queremos! Peguem-no! E o menino que queremos!

O grupo avançou, com Myron La Fleur à testa, de olhos opacamente jubilosos. O Sr. Mc Vey estava logo atrás dele, o rosto inexpressivo e impassível.

Amanda recuou, cambaleante, apertando Biily ainda com mais força. Os braços dele estavam enrolados em seu pescoço. Ela olhou para mim, aterrorizada.

- David, o que eu...

- Peguem os dois! - gritou a Sra. Carmody. - Peguem essa prostituta também!

Ela era um apocalipse de amarelo e sombria alegria. Ainda mantinha abolsa debaixo do braço. Começou a saltitar.

-Peguem o menino, peguem a prostituta, peguem os dois, peguem-nos, peguem...

Houve o súbito clangor de um disparo.

Tudo se congelou, como se fôssemos uma classe de alunos descontrolados e o professor tivesse acabado de chegar, batendo a porta com estronto. Myron LaFleur e o Sr. McVey estacaram de repente, a cerca de dez passos de distância. Myron se virou, olhando duvidosamente para seu companheiro. O açougueiro não o percebeu, aliás, não parecia perceber a presença de LaFleur. O Sr. Mc Vey tinha uma expressão que eu já vira em inúmeros outros rostos, naqueles últimos dois dias. Ele não era mais a mesma pessoa. Sua mente se estiolara.

Myron agora fitava Ollie Weeks, com olhos arregalados e temerosos. Então, começou a correr. Dobrou a quina do corredor, tropeçou em uma lata, caiu, conseguiu levantar-se e desapareceu de vista.

Ollie permanecia na clássica posição do atirador, com a arma de Amanda aferrada nas duas mãos. A Sra. Carmody ainda continuava na cabeceira do corredor da registradora. Tinha as duas mãos, salpicadas de manchas hepáticas, apertando o estômago. O sangue fluiu por entre seus dedos, manchando-lhe as calças compridas amarelas.

Ela abriu e fechou a boca. Uma vez. Duas vezes. Estava querendo falar. Por fim, conseguiu.

- Todos vocês morrerão In fora! - disse, e então descambou lentamente para diante.

A bolsa escorregou-lhe do braço, bateu no chão e espalhou o seu conteúdo. Um tubo com papel enrolado saiu rolando pelo chão e veio se chocar contra um de

meus sapatos. Sem pensar, abaixei-me e apenhei-o. Era um rolo de papel sanitário, já pela metade. Joguei-o para o chão outra vez. Não queria tocarem nada que houvesse pertencido a ela.

A "congregação" começava a debandar, dispersando-se, após eliminado o seu foco. Nenhum dos membros afastava os olhos da figura caída e do sangue escuro que começava a espalhar-se- de baixo de seu corpo.

- Vocês a assassinaram! - gritou alguém, com medo e raiva.

Entretanto, ninguém apontava que ela estivera planejando algo similar contra meu filho. Ollie permanecia imóvel em sua posição de atirador, mas agora sua boca tremia. Toquei nele de leve.

- Vamos, Ollie. E obrigado.

- Eu a matei - disse ele, em voz rouca. - Não tinha saída!

- Sim - assenti. - Foi isso que lhe agradeci. Agora, vamos!

Pusemo-nos em movimento novamente.

Sem mantimentos para levar-graças à Sra. Carmody -fui capaz de carregar Billy. Paramos um instante à porta.

- Eu não atiraria nela - disse Ollie, em voz grave e contida. - Não, se houvesse qualquer outra alternativa.

- Eu sei.

- Acredita em mim, não?

- Claro que acredito.

- Então, vamos embora.

Saímos do supermercado.

XI. O fim

Ollie se moveu depressa, empunhando a arma na mão direita. Antes que eu e Billy houvéssemos cruzado a porta do supermercado, ele já estava em seu Scout, um Ollie insubstancial, como um fantasma em uma tela de televisão. Abriu a porta do motorista. Depois a traseira. Então, algo brotou do nevoeiro e quase o cortou pelo meio.

Não consegui ver bem o que seria e fico satisfeito por isso. Parecia algo vermelho, da irada tonalidade de uma lagosta cozida. Tinha garras. Emitia um grunhido surdo, não muito diferente do som que ouvíramos após a saída de Norton e seu pequeno grupo de Terrestres Estagnados.

Ollie chegou a disparar um tiro, mas então as garras de coisa continuaram apertando como tesouras e o corpo dele pareceu desmantelar-se, em um terrível jato de sangue. A arma de Amanda lhe caiu da mão, bateu no pavimento e disparou. Tive um demoníaco relance de enormes olhos negros e opacos, do tamanho de bagas marinhas, e então a coisa cambaleou de volta ao nevoeiro, com o que restara de Ollie Weeks em suas garras. Um corpo alongado e multissegmentado de escorpião rastejou pesadamente no pavimento.

Houve um instante de escolhas. Talvez sempre haja, por breve que seja. Metade de mim queria correr de volta para o supermercado, levando Billy apertado contra meu peito. A outra metade corria para o Scout, jogava Billy em seu interior e mergulhava após ele. Então. Amanda gritou. Era um grito agudo, um som em crescendo, que parecia espiralar para o alto, até quase se tornar ultra-sônico. Billy agarrou-se a mim, enterrando o rosto em meu peito.

Uma das aranhas pegara Hattie Turman. Aquela era das grandes e a derrubara. O vestido foi puxado acima de seus joelhos escanifrados, quando o bicharoco se agachou sobre ela, as pernas espinhosas e eriçadas acariciando-lhe os ombros. Em seguida, a aranha começou a fiar sua teia.

A Sra. Curmodv tinha razão, pensei. Vamos morrer aqui fóra, ramos realmente morrer aqui .tbru.

- Amundu! - gritei.

Não houve resposta. Ela estava fora de si. A aranha cavalgou o que sobrara da h«bv-.sítte r de Billy. uma mulher que apreciava decifrar enigmas e quebracabeças, aquelas malditas charadas que nenhuma pessoa normal conseguia fazer. sem ficar biruta. Os fios lhe entrecruzaram o corpo, os cordões alvos já se avermelhando, à medida que o envoltório ácido afundava nela.

Cornell recuava lentamente para o supermercado, os olhos tão avantajados como pratos de jantar, atrás dos óculos. De repente, deu meia volta e correu. Agarrou-se à porta ENTRA DA, conseguiu abri-Ia e precipitou-se para o interior.

A cisão em minha mente se fechou, quando a Sra. Reppler avançou vivamente e esbofeteou Amanda, primeiro de mão aberta, depois com o dorso da mão. Amanda parou de gritar. Corri para ela, obriguei-a a virar-se para onde estava o Scout e gritei "VENHA!" em seu rosto.

Ela foi. A Sra. Reppler passou rente a mim. Empurrou Amanda para o assento traseiro do Scout, entrou depois dela e bateu a porta violentamente.

Desprendi-me de Billy e o joguei dentro do carro. Quando entrei também, um daqueles fios de aranha esvoaçou e pousou em meu tornozelo. Queimava como uma linha de pesca puxada rapidamente. por entre os dedos fechados. Era uma queimadura ainda mais forte. Dei um forte puxão no pé e o fio se quebrou. Deslizei para trás do volante.

- Feche, ./èche essa porta, pelo amor de Deus! - gritou Amanda.

Bati a porta. Apenas um segundo depois, uma das aranhas se chocou maciamente contra ela. Fiquei a centímetros apenas de seus olhos vermelhos, malevolamente estúpidos. Suas pernas, da grossura de meu punho, escorregavam de um lado para outro sobre o teto quadrado do carro. Amanda gritava incessantemente, como uma sirene de incêndios.

- Cale essa boca, mulher! - disse-lhe a Sra. Reppler.

A aranha desistiu. Não sentia mais nosso cheiro, logo, não estávamos mais ali. Trotou de volta para o nevoeiro, sobre seu incrível número de pernas, transformou-se em fantasma e depois desapareceu.

Espiei pela janela, a fim de certificar-me de que ela se fora, e então abri a porta.

- O que está .fazendo? - gritou Amanda.

Eu sabia o que fazia. Gostava de pensar que Ollie teria feito exatamente o mesmo. Dei um meio passo, inclinei-me para fora e apenhei a arma. Algo avançou a toda pressa na minha direção, mas nem cheguei a ver o que era. Joguei-me novamente dentro do carro e bati a porta.

Amanda começou a soluçar. A Sra. Reppler passou um braço em torno dela e a confortou animadamente.

- Nós vamos para casa, papai? - perguntou Billy.

- Tentaremos ir, Grande Bill.

- Está bem - disse ele, quietamente.

Examinei a arma, depois a coloquei no porta-luvas. Ollie a recarregara após a expedição à drugstore. O restante da munição se fora com ele, mas o que eu tinha era suficiente. Ele atirara na Sra. Carmody, depois atirara contra a coisa de garras e, ao se chocar no chão, a arma disparara uma vez. Éramos quatro no Scoút, mas se a situação chegasse a extremos, eu encontraria um meio de acabar comigo.

Passei por um momento terrível, quando não conseguia encontrar meu chaveiro. Verifiquei em todos os bolsos, fiquei de mãos vazias e então tornei a checá-los, forçando-me a agir devagar e com calma. Encontrei as chaves no bolso da calça; tinham ficado debaixo das moedas, como às vezes acontece. O Scout pegou sem dificuldade. Ao ouvir o consolador rugido do motor, Amanda tornou a desfazerse em lágrimas.

Fiquei quieto, ouvindo o motor, querendo ver o que seria atraído por aquele som ou pelo cheiro expulso no cano de descarga. Cinco minutos, os cinco minutos mais longos de minha vida, escoaram-se lentamente. Nada aconteceu.

- Vamos ficar aqui parados ou vamos em frente? - perguntou a Sra. Reppler afinal.

- Vamos em frente - respondi.

Manobrei para sair da vaga e deixei os faróis baixos. Algum impulso - provavelmente um impulso básico -me levou a passar o mais rente que pude pelo Supermercado Federal. O lado direito do pára-choque do Scout empurrou o recipiente de lixo para um lado. Era impossível ver o que acontecia lá dentro, exceto através das vigias - todos aqueles sacos de fertilizante e adubo para jardim faziam o lugar dar a impressão de estar no auge de alguma louca liquidação de jardinagem - mas em cada vigia havia dois ou três rostos pálidos, espiando para nós.

Depois guinei para a esquerda e o nevoeiro se fechou impenetravelmente atrás de nós. E o que foi feito daquelas pessoas, eu não sei dizer.

Dirigi de volta à Estrada Kansas, a oito quilômetros por hora, tateando meu caminho. Mesmo com os faróis do Scout acesos, era impossível enxergar mais do que dois ou três metros à frente.

A terra havia sofrido alguma terrível contorção. Miller estivera certo quanto a isso. Em alguns pontos, a estrada estava apenas rachada, mas em outros, o chão parecia ter sido escavado, erguendo grandes lajes de pavimentação. Consegui ir em frente, graças à tração nas quatro rodas. E também graças a Deus. Ainda as-

sim, sentia um medo terrível de deparar com algum obstáculo que nem mesmo o Scout conseguisse transpor.

Levei quarenta minutos para um trajeto que geralmente exigia apenas sete ou oito. Por fim, o indicador apontando nossa estrada particular brotou do meio do nevoeiro. Despertado faltando quinze minutos para as cinco, Billy caíra profundamente adormecido dentro daquele carro que conhecia tão bem e que devia terIhe parecido o lar. Amanda olhava nervosamente.

- Vai mesmo descer até lá' - perguntou ela.

- Tentarei - respondi.

Contudo, era impossível. A tempestade que se desencadeara havia afrouxado as raízes de inúmeras árvores, e aquela ladeira íngreme, torcida, terminara o serviço de derrubá-las. Consegui rodar sobre as duas primeiras, razoavelmente pequenas. A seguir, cheguei a um robusto e velho pinheiro, atravessado na estrada, como uma barricada contra foragidos. Faltava quase meio quilômetro para chegar até a casa. Billy dormia a meu lado, e então deixei o Scout parado, de motor ligado, enquanto punha as mãos sobre os olhos e refletia no que fazer em seguida.

Agora, sentado no Howard Johnson's, perto da Saída 3 da auto-estrada para o Maine, escrevendo tudo isto em papel de cartas, desconfio que a Sra. Reppler, essa velhota durona e capaz, poderia ter registrado a futilidade essencial da situação em apenas alguns rabiscos rápidos. No entanto, ela teve a gentileza de permitir que eu mesmo cuidasse disso.

Eu não podia sair. Não podia abandoná-los. Nem podia tentar convencer-me de que todos os monstros de filme de terror haviam ficado para trás, junto ao Federal. Quando baixei o vidro da janela - apenas uma fresta - pude ouvi-los no matagal, andando de um lado para outro e entrechocando-se pela íngreme faixa de terra a que, por estas bandas, dão o nome de Ledges, isto é, Recifes. A umidade gotejava das folhas mais altas, sem cessar. Acima de nós, o nevoeiro escurecia momentaneamente, quando algum bicharoco de pesadelo, semelhante a um animado papagaio de empinar, sobrevoava o Scout.

Tentei dizer a mim mesmo - lá e agora - que se ela agisse com a máxima rapidez, fechando a casa consigo mesma no interior, teria alimentos suficentes para dez dias a duas semanas. Não é grande consolo. O que persiste em minha memória é a última lembrança dela, usando o frouxo chapéu contra o sol e suas luvas de jardinagem, a caminho de nossa pequena horta, com o nevoeiro rolando inexoravelmente através do lago, mais atrás.

É em Billy que tenho de pensar agora. Billy, digo para mim mesmo. Grande Bill, Grande Bill... Eu devia escrever isto umas cem vezes nesta folha de papel, como uma criança condenada a escrever Não atirarei bolas de papel durante a atila, enquanto a ensolarada quietude das três horas se derrama através das janelas e a professora corrige deveres de casa em sua mesa, o único som ouvido sendo o de sua pena e, em algum lugar muito distante, o de garotos selecionando equipes para uma partida de beisebol.

De qualquer modo, por fim fiz o único que me era possível. Manobrei o Scout cautelosamente e retornei à Estrada Kansas. Então, chorei.

Amanda tocou meu ombro, timidamente.

- Oh, David, sinto tanto... - disse ela.

- Hum-respondi, tentando conter as lágrimas, sem muito êxito. - Hum... eu também.

Dirigi para a Estrada 302 e dobrei à esquerda, em direção a Portland. Também esta estrada estava rachada e afundada em vários pontos mas, no todo, seu estado era melhor do que o da Kansas. Minha preocupação eram as pontes. A superfície do Maine é recortada por água corrente, de maneira que há pontes por toda parte, pequenas e grandes. Entretanto, o Dique Naples estava intato e, a partir de lá, seria fácil - embora lento - seguir todo o trajeto até Portland.

O nevoeiro continuava espesso. Precisei parar uma vez, pensando que havia árvores atravessadas na estrada. Então, as árvores começaram a mover-se e ondular, fazendo-me compreender que eram mais tentáculos. Fiz alto e, após algum tempo, eles recuaram. Em outra ocasião, uma enorme coisa verde, com um corpo verde e iridescente, provida de compridas asas transparentes, pousou no capô do carro. Parecia uma libélula

incrivelmente disforme. Ficou ali um instante, depois tornou a alçar vôo e se foi.

Billy acordou cerca de duas horas após termos deixado a Estrada Kansas, e perguntou se ainda não tínhamos apanhado sua mãe. Falei-lhe que eu não conseguira descer até a nossa estrada, por causa das árvores caídas.

- Ela está bem, papai?

- Eu não sei, Billy, mas vamos voltar lá e saber.

Ele não chorou. Em vez disto, tornou a dormir. Eu preferiria vê-to debulhar-se em lágrimas. Billy estava dormindo demais e isso não me agradava nem um pouco.

Comecei a ficar com dor de cabeça, devido à tensão. Continuava dirigindo através do nevoeiro, entre oito a quinze quilômetros por hora, e havia a tensão de saber que qualquer coisa podia brotar dele, tudo, afinal - uma erosão, desmoronamento ou Gidra, o Monstro de Três Cabeças. Penso que rezei. Pedi a Deus que Stephanie estivesse viva e que Ele não lançasse meu adultério contra ela. Pedi a Deus que me permitisse levar Billy à segurança, porque ele já sofrera tanto.

A maioria das pessoas estacionara no acostamento, quando da chegada do nevoeiro e, por volta de meio-dia, estávamos em North Windham. Experimentei a Estrada do Rio, mas cerca de seis quilômetros além, uma ponte cruzando um pequeno e ruidoso rio, havia caído na água. Tive que voltar atrás por quase quilômetro e meio, em marcha à ré, antes de encontrar um lugar com espaço suficiente para manobrar. Anal, seguimos para Portland pela Estrada 302.

Chegando lá, peguei o desvio para o pedágio. A ordenada fila de cabines guardando o acesso, havia sido transformada em esqueletos de olhos vazados, em Pola-Glas amassado. Estavam todas vazias. Na porta deslizante de vidro de uma delas, havia um. blusão rasgado, com a inscrição Jurisdição da Auto-estrada Mai-

ne, pregada nas mangas. Estava encharcado de sangue seco. Desde que havíamos deixado o Federal, ainda não tínhamos visto uma única pessoa viva.

- Tente seu rádio, Davi - disse a Sra. Reppler.

Bati na testa, irado e frustrado comigo mesmo, perguntando-me como havia sido tão imbecil, a ponto de esquecer o AM/FM do Scout por tanto tempo.

- Não fique assim -disse a Sra. Reppler, abruptamente. - Você não pode pensar em tudo. Se quiser fazer tudo, acabará doido e isso não adiantaria nada.

Nada consegui, além de guinchos de estática em toda a faixa AM. A FM nada revelou, além de profundo e agourento silêncio.

- Isto significa que todas as estações estão fora do ar? - perguntou Amanda.

Eu sabia o que ela pensava. No momento, estávamos bem para o sul, deveríamos estar

pegando uma seleção das potentes estações de Boston, como a WRKO, WBL e WMEX. No entanto, se nada havia em Boston...

- Isto não significa coisa alguma com segurança - falei. - Essa estática na faixa AM é pura interferência. O nevoeiro está também provocando um efeito amortecedor nos sinais de rádio.

- Tem certeza de que é só isso?

- Tenho - respondi, de maneira alguma convicto.

Segu;mos para o sul. Os marcos rodoviários passavam por nós, em contagem decrescente a partir de quarenta. Quando chegássemos ao Quilômetro 1, estaríamos na divisa de New Hampshire. O trajeto até o pedágio foi mais lento; muitos motoristas não tinham querido desistir, de modo que havia colisões de traseiras em vários lugares. Foram inúmeras as vezes em que precisei usar a faixa central.

Mais ou menos a uma e vinte da tarde -eu começava a ficar com fome -Billy agarrou meu braço.

- Papai, o que é aquilo? O que é aquilo?

Uma sombra destacou-se do nevoeiro, manchando-o de escuro. Era alta como um penhasco e vinha direta para nós. Pisei nos freios. Amanda estivera cochilando e foi atirada para diante.

Algo chegou. Novamente, é só o que posso afirmar com segurança. Talvez fosse porque o nevoeiro só permitia que víssemos coisas de relance, mas creio ser também provável a existência de certas coisas que nosso cérebro simplesmente rejeita. Existem coisas de tanta fealdade e horror - suponho que assim como existem coisas de tanta beleza e lirismo - que elas não conseguem cruzar as insignificantes portas da percepção humana.

Tinha seis pernas, disso estou certo; sua pele era cor de chumbo, salpicada de marrom-escuro. Aquelas manchas castanhas me faziam absurdamente recordar as manchas hepáticas nas mãos da Sra. Carmody. A pele da coisa era profundamente enrugada e sulcada; pendentes e aderentes a ela havia multidões, centenas daqueles "besouros" rosados, com olhos na ponta de talos. Não posso avaliar ao certo qual o seu tamanho, porém o bicharoco passou diretamente sobre nós. Uma de suas pernas enrugadas e cinzentas bateu bem ao lado de minha janela. Mais

tarde, a Sra. Reppler comentou que não conseguira ver a parte inferior de seu corpo, embora espichasse o pescoço para olhar. Viu apenas duas pernas ciclópicas, que subiam e se perdiam dentro do nevoeiro, como torres animadas, até desaparecerem.

No momento em que a coisa ficou acima do Scout, tive a impressão de algo tão grande, que faria uma baleia azul pareces do tamanho de uma truta - em outras palavras, algo tão grande, que desafava a imaginação. Depois ela se foi, deixando em sua esteira uma série de baques sismológicos, cujos ecos chegavam até nós. A criatura deixou pegadas no asfalto da Interestadual, pegadas tão fundas, que eu não conseguia ver-lhes o final

interior. E cada pegada era quase grande o suficiente para que o Sccut afundasse nela.

Por um momento, ninguém falou. Não havia outro som além de nossa respiração e do baque distanciado, indicando a passagem da grande Coisa.

- Era um dinossauro, papai? -perguntou Billy. - Como aquela ave que entrou no supermercado?

- Não acredito que fosse. Acho mesmo que nunca existiu um animal tão grande assim, Billy. Pelo menos, aqui na terra.

Tornei a pensar no Projeto Ponta de. Flecha e novamente me perguntei que loucas e malditas coisas eles poderiam ter feito por lá.

- Podemos continuar? - perguntou Amanda timidamente. - Essa coisa talvez volte.

Sim, e talvez houvesse outras à frente. Entretanto, de nada adiantava dizer isso. Tínhamos que ir a algum lugar. Segui em frente, rodando em ziguezagues, esquivando-me daquelas terríveis pegadas, até elas abandonarem a estrada.

Foi o que aconteceu. Ou, quase tudo o que aconteceu - há um ponto final, ao qual logo chegarei. Entretanto, não vá você esperar alguma conclusão viável. Nada de E eles escaparam do nevoeiro, penetrando no bom calor do sol de um novo dia; ou Quando acordamos,,fnalmente a Guarda Nacional havia chegado; ou, até mesmo o grande e velho chavão: Foi tudo nm sonl,-).

Suponho que seja o que meu pai costumava chamar, franzindo o cenho, "um final à Alfred Hitchcok", com isto querendo indicar uma conclusão em ambiguidade, permitindo que o leitor ou espectador formule a própria opinião sobre como tudo terminou. Meu pai nutria apenas desdém por tais histórias, qualificando-as de "matéria barata".

Chegamos a este Howard Johnson's, perto da Saída 3, quando o crespúsculo começou a ganhar corpo, transformando o ato de dirigir um carro um risco suicida. Antes disso, fizemos uma tentativa na ponte que cruza o Rio Saco. Estava bastante retorcida e disforme, porém, em meio ao nevoeiro, era impossível dizer se o estrago era ou não total. Vencemos esse particular jogo.

Contudo, há o amanhã para se pensar, não é?

Enquanto escrevo isto, faltando quinze minutos para uma da madrugada de vinte e três de julho, recordo que a tempestade parecendo indicar o início de tudo

quanto ocorreu, foi há apenas quatro dias. Billy está dormindo no saguão, em um colchão que arrastei até lá para ele. Amanda e a Sra. Reppler estão por perto. Escrevo à luz de uma grande lanterna Delco e, lá fora, os besouros cor-de-rosa beliscam e tropeçam nas vidraças. De vez em quando ouvimos um baque mais alto, como quando uma das aves alça vôo.

O Scout tem gasolina suficiente para carregar-nos por outros cento e quarenta e cinco quilômetros. A alternativa é tentar arranjar combustível aqui; há um posto Exxon que serve à ilha e, embora não havendo energia elétrica, acho que posso transferir um pouco para o tanque do carro, extraindo-o por meio de um sifão. Entretanto...

Entretanto isto significa ter de ir lá fora.

Se conseguirmos gasolina - aqui ou mais adiante - continuaremos rodando. Agora tenho um destino em mente, compreenda. É a última coisa que eu lhe queria contar.

Eu não tinha certeza. Eis aí a coisa, a maldita coisa. Poderia ter sido imaginação minha, apenas um desejo de realização. Mesmo em caso contrário, é uma demorada chance. Quantos quilômetros mais? Quantas pontes? Quantas coisas

mais adorando dilacerar meu filho e devorá-lo, mesmo que ele grite de terror e agonia?

As chances são tão boas, que não passavam de um devaneio, algo que não contei aos outros... pelo menos por enquanto.

No apartamento do gerente, encontrei um grande rádio de várias faixas, funcionando com bateria. De sua parte traseira sai uma antena achatada, atraves-

sando a janela. Liguei o rádio, virei o botão para BAT., percorri o mostrador, girei várias vezes o botão seletor de faixas e ainda nada consegui, além de estática ou silêncio total.

Então, no último extremo da faixa AM, justamente quando já ia girar o botão de desligar, pensei ter ouvido - ou sonhei ter ouvido - uma única palavra.

Não houve mais nada. Fiquei ouvindo por uma hora, porém nada aconteceu. Se houvesse aquela única palavra, ela chegou através de alguma fenda mínima no nevoeiro úmido; uma passagem infinitesinal, que imediatamente se fechou outra vez.

Uma palavra.

Preciso dormir um pouco... se puder dormir, em vez de ser assombrado até o amanhecer pelos rostos de Ollie Weeks, da Sra. Carmody e de Norm, o rapaz embalador... ou pelo rosto de Steff, meio sombreado pela aba larga de seu chapéu contra o sol.

Há um restaurante aqui, um típico restaurante Hojo, com refeitório e um comprido balcão para almoço, em forma de ferradura. Deixarei estas páginas em cima do balcão e, um dia, talvez alguém as encontre e as leia.

Uma palavra.

Se apenas eu a tivesse ouvido realmente... Se apenas...

Vou agora para a cama. Entretanto, primeiro quero beijar meu filho e sussurar duas palavras em seu ouvido. Contra os sonhos que possam surgir, sabe como é. Duas

palavras que soam um pouco parecidas. Uma delas é Hartford. A outra é hope - esperança.